



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

JOCELINO DA CONCEIÇÃO SILVA JÚNIOR

**TERRITÓRIO DO SAMBA E IDENTIDADES CULTURAIS: PROCESSOS DAS
REDES EDUCATIVAS NOS MORROS DA PIEDADE E FONTE GRANDE**

**VITÓRIA
2021**



mestrado profissional
ppgmpe/ufes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO

JOCELINO DA CONCEIÇÃO SILVA JÚNIOR

**TERRITÓRIO DO SAMBA E IDENTIDADES CULTURAIS: PROCESSOS DAS
REDES EDUCATIVAS NOS MORROS DA PIEDADE E FONTE GRANDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – Mestrado Profissional PPGEME-UFES, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Ines de Oliveira Ramos

Co-orientador: Prof. Dr. Soler Gonzalez

VITÓRIA
2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S586t Silva Júnior, Jocelino da Conceição, 1991-
Território do samba e identidades culturais: processos das
redes educativas nos morros da Piedade e Fonte Grande /
Jocelino da Conceição Silva Júnior. - 2021.
195 f. : il.

Orientadora: Ines de Oliveira Ramos.
Coorientador: Soler Gonzales.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Morro da Piedade. 2. Morro da Fonte Grande. 3. Território do Samba. 4. Identidades Culturais. 5. Redes Educativas. 6. Samba. I. Ramos, Ines de Oliveira. II. Gonzales, Soler. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. IV. Título.

CDU: 37

JOCELINO DA CONCEIÇÃO SILVA JÚNIOR

**TERRITÓRIO DO SAMBA E IDENTIDADES CULTURAIS: PROCESSOS DAS
REDES EDUCATIVAS NOS MORROS DA PIEDADE E FONTE GRANDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – Mestrado Profissional PPGEME-UFES, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação.

Aprovado em: 29 de setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ines de Oliveira Ramos
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Soler Gonzalez
Universidade Federal do Espírito Santo
Coorientador

Profa. Dra. Dulcinéia Campos Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Interno

Prof. Dr. Delton Felipe
Universidade Estadual de Maringá
Membro Externo

Profa. Dra. Jacyara da Silva Paiva
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo

Profa. Dra. Maria Helena Elpídio
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Isabel do Nascimento e Jocelino Silva, em vários momentos da minha escrita lembrava-me da infância difícil no Morro da Piedade ao lado dos meus irmãos Lázaro e Jéssica. Realizar esta pesquisa, com tantos desafios enfrentados neste percurso é uma homenagem para vocês. Nunca pensei em desistir, pois a conclusão de cada etapa da minha vida é dedicada sempre para vocês. Essa conquista é para retribuir o desejo de vocês para que seus filhos se tornassem “alguém na vida”, como toda família pobre e negra sonha. Tenho orgulho, admiração e ao mesmo tempo inspiração em vocês para seguir este caminho pela educação pública, movimentos sociais e na sociedade brasileira. Fazer a diferença por meio da educação e de ações positivas. Ser exemplo.

Aos meus ancestrais e referências (vovós e vovôs), que espiritualmente me acompanham e em grandes pensamentos, guiam as minhas escolhas. Obrigado seu Bento, dona Jura, seu Francisco e dona Jovina.

Dedico este trabalho a todas e todos professoras e professores que passaram na minha formação acadêmica e cidadã, desde a educação infantil, nas escolas públicas onde estudei. Sem dúvida, tem muito de vocês neste processo. Hoje como professor da rede pública de ensino, tem muita inspiração nas boas coisas que aprendi com vocês. Obrigado por demais.

Dedico aos meus amores de vida. Dedico à minha família, a grande Família Silva do Morro da Piedade e Família Nascimento, espalhada por Jacaraípe/Serra. Desculpa às minhas ausências e falhas em vários momentos. Maísa Mariene e Pedro Lucas, meus filhos amados, com quem eu tenho muita gratidão de dividir a

sensação da paternidade, com quem também tenho uma dívida moral em fazer com que a vida de vocês seja pautada no acesso e na garantia dos direitos fundamentais para uma infância e futuro com brilho, alegria e saúde. Amo muito vocês e por tudo faço pelo sorriso em suas vidas. Essa conquista é com/para vocês.

Dedico aos membros do agora Instituto Raízes, ao eterno amigo de grandes lutas e histórias juntas, saudoso Lucas Reis Martins (*in memoriam*), Mariana Ramos minha companheira de todas as horas, obrigado por tudo minha amiga. Aos meus amigos Marcus Vinicius e Victor Faria companheiros das ideias e loucuras de ações. Keila Barbara, Marcela Abdalla, Jackson Mourão, Denise Araújo, Juliana Barcelos, Paola Amaral, Karini Bergi, Victor Barcelos, Paula Maciel, vocês são braços, pernas e cabeça desse corpo, sem vocês nada disso aqui seria realidade.

Dedico aos moradores das comunidades do samba Piedade, Fonte Grande, Capixaba, Moscoso e Centro.

Dedico ao companheiro de tantas lutas e ensinamentos, Lula Rocha. Cumpri o seu pedido, “não ser mais um preto que se torna intelectual e abandona às lutas”. Fui justamente o que não queria, menos intelectual e mais povo, pessoas, morro, lutas e desafios de defender direitos. À você e a todos os que clamam por justiça social dedico este trabalho, muitas saudades, companheiro.

AGRADECIMENTOS - ABRAÇAR E AGRADECER

Maria Bethânia em seu DVD “Abraçar e Agradecer”, faz uma devoção à música, à arte, à vida. Agradece e acolhe a todos por sua caminhada. No ritmo de Maria Bethânia, eu quero agradecer e se pudesse abraçar a todos que estiveram nesta caminhada comigo, de forma direta e indireta.

Aos meus pais, Jocelino Silva e Isabel do Nascimento. Toda gratidão.

Aos meus filhos Maisa Mariene e Pedro Lucas, fonte de inspiração. À Ana Alice por todo cuidado e afeto ao longo dos anos que construímos as jornadas que seguimos partilhando a vida, esteve presente em muitos momentos do meu crescimento pessoal e profissional, no tempo em que me preparei para os frutos de hoje. Obrigado!

Aos amores da minha vida. Obrigado por tudo e toda paciência. Amar é sempre melhor.

Eu preciso agradecer e evidenciar todos que propiciaram a permanência no Mestrado em Educação.

Agradeço aos professores do PPGMPE, àqueles, que verdadeiramente defendem à educação pública, aos que defendem o acesso e a permanência na pós-graduação de trabalhadores, negros e pobres, que com paciência e sabedoria, possibilitaram a conclusão do desenvolvimento desta pesquisa acadêmica, orientando esta pesquisa, sempre com o objetivo que a qualidade permeasse toda a escrita.

Obrigado, Professora Doutora Ines de Oliveira Ramos, minha orientadora, mulher branca, por sua dedicação, acolhimento, escolha e coragem de estar comigo neste processo, que sabemos o quanto foi difícil, mas que você compreendeu a importância deste trabalho de modo geral e disponibilizou a concluir comigo esta caminhada. A ternura e o carinho colocado neste processo foram fundamentais para a conclusão e o reconhecimento potente da pesquisa como um todo. Minha gratidão eterna.

Ao Professor Doutor Soler Gozalez, que se mostrou um verdadeiro desbravador, orientando, corrigindo e impulsionando este trabalho, a pesquisa tem muito a sua cara, suas considerações foram valiosas e integram toda a pesquisa. Obrigado pela coragem e o desafio de botar esse bloco na rua e nas bancas de pesquisas acadêmicas.

À Professora Dulcinéia Campos Silva, pela contribuição ao desenvolvimento desta pesquisa e a conclusão com maior ênfase aos aspectos das redes educativas.

À Professora Doutora Andreia Ramos, que se mostrou disponível, engajada e extremamente necessária para trilhar alguns caminhos desta pesquisa.

À Professora Maria Helena Elípidio, que foi uma grande incentivadora das narrativas acerca do que chamamos território e identidade do samba, pelas sugestões almejando a qualidade da escrita do trabalho.

Meu agradecimento especial a Prof^a Dr^a Jacyara Paiva, mulher preta, que com muita paciência, respeito, compromisso ético e político com o acesso e permanência na Universidade, defendeu a continuidade desse projeto. Foi e é, Educadora Social e Popular, por isso *bota fé* na gente. Obrigado professora, pela dedicação, pelos ensinamentos com carinho e crítica, pela orientação profissional. Além disso, por sempre buscar me estimular a potencializar o pesquisador-professor crítico, mesmo nos momentos de maior adversidade.

Ao Professor Dr. Delton Felipe, que vem de longe nos ensinar, nos (re)conduzir por caminhos que a negritude precisa alcançar, principalmente o caminho do reconhecimento e da visibilidade de suas potências. Seus ensinamentos, com críticas e propostas, o que foi fundamental para a elaboração e desenvolvimento da conclusão deste trabalho.

A Professora, amiga, crítica Ana Heckert, inspiradora, o limite necessário de todos nós, atenta, com espírito de indignação contra as injustiças, lutadora incansável para que todo povo pobre, preto e da periferia alcance seus sonhos e vivam com plenitude, obrigado por tudo.

Agradecer também àqueles que acreditaram na minha capacidade e me deram o gás necessário para chegar até aqui. Foi na esperança que chegamos aqui. Esperançar sempre. Meu total obrigado!

Agradeço imensamente aos colegas da turma Paulo Freire, pelo apoio, braço e peito amigo de todas as etapas deste trabalho, que levarei por toda a vida, e momentos que serão lembrados para sempre, especialmente Marilene Pereira, Mauro Neto, Arlete Pereira e Denise Quadros.

Agradecer ao DCE/UFES pela luta permanente em defesa da educação, do acesso e permanência na Universidade.

Agradeço a Professora Doutora, Psicóloga Luizane Guedes que contribuiu muito para o forjar das minhas caminhadas e está presente na ideia desse trabalho.

Agradecer aos amigos advogados Dra. Izabella Cardoso e Dr. Matheus Passos Corrêa, muito obrigado pela dedicação e empenho de vocês.

À minha família, nas figuras dos meus irmãos, Jéssica, Lázaro e Isaac, meus primos e primas, minhas tias e tios, pela confiança e motivação, pois ser considerado exemplo me fez cumprir com todas as obrigações para não decepcionar a nenhum dos meus amados familiares. Assim, agradeço pela compreensão nos momentos de ausência e da parceria que sempre tivemos em tudo.

Ao território do samba, às escolas municipais, às instituições parceiras, às agremiações carnavalescas, especialmente à Unidos da Piedade, pelos aprendizados cotidianos que me proporcionaram o acesso às demandas da investigação da pesquisa, que fortaleceu o desenvolvimento e a concretização deste trabalho.

Ao concluir essa dissertação, é necessário voltar ao seu início, desde uma simples ideia à sua concretização, para retomar todo o percurso que trilhei e agradecer a diversas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente nessa construção. Muito obrigado mesmo, cada conto, histórias e memórias, estão aqui registradas. Seu Aroldo, Mestre Edu, Carminha Pascolar, Valtinho, Souza, Vovô Bento, Dona Rosinha, Dona

Marlene, Regiane, Mauro Pinto, Rominho Cascavel.

Agradecer as comunidades dos morros da Piedade e Fonte Grande, pela força e pela vibração em relação a este trabalho, às pessoas, famílias, que sempre torceram por mim. À todos que, com boa intenção, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

E não posso deixar de agradecer à toda cidade de Vitória, que confiou em mim 1941 (mil novecentos e quarenta e uma) vezes, com votos de esperança de uma cidade mais igualitária e com justiça social, por meio do processo democrático que são as eleições.

Aos meus amigos e amigas que considero as minhas mães e meus pais, Keila Barbara e Gilberto Saltarelli, que permeiam um cuidado afetivo gigante comigo, me acolhem, me escutam e me incentivam. Lucia Helena Dionizio, guerreira, grande parceira, obrigado por toda torcida e afeto com os meus filhos. Marcela Abdalla, especial demais nesta minha vida, obrigado pelo cuidado e afeto. Carlos Fabian, meu pai, sua força, sua família e sabedoria inspiram sempre, a calma e as reflexões necessárias. Fabíola Cerqueira, seu acolhimento no forte abraço obrigado por tudo nesta longa caminhada que construímos. Paulo Sergio Vieira, motivação da política e do engajamento popular, sua força vem de berço e nos ensina todos os dias. Rayanne Rocha, minha amiga, resistente, potente e companheira das escutas e trocas sobre a vida, como aprendemos nesta amizade desde o Ensino Médio, você é luz. Obrigado por nos seguirmos nos sonhos e projetos de transformações sociais. Ricardo Figueiredo, professor, sabedor de todas as possibilidades e construções educativas, seus ensinamentos e escuta me qualificaram muito. Marilac Stein, pessoa incomum, humana, fantástica, acolhedora, afetuosa, de Deus, obrigado por seu carinho por todo esse tempo, todo respeito e admiração por você. Vitor Vasale, por todo acolhimento, ensinamentos e partilha de dias de vida como verdadeiros irmãos. Zezé da Chega Mais, mulher forte, que acredita, caminha e impulsiona a gente. Muito obrigado guerreira. Você é sensacional. Agradecer a tantos outros, vocês são fundamentais na minha vida e nesta caminhada, muita gratidão mesmo, cada um e uma de vocês sabe o dedo que tem neste processo e outros.

À Chanele pelo companheirismo, pela vida em comunhão, por todo brilho do jeito de

carinhar e dedicação de amor. Acompanhando cada momento desde o início ao fim do mestrado, sendo incentivadora, crítica, inspiradora e sugerindo outros caminhos quando necessário. Sua emoção e brilho no olhar por cada conquista minha, me motiva muito sempre. Você é um grande amor, minha preta, obrigado linda!

Obrigado a todos vocês!

Eu sou lá da Piedade, que é minha comunidade! [...]
Bambas, como Souza e Carço. Valtinho, seu Mário e Aroldo.

Também Nedir, só podemos aplaudir.
E tem dois mestres campeões em harmonia,
Nota dez em bateria, estandarte é campeão.
Mestre Edu e Aloizio Parú, quem já ficou babando, mas não é pra qualquer um.

Sem esquecer do nosso Papo Furado,
do gogó iluminado, que traz força e inspiração,
na avenida deixa o couro afinado, nosso pelo “arrupiado”.

(Piedade Berço do Samba, Lucianinho do Cavaco)

[...]

Também somos linha de frente de toda essa história
Nós somos do tempo do samba sem grana sem glória
Não se discute talento, mas seu argumento, me faça o favor

Respeite quem pode chegar onde a gente chegou

(Moleque Atrevido, Jorge Aragão)

[...]

Minha Vitória, meus amigos, meu lugar,

Sou Piedade, vou mostrar.

(Francisco Velasco e Souza, 2003)

[...]

Oh minha fonte Grande, és a rainha da minha inspiração [...]

Amarra o Burro bota o Chapéu de Lado

Deixa Cair que o samba hoje é coroadado.

(Unidos da Piedade, 1987)

[...]

Não mexe comigo que eu não ando só

Eu não ando só, que eu não ando só

Não mexe não

(Paulinho Pinheiro e Maria Bethânia)

[...]

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá

Nós podemos tudo, nós podemos mais

Vamos lá fazer o que será

(Gonzaguinha).

RESUMO

A presente pesquisa aborda os morros da Piedade e da Fonte Grande, no centro da cidade de Vitória, como o território do samba, por ser esse território o berço do samba no Espírito Santo, onde surgiu a primeira escola de samba em 1955. O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender os processos educativos entre as diferentes redes educativas presentes nos morros da Piedade e Fonte Grande, no que diz respeito às constituições das identidades culturais no território do samba. Como objetivos específicos elencamos, historicizar a contribuição do território dos morros da Piedade e Fonte Grande para a constituição da cultura do samba no Espírito Santo; identificar os processos educativos no/do território e as redes educativas que potencializam sociabilidade e transformação social; e, apresentar, como produto educacional resultado do mestrado profissional, uma proposta de formação pedagógica com os atores envolvidos nas redes educativas do território do samba. A metodologia desta pesquisa é de cunho qualitativo com dados produzidos a partir de leituras, fotografias, mapas, entrevistas conversadas, caminhadas com diários de campo e grupo focal, com representantes das redes educativas do território. Para tanto nos aproximamos da metodologia da pesquisa-ação colaborativa-crítica, segundo Lavoie, Marquis e Laurin (1996) e dos aspectos teóricos-metodológicos das pesquisas com as redes educativas e os cotidianos escolares, segundo Nilda Alves (2019). Dialogamos com estudos sobre racismo, escola e educação com Nilma Lino Gomes (2017) e com Almeida (2018) sobre a noção de população negra e racismo. Os estudos de Milton Santos (2011) nos auxiliaram com a noção de território; e, a formação do território do samba, com os estudos de Oliveira (2011) e Ciccarone (2009). Para pensarmos na educação nos pautamos na noção de educação como prática de liberdade e de transformação social com Paulo Freire (1987). Os dados e resultados produzidos nesta pesquisa desvelam diferentes saberes dos moradores e moradoras, assim como as redes e os processos educativos do território do samba.

Palavras-chave: Samba. Morro da Piedade. Morro da Fonte Grande. Território do samba. Identidades culturais. Redes educativas.

ABSTRACT

The present research approaches the hills of Piedade and Fonte Grande, in the center of Vitória, as samba territory, because this territory is the cradle of samba in Espírito Santo, where the first samba school emerged in 1955. The general objective aspect of this work is to understand different educational processes among the educational networks present in the Piedade and Fonte Grande hills, with regard to the constitutions of cultural identities in the territory of samba. As specific objectives, we list the historicization of the contribution of the territory of the mountains and the grandeur of the capixaba culture; identify the educational processes in/of the territory and as educational networks that enhance sociability and social transformation; and, to present, as an educational product resulting from the professional master's degree, a proposal for pedagogical training with the people involved in the educational networks of the samba territory. The methodology of this research is qualitative in nature with data from readings, photographs, maps, conversations, walks with field diaries and a focus group, with representatives of the educational networks of the territory. To do so, in the critical approach research methodology, according to Lavoie, Marquis and Laurin (1996) and in the theoretical-methodological aspects of research with the educational networks of the second and everyday, Nilda Alves (2019). We dialogue with studies on racism, school and education with Nilma Lino Gomes (2017) and with Almeida (2018) about the notion of black population and racism. The studies of Milton Santos (2011) in the auxiliaries with the notion of territory; and, the formation of the samba territory, with the studies of Oliveira (2011) and Ciccarone (2009). To think about education, we are guided by the notion of education as a practice of freedom and social transformation with Paulo Freire (1987). The data and results of this research reveal different knowledge of the residents, as well as the educational networks and processes of the samba territory.

Keywords: Samba. Piedade Hill. Fonte Grande Hill. Samba territory. Cultural identities. Educational Networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista parcial do Morro da Piedade, (2011).....	23
Figura 2 - Vista parcial do Morro da Piedade (2021).....	24
Figura 3 - Lixo na entrada do Morro da Piedade.....	25
Figura 4 - Casa em situação de risco habitacional com possibilidade de deslizamento	27
Figura 5 - Oficina de Percussão do Instituto Raízes.....	29
Figura 6 - CMEI "Carlita Corrêa Pereira" - Turma da Pré-escola - Educação Infantil.....	30
Figura 7 - Atuação no Conselho Tutelar de Vitória/ES.....	32
Figura 8 - Participação nos Atos a favor da Democracia.....	33
Figura 9 - Oficina de carnaval Instituto Raízes.....	34
Figura 10 - EMEF EJA Prof. Admardo Serafim Oliveira.....	35
Figura 11 - Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira (Beto e Verônica) - Unidos da Piedade	37
Figura 12 - Desfile da Unidos da Piedade em 1991 em homenagem ao Apartheid, enredo da escola “Dessas origens sou rei sim senhor”	39
Figura 13 - Integrantes da escola de samba participantes do documentário “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba” em 2011	54
Figura 14 - Carminha Pascolar e Waldecir Santos, no desfile da Unidos da Piedade em 1986	57
Figura 15 - Bandeira da Escola de Samba Unidos da Piedade.....	58
Figura 16 - Dona Guiomar Leite de Oliveira, uma das primeiras moradoras do Morro da Piedade	59
Figura 17 - Ata de Fundação da Unidos da Piedade, com a Relação dos Sócios Fundadores da agremiação em 1955	62
Figura 18 - Aroldo Rufino, primeiro mestre sala da Unidos da Piedade, no Encontro de Velhas Guardas	66
Figura 19 - Sr. Aloízio Abreu no samba na rua Sete e na eleição da escola de samba em 2011	68
Figura 20 - Sr. Aloízio Abreu no samba na Rua Sete e na eleição da escola de samba em 2011, acompanhado de Sr. Aroldo	68

Figura 21 - Ata da reunião da Unidos da Piedade em 12/05/1986, que nomeia e dá posse à diretoria, sendo a primeira mulher a ser nomeada em toda existência da escola de samba Maria Ortência Magalhães	70
Figura 22 - Dona Marlene Fonseca do Nascimento, baiana da Unidos da Piedade...	71
Figura 23 - Ata da diretoria da Unidos da Piedade, 1993 com nomeação de mulheres na diretoria	73
Figura 24 - Registro do Grupo de Batucada.....	75
Figura 25 - Sr. Mario Benedito Ramos, primeiro compositor de samba enredo no Espírito Santo	76
Figura 26 - Walter Gomes Ferreira, compositor, gravando participação no documentário “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba”	79
Figura 27 - Edmilson Carçoço, compositor da Unidos da Piedade.....	81
Figura 28 - Manoel de Sousa Júnior, compositor da Unidos da Piedade.....	82
Figura 29 - Capa do CD Memórias 01 – 2003, com Edson Papo Furado e imagem da comunidade Fonte Grande; Sr. Edmilson Carçoço, compositor, irmão de Edson Papo Furado	84
Figura 30 - Capa do CD Memórias 02 – 2012/13, com Edson Papo Furado e imagem da comunidade Fonte Grande; Sr. Edmilson Carçoço, compositor, irmão de Edson Papo Furado	85
Figura 31 - Nelson Mandela em sua visita em Vitória/ES.....	86
Figura 32 - Crianças brincando em uma pedra no Morro da Piedade.....	89
Figura 33 - Morro da Piedade, Vitória - ES.....	90
Figura 34 - Capa do livro “Para Sambar com as Crianças” (2018 – 1ªed.).....	97
Figura 35 - Vista do Morro da Piedade pela Fonte Grande.....	100
Figura 36 - Mapa Geográfico do Morro da Piedade.....	101
Figura 37 - Vista do Morro da Fonte Grande pelo Morro da Piedade.....	102
Figura 38 - Mapa Geográfico do Morro da Fonte Grande.....	103
Figura 39 - Foto de Vovô Bento, Olmicio Elias Silva.....	105
Figura 40 - Adolescente carregando botijão de gás, quando mais de 40 famílias deixaram a comunidade	109
Figura 41 - Casa destruída após ser incendiada.....	112
Figura 1 - Casa destruída após ser incendiada.....	112
Figura 2 - Reportagem sobre a participação de adolescentes e jovens em crimes no território	117

Figura 3 - Reportagem sobre guerra do tráfico nos Morros da Piedade e Fonte Grande	118
Figura 45 - Mães adolescente na cidade de Vitória, em 2002 os morros da Piedade e Moscoso representaram 33,3% dos nascimentos na cidade	119
Figura 4 - Prof. Renato Santos e Sr. Bento, na Casa de Memória do Raízes tocando tambores de congo	122
Figura 5 - Oficina de Mestre Sala e Porta Bandeira do Instituto Raízes, com crianças da comunidade no CMEI Bloquinho (2017)	123
Figura 6 - Encontro de Velhas Guardas no Bar da Zilda	126
Figura 7 - Oficina de Bateria CMEI Ernestina Pessoa, no Moscoso.....	131
Figura 8 - Vista do alto do Morro da Piedade	137
Figura 51 - Edson Papo Furado, no encontro de Velhas Guardas.....	139
Figura 52 - Vista de outro ângulo do alto do Morro da Piedade.....	141
Figura 53 - Velha Guarda da Unidos da Piedade no início dos anos 2000.....	146
Figura 9 - Participantes do Documentário “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba”.....	146
Figura 10 - Beco no alto do Morro da Piedade.....	148
Figura 11 - Residência em situação de risco de desabamento no Morro da Piedade	149
Figura 12 - Intercâmbio Cultural do Instituto Raízes com os estudantes da escola Batucada no Rio de Janeiro	162
Figura 13 - Casa de Memória do Instituto Raízes, no alto do Morro da Piedade.....	163
Figura 14 - Os irmãos Ruan e Damião, assassinados brutalmente em 2018.....	166
Figura 15 - Reunião com equipamentos culturais do Centro de Vitória na Sede do Instituto Raízes.....	176
Figura 16 - Intervenção com Bateria na escola pública Batucada.....	179
Figura 17 - Foto das comunidades Piedade e Fonte Grande.....	182

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1 A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL DO PESQUISADOR E SUAS IMPLICAÇÕES COM A TEMÁTICA DA PESQUISA	30
2 RECORTES SOBRE O SAMBA E AS ESCOLAS DE SAMBA. SAMBA, CULTURA E SOCIEDADE: DAS TENSÕES AO RECONHECIMENTO SOCIAL	37
2.1 ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DA PIEDADE: TERRITÓRIO DO SAMBA CAPIXABA	58
3 TERRITÓRIO DO SAMBA: CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVO-CRÍTICA	90
3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVO-CRÍTICA	92
3.2 DO PLANEJAMENTO AO CIRCULAR NO TERRITÓRIO DO SAMBA: À PRODUÇÃO DE DADOS	93
3.3 ORGANIZAÇÃO, CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	99
4 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DA PESQUISA	100
4.1 REDES EDUCATIVAS QUE DIALOGAM COM O TERRITÓRIO DO SAMBA....	131
5 O TERRITÓRIO DO SAMBA CAPIXABA “[...] MORRO(S) DA FONTE GRANDE [E PIEDADE] E ADJACÊNCIAS, CENTRO DE VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, UM LUGAR SAGRADO”	135
5.1 “[...] OS MORROS FONTE GRANDE E PIEDADE CONQUISTARAM A CIDADE. ASSIM FOI QUE A HISTÓRIA COMEÇOU...”	142
5.2 BREVE CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DO TERRITÓRIO DO SAMBA.....	145

6 DIÁLOGOS COM DADOS DOS ESTUDOS: TENSIONANDO AS REDES EDUCATIVAS PELA VIA DOS PROCESSOS EDUCATIVOS DE SOCIABILIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	152
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
8 REFERÊNCIAS	188

INTRODUÇÃO

O som do estampido
Que cala um amigo
No alto
é prenúncio da dor

Quem sai colorido
No sol de estandarte
No pé
Mostra força e o amor

E quem conhece, amizade,
Quilombo Piedade,
Aprende a viver pelo sim
Tem força essa festa
De um povo alerta
Que ensina a entender seu valor

Mas eu sou feito da esperança
Na luta que me encanta
A morte não será o seu fim

É a nossa batalha
Bandeira que valha
O canto de luta da cor.

(Música: Quilombo Piedade – Letra de Marcos Ramos e Música de Edivan Freitas
Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IMU7yr2HE5Q>>.)

O presente trabalho consiste no aprofundamento de um percurso de pesquisa iniciado no Trabalho de Conclusão do Curso em Pedagogia (UFES) com o título “A atuação do Grupo Raízes da Piedade no território do samba capixaba: os morros da Piedade e Fonte Grande/Vitória, ES” (SILVA JÚNIOR, 2015), que após a sua apresentação se tornou referência para desenvolvimento de pesquisas como a de (Oliveira, 2017), (Rodrigues, 2020), o Plano 15 do Morro da Piedade (RAÍZES, 2018), que tratam da dinâmica do território da pesquisa e do samba capixaba que se situa o *lócus*, dessa pesquisa e suas especificidades, subsidiando o acesso a informações pela própria comunidade de sua história, pesquisadores, matérias jornalísticas e formação de professores das escolas públicas do território.

Assim, desenvolver essa pesquisa, com novos sentidos e elementos, buscando ampliar o olhar sobre o objeto estudado de maneira a melhor compreender os Morros da Piedade e Fonte Grande como território do samba e as relações com as experiências e processos educativos existentes na região.

O termo território do samba surge a partir de minhas escritas e construções em ações coletivas que levamos o compartilhamento das sensações e da história das comunidades Piedade, Fonte Grande, Capixaba e Moscoso para além dos limites geográficos desse lugar, reconhecido por sua potência cultural, artística e que abriga a primeira escola de samba do Espírito Santo, criada em 1955 a Unidos da Piedade.

A marca de minha trajetória é trazida pelo crescimento tanto pessoal como profissional no dia a dia nestas comunidades. Ao trazer as narrativas do que vivi para este trabalho é um modo de evidenciar minha relação afetiva construída ao longo de todos os anos da minha vida junto às pessoas deste território. Reafirmando a filosofia africana **“eu sou porque nós somos”**.

Neste sentido considero importante retomar um aspecto já discutido no trabalho de conclusão de curso, além de artigos em jornais e sítios eletrônicos que realizei:

[...] é importante salientar que esta proposta foi produzida a partir de um lugar muito particular de interlocução e os sentidos a partir dela produzidos não serão os mesmos para todos, o que pode surpreender alguns leitores. Mas, certamente, a partilha de sensações, valores e vivências fará com que ele ganhe os sentidos muito próprios e particulares em caso de sua plena execução (SILVA JÚNIOR, 2015, p. 15).

O encantamento pelas comunidades Piedade e Fonte Grande, me instiga, a saber, e poder compartilhar histórias desse lugar. Nesta pesquisa buscamos investigar quais os percursos e processos educativos construídos nos morros da Piedade e Fonte Grande com o samba, e, como estes se relacionam com o cotidiano da comunidade?

Esse questionamento se desvelou a partir de diálogos em rodas de conversas na comunidade e com as relações dialógicas estabelecidas com cada morador, por meio do aprofundamento teórico sobre samba, cultura, território e processos educativos, que sobressaem todas as vezes que dialogam individualmente, nas leituras ou em espaços coletivos, como o que realizamos com o grupo focal para a produção de dados sobre as redes educativas no território da pesquisa.

É importante valorizar o trajeto desta pesquisa que envolve diversas transmissões de conhecimentos por meio da oralidade, das experiências vividas no território, que conecta o passado ao presente trazendo aos ouvidos a vivência que carece ser preservada. Oliveira e Farias (2019, p.48) traz considerações sobre os sentidos da tradição oral:

A tradição oral africana pode ser vista como elo com a nossa ancestralidade, já que elementos dessa tradição foram trazidos para o Brasil principalmente através dos africanos escravizados e foram sendo incorporados através das culturas negras aqui existentes ao universo da cultura nacional. Portanto, conhecer a história dos nossos ancestrais se faz necessário para que possamos compreender os desdobramentos dessa presença, como nos torna também responsáveis em transmiti-la.

A tradição oral e conseqüentemente a oralidade são atos de resistência, pois contam sem ser registradas em livros formais as histórias em uma ótica de contraposição à condição determinada pelas questões que oprimem ou jogaram para a ocupação dos morros ou favelas aqueles que não possuíam condições de permanecerem residindo nos lugares mais baixos da cidade, como costumamos dizer hoje: no asfalto. A tradição oral evidencia também as lembranças do passado e é o fruto de ancestralidade.

Diante disso, desde a minha infância até o presente momento vivenciando o cotidiano do Morro da Piedade. Tanto o morro que eu nasci e me criei, quanto o morro da Fonte Grande, possuem belezas exuberantes e privilegiadas, com nascentes e o frescor da mata atlântica, chamando atenção de turistas, sendo quase impossível conhecer Vitória sem conhecer um dos mais belos parques naturais do Estado, o Parque Estadual da Fonte Grande, agraciado por sua geografia, de onde podemos ver um dos maiores manguezais urbanos do mundo.



Figura 18 - Figura 1 - Vista parcial do Morro da Piedade, (2011).
Fonte: Instituto Raízes (2011) - Fotógrafa Louise Gripp.

Os morros do centro de Vitória, são reconhecidos também por ser o território do samba capixaba, reduto charmoso da boemia da cidade de Vitória, no entanto suas belezas e seus valiosos patrimônios artísticos e culturais, não são suficientes para livrar o território das mazelas, injustiças sociais bem como do racismo estrutural que extermina os jovens negros e que atinge as periferias do Brasil, ou seja, os territórios negros como o território do samba.



Figura 19 - Vista parcial do Morro da Piedade (2021).
Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

Piedade e Fonte Grande, de forma paradoxal, imbricam a grandiosidade cultural e desigualdade social e racial, marcadas pelo abandono de investimento de políticas públicas eficazes de superação das violações dos direitos humanos que acometem seus moradores; sabendo muitas das vezes as escolas públicas e a escola de samba, os professores e os sambistas, mediar esta relação entre a festa e a morte, a cultura e a violação de direitos e oportunidades. Exemplo disso são as ações de violências vivenciadas pelas comunidades que não recebem a proteção social do estado de forma adequada, seja via segurança pública, assistência social, moradia, direitos humanos e outros, recebendo somente o aparato do rabeção (carro que recolhe cadáveres), após as mortes de jovens moradores desses morros.



Figura 20 - Lixo na entrada do Morro da Piedade.
Fonte: Acervo Pessoal (2019).

A seguir apresentamos dados que confirmam a escassez atual de investimentos em equipamentos culturais ou sociais no território da pesquisa, conforme os dados extraídos dos sítios eletrônicos da Prefeitura Municipal de Vitória e da Secretaria Estadual de Cultura.

Serviço Público	Quantidade em 2010	Quantidade em 2020
CMEI	03	03
Escolas Ens. Fundamental e Ens. Médio	05	04
Unidade de Saúde	02	02
CRAS	01	01
CREAS	01	01
Praças	04	04
Parques Municipal e Estadual	03	03
Espaços Culturais Municipal e Estadual	05	08

Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória, Secretaria de Estado da Cultura
<https://observavix.vitoria.es.gov.br/#section-tema>
<https://secult.es.gov.br/>
http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/Censo_2010/sumario_censos_prelim.asp

QUADRO 1 – DADOS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS NO TERRITÓRIO, COMPARATIVO 2010 E 2020.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste contexto, buscamos apresentar a análise dos aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e educativos. Trazer os aspectos que as comunidades e as escolas públicas locais evidenciam em seu cotidiano, é fundamental para que de alguma forma as tradições, a cultura e os sentidos da vida neste território, sejam reconhecidos nas práticas de vida das pessoas deste lugar, e, conforme Milton Santos mencionou ao trazer a relação entre os componentes cultura e território, “A plena realização do homem, material e imaterial, não depende da economia [...]”. Ela deve resultar de um quadro de vida, material e não material, que inclua a economia e a cultural (SANTOS, 2014, p. 18). Na comunidade, sabemos que o índice de casas em situação de risco habitacional é grande, as maiorias das residências no Morro da Piedade apresentam risco geológico, risco de desabamento ou construção irregular, o impacto socioeconômico no território tem uma grande relação com suas vulnerabilidades e especificidades quando tratamos às temáticas políticas públicas nos Morros da Piedade e Fonte Grande.



Figura 21 - Casa em situação de risco habitacional com possibilidade de deslizamento.
Fonte: Acervo Pessoal (2017).

Na definição do que já pesquisamos incluímos em nossas análises, a importância dos contextos escolares das duas escolas públicas sediadas no morro da Fonte Grande e da Piedade, respectivamente, uma de Ensino Fundamental em Tempo Integral e a outra de Educação Infantil. Contextos esses que trouxeram à tona os sentidos do congo, do samba, da violência, do esvaziamento, da ausência de proteção social com ações articuladas de políticas públicas sociais para as comunidades e ocuparam as salas de aulas. As escolas se tornaram positivamente protagonistas com os demais coletivos na busca da superação das vulnerabilidades existentes no território.

Nesta intenção, aparecem as interconexões dos serviços de saúde, da assistência social, segurança pública e os coletivos culturais e sociais, que fazem das redes educativas um instrumento de mobilização e articulação no território da pesquisa e nos cotidianos escolares no território do samba.

Diante dessa problemática procuraremos discorrer sobre o seguinte questionamento: Como tem sido experienciado os processos educativos entre as diferentes redes educativas presentes nos morros da Piedade e Fonte Grande, no que diz respeito às constituições das identidades culturais no território do samba?

Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo geral, compreender os processos educativos entre as diferentes redes educativas presentes nos morros da Piedade e Fonte Grande com os cotidianos escolares no que diz respeito às constituições das identidades culturais no território do samba.

Definimos como objetivos específicos: a) historicizar a contribuição do território dos morros da Piedade e Fonte Grande para a constituição da cultura do samba no Espírito Santo; b) identificar as redes educativas em que se “movimentam” no território e seus atores, promovendo processos educativos, de sociabilidade e transformação social; c) apresentar proposta de formação pedagógica com os envolvidos nas redes educativas inclusivas do território do samba, como produto educacional resultado do mestrado.

Para que essa construção se efetive foi necessária a escolha de métodos e de procedimentos de produção de dados que potencializam essa construção, desse modo, a pesquisa é de cunho qualitativo com dados produzidos a partir de leituras, fotografias, mapas, entrevistas conversadas e grupo focal com representantes das redes educativas do território do samba. Para tanto, a pesquisa-ação foi a metodologia escolhida por se tratar de uma investigação reflexiva, na qual o pesquisador busca avaliar ou interpretar o objeto em estudo, por meio da interpelação a que o submete. No caso, a opção é por uma investigação reflexiva.

A apresentação dos dados e informações trazidas nesta pesquisa não tem o desejo de apresentar uma verdade absoluta ou uma realidade única sobre o território estudado e vivido, mas, desejamos trazer análises e reflexões acerca dos saberes dos moradores e moradoras, professores e professoras, educandos e membros das redes educativas do território do samba, desvelando outras narrativas sobre o lugar e os sujeitos que habitam esse território, ou seja, outras desnarrativas diferentes das que são veiculadas sobre os Morros da Piedade e Fonte Grande. O Instituto Raízes

foi a base principal de dados acerca dos movimentos que promove no território desde 2008, sempre colocando o samba como fio condutor destes processos mobilizatórios.



Figura 22 - Oficina de Percussão do Instituto Raízes.
Fonte: Instituto Raízes (2018).

Vale ressaltar que esta pesquisa iniciou antes da pandemia da Covid-19, no entanto, a fase que intensificamos a produção de dados ocorreu no auge da pandemia, quando infelizmente vivenciamos uma das piores crises sanitárias do mundo que impactou nossas vidas e a pesquisa. Com a Covid-19 ou o novo coronavírus tivemos que repensar e nos reinventar para podermos continuar e resistir às adversidades que vivenciamos com a pesquisa. O Brasil vivencia há mais de 18 meses os impactos desta crise sanitária e que também impactou a pesquisa, a garantia do direito à educação, do direito à alimentação e as famílias do território do samba.

1 A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL DO PESQUISADOR E SUAS IMPLICAÇÕES COM A TEMÁTICA DA PESQUISA

Me apresento sempre como fruto da escola pública, com minha formação desde o Ensino Infantil ao Ensino Superior na Educação Pública (graduação e pós-graduação). Sinto-me um dos que sobreviveram a toda estrutura perversa, racista e excludente da sociedade em que vivemos. Nasci e fui criado no Morro da Piedade, Centro de Vitória/ES, onde meu pai Jocelino e minha mãe Isabel com muita simplicidade trabalharam e se dedicaram às nossas vidas, minha e dos meus irmãos. Foram inúmeros dias embaixo de sol, chuva ou frio que meu pai varreu as várias ruas da cidade, como gari, principalmente no Centro de Vitória. Minha mãe nunca foi à uma reunião da nossa escola, pois organizava os cuidados, os materiais e o almoço do filho de sua patroa, por mais de 30 anos. Sua cobrança e organização para que estivessemos na escola era diário e segundo ela “o caminho para conquistar algo na vida”.



Figura 23 - CMEI "Carlita Corrêa Pereira" - Turma da Pré-escola - Educação Infantil.
Fonte: Acervo Pessoal (1997).

Em 2010 fiz o vestibular da UFES e ingressei no curso de Pedagogia. Foram mais de 4 anos de muito empenho e estudo, dedicado à eles, à toda família Silva e àquelas famílias que se identificam com a nossa história. Assim, o impulso para a realização desta pesquisa se deu em função do meu envolvimento enquanto pesquisador, tanto no aspecto afetivo, quanto no seio familiar e agora profissional com as comunidades Piedade e Fonte Grande.

Neste percorrer de vida, estagiei na Secretaria de Educação de Vitória/ES (SEME), no setor que articulava a gestão democrática e o protagonismo dos estudantes nas unidades de ensino da cidade, especificamente no Ensino Médio. Meu papel era, junto com uma equipe de professores e professoras e outros estagiários, incentivar a participação efetiva dos estudantes nos espaços de gestão da escola e de criação de grêmios estudantis, haja vista que no momento que cursava o Ensino Fundamental, fui o primeiro presidente de Grêmio Estudantil da escola São Vicente de Paulo. Isso despertou atenção dos adultos, pois articulamos nossas ações de forma extremamente organizada e mobilizada, surtindo efeito do sonhado protagonismo estudantil e juvenil em nossos jovens na escola.

Com a experiência na SEME, conheci diversas instituições, dentre elas o Conselho Tutelar, a qual fui eleito pela população de Vitória em 2012 para atuar naquele espaço de proteção de crianças e adolescentes. Após 06 meses de trabalho no Conselho, me tornei coordenador do serviço e conseguimos refazer algumas dinâmicas de funcionamento daquele órgão protetivo. Estabelecemos uma organização no recebimento de denúncias, averiguação e atendimento às famílias. Iniciamos um movimento mais próximo da rede socioassistencial, envolvendo e interagindo de maneira mais parceira e institucional com as escolas, que à época era a principal demandante das intervenções do Conselho Tutelar. Minha jornada no Conselho era voltada a defender de forma integral as diretrizes estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990)¹, e de certo modo ir colocando em prática tudo aquilo que aprendia em sala de aula do curso de Pedagogia na UFES.

¹ Para conhecer o documento, acesse: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>>.



Figura 24 - Atuação no Conselho Tutelar de Vitória/ES.
Fonte: Jornal A Gazeta (Foto: Bernardo Coutinho) 2015.

Através do Conselho Tutelar, participei ativamente de outros espaços de discussões e formulação de políticas públicas, ingressando com maior ênfase nos movimentos sociais também como o Movimento Negro, o Movimento de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos, Conselho Municipal de Educação de Vitória, Fórum Municipal de Educação de Vitória, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Vitória, Comissão do Benefício de Prestação Continuada, Comissão do Plano de Atendimento Socioeducativo, Conferências Municipais, Estaduais e Nacional das diversas políticas públicas setoriais, etc. Todos esses espaços fortaleceram o meu engajamento pela educação e sobretudo pela defesa dos Direitos Humanos de crianças e adolescentes, das comunidades periféricas e de grupos em situação de vulnerabilidade social.



Figura 25 - Participação nos Atos a favor da Democracia.
Fonte: André Duques (2021).

Além da experiência do Conselho Tutelar, no mesmo caminho, venho atuando desde 2008 como Educador Social no Programa Tempo Integral de Vitória e no Coletivo Raízes da Piedade (Instituto Raízes), este último, onde concentro muito das minhas energias e andanças.

No Raízes, integramos o samba como eixo para discussões e intervenções nas comunidades do território do samba, principalmente em parceria com as unidades de ensino e outros equipamentos públicos, pensando ações de cultura, saúde, segurança pública, Direitos Humanos, racismo, assistência social e educação, juventude, infância e idosos. Essas práticas me fizeram observar o quão é latente o samba nesse lugar, que se coloca como conteúdo dos currículos escolares locais, integra o *modus vivendi* comunitário e demarca as identidades culturais do território.



Figura 26 - Oficina de carnaval Instituto Raízes.
Fonte: Acervo Pessoal (2018).

Hoje atuo como Pedagogo e Professor, servidor concursado da Prefeitura Municipal de Vitória, lotado na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Educação de Jovens e Adultos Prof. Dr. Admardo Serafim de Oliveira, espaço que todos os dias reconectamos a necessidade de afirmar direitos e potencializar as experiências de vida como processos educativos, aliando à acesso à escolarização e a formação/produção de novos conhecimentos. Neste espaço encontramos estudantes com deficiência, com diferentes idades, mas com uma única vontade: concluir o ensino fundamental e ocupar os cotidianos escolares e da cidade para aprendizagens, o que em outras palavras e contextos podemos afirmar na busca da garantia do direito à cidade, à vida e à educação.



Figura 27 - EMEF EJA Prof. Admardo Serafim Oliveira.
Fonte: Acervo pessoal (2021).

A experiência de atuar nos cotidianos escolares oferece as variadas possibilidades da dimensão da escola, reconhecendo-a como importante equipamento público que tem o potencial de valorizar o sujeito, os educandos, que são os que trazem consigo seus saberes e experiências culturais.

A partir desse contexto brevemente apresentado o que proponho com essa pesquisa é investigar, identificar e analisar os processos educativos e culturais que compõem a rede educativa do território do samba capixaba: Morros da Piedade e Fonte Grande, lugar que vivo desde os meus primeiros dias de vida, e que me fez aprender a sobreviver e resistir diante da ausência dos direitos mais básicos que lutamos hoje para todos. Destacaremos no desenvolvimento da pesquisa os caminhos percorridos no cotidiano das comunidades e de seus atores principais: moradores, as famílias, os/as professores/as, escolas públicas, trabalhadores/as da assistência social e dos serviços de saúde.

Com esse olhar crítico para o tema da pesquisa, em 2018, decidi participar do processo de seleção para o Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE). Entre a decisão, a escrita do projeto e a participação no processo seletivo muitas coisas aconteceram. A minha inscrição, por exemplo, foi paga por uma amiga-mãe Marcela Abdalla, pois no dia eu não tinha dinheiro para pagar o boleto. A prova de inglês, outro desafio, pois no meu percurso de vida e escolar, não tive a oportunidade de aprofundar o estudo em língua estrangeira. Contudo, ao final do processo seletivo fui aprovado.

A frequência nas aulas presenciais me exigiu um grande esforço pessoal, pois era preciso conciliar estudos e trabalho, articulando folgas e compensação de horário visando o meu direito e o desejo de poder ir em busca de qualificação profissional e acadêmica, mesmo com as barreiras e a falta de apoio institucional, ou seja, são muitas situações e dificuldades que vivenciei na graduação e na pós-graduação.

Foi emocionante voltar à UFES e ter a oportunidade de realizar uma pesquisa que problematize, os sentidos que atravessam a população em relação aos processos educativos, que acontecem nas redes educativas e nos cotidianos escolares do/no território do samba, lugar que tenho uma aproximação afetiva.

2 RECORTES SOBRE O SAMBA E AS ESCOLAS DE SAMBA. SAMBA, CULTURA E SOCIEDADE: DAS TENSÕES AO RECONHECIMENTO SOCIAL

O carnaval da burguesia
 Discriminando assim os foliões
 Ranchos e Sociedades
 Tomam conta da cidade
 Lá se foram os cordões
 Mas o morro resistiu
 E no samba fez escola
 E o toque do artista
 Ao mundo encantou
 E a minha escola tão linda
 Encanta nesta festa multicolor.
 Porto da Pedra, 1999.



Figura 28 - Desfile da Unidos da Piedade em 1991 em homenagem ao Apartheid, enredo da escola "Dessas origens sou rei sim senhor".

Fonte: Jornal A Gazeta, 1991.

Os Morros da Piedade e Fonte Grande, denominado nesta pesquisa por território do samba capixaba, vivenciam e resistem diante das problemáticas que rasgam literalmente a vida cidadina das comunidades periféricas no Brasil e no Espírito Santo, problemas estes decorrentes do abandono das políticas públicas e sociais, de modo que o samba, expressão cultural intimamente ligado à cultura popular e afro brasileira,

é uma das características identitárias e de resistência cultural da população que habita os morros na região central da cidade de Vitória, motivo também de orgulho e alegria para os moradores que alimentam, conforme nos ensinou Paulo Freire (2002), o *esperançar* por dias melhores, mas não esperar imóvel, mas sim em luta.

Nesse contexto no qual a cultura do samba se caracteriza também como identidade de um grupo social, Cavalcanti (1985) observa que, por ser classificada como popular, não significa que essa manifestação cultural seja subalterna:

No Brasil de fins dos séculos XX, diferentes camadas sociais, participam de festas populares como o Bumba-meu-boi, as Cavalhadas e o Carnaval. Popular, portanto, não significa necessariamente subalterno, pois os limites de uma cultura e de uma tradição não acompanham as fronteiras de classe ou grupos". (CAVALCANTI, 1985, p. 17)

Assim, neste capítulo iremos ressaltar o contexto do samba no território que envolvem as comunidades dos Morros da Piedade e Fonte Grande, trazendo elementos surgidos durante a pesquisa-ação sobre a criação dos bairros, os registros de memórias deste território, no exercício de buscarmos sintetizar os entrelaçamentos do surgimento do carnaval carioca e do carnaval capixaba; e, apresentaremos também, alguns indicadores socioeconômicos e culturais que caracterizam o território.



Figura 29 - Desfile da Unidos da Piedade em 1991 em homenagem ao Apartheid, enredo da escola "Dessas origens sou rei sim senhor".

Fonte: Jornal A Gazeta, 1991.

No decorrer das leituras de pesquisas já realizadas (LOPES; SIMAS, 2015), (NATAL, 2017) encontramos informações que indicam como o samba, enquanto expressão cultural, vivenciou momentos que dificultavam a sua expansão pelo Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, assim como na cidade de Vitória, e até mesmo, o reconhecimento do samba como cultura, pois havia uma grande restrição, por parte das pessoas com alto poder aquisitivo à época, e do próprio poder público, criando um processo que visava inferiorizar o samba, e qualquer expressão cultural que viesse e fosse produzida pela camada popular mais pobre, ou seja, pessoas negras com suas expressões culturais como o samba, o jongo e a capoeira.

Surgido no meio dos negros em situação de escravidão no Brasil, o ritmo sofreu o mesmo preconceito racial que seus criadores. Gênero musical que não é apenas um reflexo da história social do Brasil, o samba é também um rompimento da materialidade nas repressões culturais vigentes. O ritmo atravessa gerações e se reinventa a cada nova cadência composta pelos seus compositores, é símbolo e tradição viva, reinventada pelas resistências negras. (IVANIR DOS SANTOS; GINO, 2020 p. 236)

Essa segregação trata-se de preconceito racial advinda pela não aceitação das expressões culturais de matrizes africanas, que formam a maioria das danças, movimentos que a população negra produziu e ainda produz nos espaços urbanos. A visibilidade das expressões culturais nas ruas e nas cidades do Brasil no início do século XX, ganham força com a recém “abolição da escravatura” ocorrida em 1888, “as lutas por equidade racial em âmbito social, político e econômico entre brancos e negros, que, no decorrer dos anos que se seguiram à abolição, não foram resolvidas”, (IVANIR DOS SANTOS; GINO, 2020 p. 234) por isso a forte e existente discriminação racial segue até os dias atuais.

A ancestralidade que é encontrada na música, na dança, nas pinturas de certo modo, reconhece a diáspora africana que relaciona os significados da vida a partir das suas expressões culturais, assegurando as manifestações das identidades culturais, e, ao mesmo tempo, assegurando as formas de resistências aos racismos que ainda insurgem, como forma de tentar invisibilizar os negros no Brasil de todas as formas, e a cultura negra não fica longe dessa estratégia.

De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta, pela expressão, a via corporal foi o percurso adotado para combate, resistência e construção da identidade. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 116).

Lopes e Simas (2015) se debruçaram a escrever o Dicionário da História Social do Samba e trazem elementos, por exemplo, do significado das baianas no carnaval, o sentido de suas danças e vestimentas, o reconhecimento nacional que a figura das baianas, vindas da Bahia e imersas no contexto do samba, tomaram como forma de identidade cultural para o Brasil, representado pela figura de Carmem Miranda.

O traje que vestia as negras de ganho na época colonial, estilizado e difundido pela cantora Carmem Miranda (1909-1955) no âmbito da política da boa vizinhança, tornou-se representação simbólica da imagem da mulher brasileira. (LOPES e SIMAS, 2015, p. 29)

Escutar nossos moradores, artistas e seus tambores (re)contando como surgiu o território do samba capixaba, cuja herança cultural se mantém viva atualmente, foi extremamente gratificante, oportuno e carregado de sentimentos e saberes, esse processo de (re)conhecimento e valorização dos sujeitos sambistas que ocupam os morros caminha para um processo de potencializar suas expressões culturais, na medida que as narrativas deste lugar evidenciam os momentos difíceis da década de 1920, período no qual surgiu o carnaval brasileiro, mais especificamente com os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, revelando também, como o Estado do Espírito Santo participou na expansão do samba para todo o país.

Na contradição das dificuldades para sua livre manifestação, o samba ganha projeção nacional, IVANIR DOS SANTOS e GINO (2020), destacam em um artigo sobre a resistência cultural presente no samba, entre tantos outros pontos, que reconhecem a expressão cultural do samba como de origem negra, e os desafios para o reconhecimento social, político e cultural, ganhando espaço com visibilidade e

[...] fortalecendo a perspectiva de identidade nacional, o samba, no início do século XX, desponta como expressão da cultura popular brasileira. [...] Entretanto, a mesma manifestação cultural que passou a ser ponto de interseção entre a cultura popular e a cultura "oficial" foi, principalmente no período da ditadura militar, alvo de perseguições e cerceamento de liberdade. Como bem nos apontam os documentos, os processos de vigilância e censura sofridos pelo samba e pelas escolas de samba do Rio de Janeiro propõem uma perseguição pelo seu caráter popular. (IVANIR DOS SANTOS; GINO, 2020, p. 235).

E é justamente neste contexto que os Morros da Piedade e Fonte Grande, ganham ênfase na história do samba capixaba, e de certo modo se inserem, como lugares representativos e ao mesmo tempo simbólicos, no cenário artístico e da cultura do Espírito Santo. Pois, foi neste território na década de 1950 que surgiu a primeira escola de samba do estado, a Unidos da Piedade, mas antes de sua criação, os moradores se reuniam em batucadas e blocos. O processo de criação da escola de samba vem com as experiências criadas no Rio de Janeiro.

A novidade do carnaval na entrada do século XX era o chamado curso carnavalesco², ou simplesmente curso, nome dado aos passeios das sociedades carnavalescas. Entendem-se os cursos como o ponto de partida para o surgimento dos carros alegóricos, “[...], pois consistia numa brincadeira na qual carruagens enfeitadas (e, posteriormente, automóveis sem capota) repletos de foliões” (PINTO, 2008, p. 22), em um desfile pelas principais avenidas da cidade do Rio de Janeiro. Ao se cruzarem, os ocupantes dos veículos (geralmente grupos fantasiados) lançavam confetes, serpentinas e esguichos de lança-perfume. O curso possuía restrição social, pois, para brincar no grupo, era requisito básico possuir carro. As camadas populares mais pobres, por não ter acesso a esse bem, não participavam do desfile de cursos.

Com isso, a alternativa para os segmentos mais pobres e negros, que também ocupavam a cidade, era se reunir em pequenos blocos formados pela população das periferias e recém favelas, criadas após o período abolicionista, o traje eram todos fantasiados, de modo improvisado, que desfilavam pelos morros do Centro do Rio de Janeiro e próximo de grandes áreas ainda sem infraestrutura. Foi através destes blocos que surgiram as primeiras Escolas de Samba, hoje, símbolo do carnaval brasileiro e carioca. As primeiras reuniões durante todo o ano, para os desfiles de carnaval, aconteciam na região da Pequena África, no Rio de Janeiro, na zona portuária da cidade.

Foi Heitor dos Prazeres quem deu esse nome à região da Cidade Nova, onde se foram aninhar as camadas mais pobres, expulsas do centro do Rio de Janeiro pelo “bota abaixo” de Pereira Passos, junto com ex-moradores da região portuária, de onde saíram um pouco mais tarde, em decorrência das obras do cais porto. (AUGRAS, 1998, p. 18)

Segundo Braz (2013, p. 86), essa região que

² Curso carnavalesco: Desfile carnavalesco em que veículos ornamentados ou não, conduzindo grupos de foliões, geralmente fantasiados, circulavam pelas ruas. O confete, a serpentina e o lança-perfume eram muito utilizados. A moda surgiu no carnaval de 1907, quando os foliões que tinham carro começaram a desfilar pela avenida, realizando calorosos duelos com outros veículos. Fonte: <<http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000074.htm>>.

[...] compreendia as antigas freguesias da Cidade Nova, Santana, Santo Cristo, Saúde e Gamboa” [que concentrava] “as múltiplas expressões da cultura afro-brasileira, da música à religião, a ‘Pequena África’ foi o berço onde germinou o samba urbano.

Como afirma Augras (1998) e Moura (1983), o samba, em seu início, refugiou-se na casa da Tia Ciata³, na região da Pequena África. A forma de inserir o samba no contexto societário da época, fez com que Tia Ciata se consagrasse a defensora da cultura afro-brasileira, reafirmando as tradições de matrizes africanas que o samba carrega em toda a sua história. Sobre a mulher, negra, Tia Ciata, sabe-se que

[...] era a tia do candomblé e filha de Oxum. Mulher enérgica e trabalhadora”, foi, uma das primeiras “bairanas quituteiras, atividade que tem forte fundamento religioso”, mãe de 15 filhos, todos se envolveram com as questões religiosas, com a criação e organização de ranchos e escolas de samba. Tia Ciata, casou-se com João Batista da Silva, que conseguiu emprego no governo, atuando no gabinete do chefe de polícia. (AUGRAS, 1998, p. 18).

O arranjo empregatício de João Batista, companheiro de Tia Ciata, favoreceu, de algum modo, a proteção dos jovens sambistas que recebiam um olhar negativo pelo poder público. A partir daí, a tolerância com as Casas de Santo, Terreiros de Candomblé e o Samba foram surgindo, até que sua total legitimidade fosse garantida nos meios oficiais.

A casa de Tia Ciata, se mostrou um verdadeiro ponto de salvaguarda, encontro e terreiro dos sambistas, que livremente manifestavam suas expressões culturais, em meio as proibições e as grandes tensões vivenciadas principalmente pela população negra (público frequente do samba na década de 1920). Podemos considerar a atitude de Tia Ciata, de resistência, haja vista, que naquela época a cultura do embranquecimento era extremamente forte, principalmente a partir de ações do

³ Hilária Batista de Almeida (1854 – 1924), nasceu em Salvador – BA, ainda adolescente foi para o Rio de Janeiro em 1876. Considerada a dama do samba e a primeira baiana de uma agremiação carnavalesca. (MOURA, 1995) e (BRAZ, 2013).

Estado, que tinha como objetivo o “branqueamento” dos cidadãos conforme indica Munanga (2000) e Bento (2002).

Cavalcanti (1985) ressalta que o samba era considerado, na linha de outras culturas, como grupo politicamente segregado. A busca do apoio para que o samba se tornasse livre expressa a tensão que o ser múltiplo provoca nos “[...] diferentes contextos históricos, sociais e culturais, permeados por relações de poder e dominação, são acompanhados de uma maneira tensa e, por vezes, ambígua de lidar com o diverso” (GOMES, 2007, p. 19). Ao fugir dessas tensões, o refúgio do samba foi a casa de Tia Ciata, pois enfrentar o poder público, naquele tempo, era desfavorável ao grupo de sambistas, pois o cenário era de censura e invisibilização dos negros e de suas práticas e crenças culturais.

Outro aspecto relevante a ser mencionado é de que, na década de 1920, ainda não reconhecido pelos padrões oficiais, o samba não era referência cultural dos brasileiros. Assim, por não haver uma referência de cultura nacional,

[...] mesmo na época da subordinação formal, ou seja, mesmo quando o modo de produção interno ainda não era capitalista, as classes fundamentais de nossa formação econômico-social colonial encontravam suas expressões ideológicas e culturais na Europa. (BRAZ, 2013, p. 35)

Com a participação de figuras vulneráveis, longe de reconhecimento e qualquer representação significativa para a sociedade à época, o samba era autóctone⁴, a cara brasileira com traços de africanidade, na medida em que não existia no Brasil uma cultura que não fosse a europeia, pois “estava se transformando [a cultura europeia] em universal” (BRAZ, 2013, p. 35). Essa percepção do contexto de criação do samba brasileiro faz parte do processo do acirramento da disputa ideológica, racial, espacial e que no contexto do século XX era muito intenso no país.

⁴ Que ou quem é natural do país ou da região em que habita e descende das raças que ali sempre viveram; aborígene, indígena. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/aut%C3%B3ctone>>. Acesso em: 18/08/2021.

É evidente que a cultura indígena e, em particular a cultura negra desempenham um papel decisivo na formação de nossa fisionomia cultural especificamente brasileira. Mas tal papel ocorreu sempre no quadro de um amálgama com as matrizes europeias (basta pensar, por exemplo, no processo ocorrido na música popular). Quando resistiram contra esse amálgama, independentemente do valor moral dessa resistência, às culturas índia e negra transformaram-se ou em folclore ou na expressão de grupos de marginais. (BRAZ, 2013, p. 35)

No processo de criação do samba no Brasil, cabe destacar que essa expressão cultural surgiu justamente como contraponto aos moldes de socialização e valorização da cultura afro-brasileira existentes em sua época. Seu surgimento na década de 1920 deu-se às escondidas, na casa de terceiros, em lugares distantes dos acontecimentos centrais.

As fronteiras (in)visíveis existentes, definiam o que podia e o que não se podia fazer, fortalecendo assim a segregação social, racial que estabelecia limites entre as áreas nobres e áreas segregadas, logo, podemos identificar uma disputa cultural etnocêntrica, com objetivo essencial de não reconhecer a cultura negra no Brasil. A cultura europeia, ou as culturas reconhecidas pela branquitude, e como padronizadas, eram as que tomavam o espaço das ruas, o reconhecimento social e a visibilidade em jornais. As transformações sociais que valorizam o samba e os desfiles das escolas de samba, vêm a partir dos anos 1930, (AZEVEDO, 2018).

Durante as primeiras décadas do século XX, o samba era considerado música inferior, primitiva e lasciva. A partir dos anos 1930, com a Era Vargas, tornou-se símbolo da nacionalidade. Durante esse período, houve “incentivos ao carnaval das escolas e a utilização da recém-inaugurada radiodifusão”, ajudando “a expandir o gênero nacionalmente” (DINIZ, 2008, p. 16). Nos anos 1940, o “samba passa ser sinônimo de brasileiro e ganha fama internacional, de forma que hoje o mundo inteiro vê o Brasil como berço do carnaval e do samba” (DINIZ, 2008, p. 16). Desse modo, o ritmo foi transformado em queridinho do Brasil. Filtrado e adoçado ao sabor do projeto varguista, o samba penetrou o imaginário como símbolo da identidade nacional, da miscigenação e da brasilidade. (AZEVEDO, 2018, p. 49)

O samba, após driblar as “barreiras” e impedimentos, consegue depois de muita resistência o seu desenvolvimento e crescimento, tornando-o um dos símbolos da

cultura e da expressão artística popular do país, reconhecido inclusive internacionalmente.

Azevedo (2018, p. 49), continua apresentando as perspectivas excludentes que o samba sofreu em sua formação.

Apesar dessa captura, pode-se detectar na história de sambistas uma perspectiva em desacordo com a expectativa nacionalista. Nelson Cavaquinho sugeriu uma outra via ao cantar os versos “tire seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor”. A história desse ritmo está marcada também pela melancolia como assim ficou registrado no samba a “Flor e o espinho”. Ou então pela crítica social, como cantou Leci Brandão na música “Zé do Caroço”. Uma explícita crítica à exclusão, à invisibilidade, à humilhação, “Zé do Caroço” é o herói do morro, da favela, dos esquecidos. Esse herói destrói o mito da brasilidade paradisíaca. Ambos os sambas são compostos no período pós-Vargas, e por meio deles é possível refutar a tese da harmonia dos contrários e da democracia racial que pretendia habitar o imaginário brasileiro.

Em 1927 surgiu a primeira Escola de Samba do Rio de Janeiro, advinda do bloco *Deixa Falar*⁵ do Largo do Estácio. O local de reunião dos fundadores ficava perto da Escola Normal, é por este motivo que dizem que se formou a expressão “Escola de Samba”.

O pesquisador e jornalista Sérgio Cabral, estudioso das culturas populares no Brasil, dedicou-se a muitos anos a registrar as histórias do carnaval e das escolas de samba, em seu livro ‘As Escolas de Samba do Rio de Janeiro’ (1996), a partir de uma entrevista com Ismael Silva, que declarou que a expressão escola de samba foi

⁵ Em sua bandeira, a Estácio de Sá carrega o nome do fundador da cidade do Rio de Janeiro, mas sua história se confunde, sobretudo, com a formação das escolas de samba. A explicação é simples: “Vem de lá, vem de lá”, da região da Praça Onze, a origem da vermelha e branca. É a Deixa Falar, considerada por pesquisadores como a primeira de todas. É no Estácio, pertinho da Praça Onze, reduto do samba, da batucada e do candomblé, palco de personagens clássicos do mundo do samba como Tia Ciata, Donga e Sinhô, que nasceu a Deixa Falar, em meados de agosto de 1927. Um dos seus fundadores é Ismael Silva, sambista de Niterói que se mudou ainda criança para a região do Rio Comprido na década de 20. Inicialmente, a Deixa Falar era bloco, mas logo se tornou escola de samba. A alcunha foi sugerida pelo próprio Ismael Silva, em analogia a uma escola normal que funcionava no bairro. Para ele, a Deixa Falar funcionava como um celeiro de “professores do samba”. – Somente em 1983, a escola passou-se a chamar Estácio de Sá. Fonte: Disponível em: <<http://www.gresestaciodesa.com.br/index.php?Escolha=0&SubEsco=1>>. Acesso em: 19/06/2020.

inventada por ele próprio. Na entrevista, o sambista do Estácio foi um dos fundadores da Deixa Falar, e lembrou que havia uma escola normal próxima ao local onde se dava a reunião dos sambistas, disse que se os mestres se reúnem nas escolas para dar aula para seus alunos, os sambistas se reuniam para dar aula de samba.

Ismael Silva, declarou:

Fui eu. É capaz de você encontrar quem diga o contrário. Mas fui eu, por causa da Escola Normal que havia no Estácio. A gente falava assim: “É daqui que saem os professores”. Havia aquela disputa com Mangueira, Oswaldo Cruz, Salgueiro, cada um querendo ser melhor. “E o pessoal do Estácio dizia: Deixa Falar, é daqui que saem os professores” (CABRAL, 1996, p.01).

Esta, porém, não é a única versão para o nome escola de samba, como a de Ismael Silva, que oralizou como surgiu a “primeira escola de samba” no Rio de Janeiro.

Augras (1998, p. 24), também tem uma suposição sobre o termo escola de samba. Ela nos diz que

Tudo faz supor que foram os mais velhos, os “bambas”, desejosos de mostrar que o *jovem samba* podia ser coisa de respeito, que foram, aos poucos, organizando esses novos blocos seguindo uma estrutura semelhante à dos ranchos. É nessa perspectiva que se situa a adoção do nome “escola” para designar as novas formações.

Apesar de outras contribuições sobre a definição do nome escola de samba, um sentido mais próximo do que pensamos é encontrado nas afirmações de Silva; Santos (2003, p. 67)

[...] as Escolas de Samba originaram-se nos estratos sociais mais baixos e eram formadas por uma população relativamente marginalizada, composta por indivíduos sem profissão definida, em sua maioria, ou migrantes de áreas rurais que aqui ocupavam as posições sociais mais periféricas.

Segundo Cavalcanti (1994, p. 39), existia uma diferença social e econômica entre os agrupamentos e as diversas expressões culturais do carnaval de rua na cidade do Rio de Janeiro:

[...] os ranchos, surgidos em fins do SÉCULO XIX, desfilavam com um enredo, fantasias e carros alegóricos ao som de sua marcha característica e eram organizados pela pequena burguesia urbana. Os blocos, de forma menos estruturada, abrigavam grupos cujas bases situavam-se nas áreas de moradia das camadas mais pobres da população, os morros e subúrbios cariocas.

As primeiras escolas de samba (Mangureira, Portela, Vizinha Faladeira, Império Serrano, Salgueiro, Unidos da Tijuca) eram pequenos agrupamentos de sambistas, reunindo cerca de 100 pessoas e que apresentavam uma estrutura bem simples, segundo a LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro)⁶, em seu sítio eletrônico.

Foi no ano de 1932 que começou o concurso dos desfiles das escolas no centro da cidade, mais precisamente na Praça Onze. O concurso foi organizado pelo Jornal Mundo Sportivo, que era dirigido pelo jornalista Mário Filho. Com isso, abandonando os seus redutos (os morros e periferias da cidade), a elite e o poder público passaram a enxergar, para além do viés cultural, o potencial econômico do carnaval (AZEVEDO, 2018; CAVALCANTI, 1994). O samba se torna símbolo nacional, contudo não deixa os processos segregatórios de seus personagens, que se intensificam ainda mais de acordo com as mutações da sociedade brasileira.

Augras (1998) revela que o primeiro desfile foi com o número de 19 escolas. A competição contou com um júri, com a definição de quesitos e um primeiro

⁶A LIESA - Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro é a organizadora dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, criada em 1984 pelas próprias agremiações com o objetivo de organizar ainda mais os desfiles. Fonte: Disponível em: <<http://liesa.globo.com/>> Acesso em: 19/06/2020.

regulamento. O local ficou lotado para assistir as apresentações que cada agremiação proporcionava. A primeira vencedora foi a Estação Primeira de Mangueira.

[...] compareceram 19 escolas, mas apenas cinco foram classificadas: em primeiro lugar, Mangueira, seguida de Vai Como Pode, empatada com Linha do Estácio; em terceiro lugar, Para o Ano Sai Melhor; em quarto, Unidos da Tijuca. Pode-se considerar que é a partir desse ano, e desse concurso, que, por comparecerem no noticiário local, as escolas de samba passam a ganhar visibilidade em relação à sociedade mais ampla. Nessa data, concurso e premiação abrem caminho para a instituição de normas. É também a primeira vez em que aparece uma comissão julgadora. (AUGRAS, 1998, p. 30)

Segundo discorre a autora, somente em 1933, com o patrocínio do Jornal *O Globo*, que o desfile das escolas ocorreu com lista de quesitos pré-estabelecidos para orientação da comissão julgadora. Eram eles: poesia do samba, enredo, originalidade, e conjunto. Naquele tempo, as definições dos critérios eram feitas ao final dos desfiles. Nesse mesmo ano apareceu o primeiro samba-enredo da história, trazido durante a passagem da Escola Unidos da Tijuca.

Nas compreensões que subsidiaram este trabalho, é possível notar que todo o início do processo de criação das escolas de samba foi dificultado, principalmente para os integrantes, que eram discriminados e sofriam com intensa rejeição, principalmente por suas origens negras, *status* social, além da falta ou empregabilidade desconsiderada por outras profissões reconhecidas como superiores.

Os motivos para a discriminação racial ao samba eram os mais banais possíveis, como o de seus integrantes residirem nos morros, serem negros, não possuir emprego ou trabalho formal, fazer, como se diz no dito popular, “*bicos*” e *biscates*” para sobreviverem e sustentarem suas famílias. (SILVA JÚNIOR, 2015, p. 24)

Chalhoub (apud VALLADARES, 1991) destaca que o fato de ser pobre tornava o indivíduo automaticamente perigoso à sociedade, entendendo como “classes perigosas” todos aqueles que se encontravam fora do mercado formal de trabalho ou dos paradigmas definidos pela classe dominante. As atividades laborais dos sujeitos

implicavam em uma visão descontextualizada com a verdade, o que culminava na discriminação.

[...] fazendo uso de um discurso ideológico dualista, as classes dominantes como que dicotomizavam o mundo: de um lado o mundo do trabalho, da moral, da ordem; de outro um mundo às avessas – amoral, vadio, caótico – que deveria ser reprimido e controlado para não comprometer a ordem. A cada um destes mundos correspondia um espaço: ao primeiro, a fábrica; ao segundo, o cortiço e a rua”. (VALLADARES apud BOSCHI, 1991, p. 87).

O samba sofreu intensamente com essa discriminação racial. O contexto político do Estado Novo, no final da década de 1930, influenciou de forma decisiva as agremiações. Os desfiles das escolas tinham que apresentar em seus enredos temas nacionalistas e sofriam forte repressão policial. Monique Augras (2018) elenca alguns movimentos, que chamou de processo repressivo para que a aceitação do samba fosse estabelecida. Na verdade um processo organizado concordando com a ideia de Silvio Almeida (2018) com práticas de racismo estrutural. Augras discorre sobre o processo “*educativo para o samba*”.

Realçar aquilo que se julgava ser ‘intrínseco’ ao homem brasileiro implicava o interesse pelo samba. Mas aos olhos da elite intelectual era claro que não se podia deixá-lo proliferar em qualquer direção. Suas origens negras marcavam-no com o selo do primitivismo. Era necessário educá-lo, dar-lhe formato mais civilizado, mais condizente com os padrões da moderna nacionalidade. (AUGRAS, 1998, p. 52)

Após muitas resistências, o samba é hoje um dos símbolos da cultura brasileira e que acompanha ao longo dos anos as construções e mutações identitárias da sociedade brasileira (Hall, 2002), resistindo às ondas neoconservadoras em alguns espaços de poder no Brasil, que tentam inferiorizar as culturas dos territórios negros, com o abandono e o sufocamento político e social, das comunidades periféricas e dos movimentos sociais.

Hoje o apoio governamental, através dos recursos de subvenções para as escolas de samba, faz com que surjam novas críticas à sua existência. Isso quer dizer que a

cultura negra, as religiões de matrizes africanas, a defesa da dignidade e da promoção dos direitos humanos, voltaram a ser temas que confrontam diretamente a agenda política e estatal do Brasil nos dias atuais. Stuart Hall (2002, p. 323-330) enfatiza uma problematização acerca da ambiguidade entre a apropriação e esvaziamento pelas burocracias tecnológicas, políticas e culturais e abre uma contestação estratégica onde expressa que o lugar da cultura negra expressa nas mídias contemporâneas, provocando uma crise na centralidade cultural do Ocidente. O autor segue na defesa de que há uma necessidade da presença e da afirmação da cultura popular negra nos espaços de mídia, o que faz reverberar e repercutir enunciações subalternizadas, de modo que o “socialmente periférico” pode se tornar “amíúde simbolicamente central” na representação.

Como se pode notar, o “reconhecimento” e a tolerância das escolas pelo Estado, sociedade e empresas privadas, implicaram em uma normatização e adequação às regras socialmente estabelecidas. As escolas acabaram por se “enquadrar” a um tipo de controle por parte do Estado. Diante disso, a estratégia seguida pelas escolas, visando “driblar” a repressão, era utilizar como enredos críticas sociais em forma de sátiras nas marchas. Entretanto, no decorrer dos anos, essa estratégia acabou sofrendo intervenção governamental, e muitos sambas enredos passaram a ter como temática a história oficial, sem, contudo, perder o seu lado de crítica social, mesmo que essa crítica fosse feita de forma sutil.

A história de resistência do samba nos faz lembrar de um fato importante, quando em 1969, a Império Serrano em plena ditadura civil-militar, exaltava aqueles que lutavam pela liberdade, como nos mostra um trecho do seu enredo. De acordo com Augras (1998), o último verso foi mudado pela censura. Onde lê-se evolução era na verdade “revolução”:

Ao longe, soldados e tambores
Alunos e professores
Acompanhados de clarim
Cantavam assim:
Já raiou a liberdade
A liberdade já raiou
Essa brisa que a juventude afaga
Esta chama que o ódio não apaga
Pelo universo é a evolução

Em 2007, o samba carioca foi considerado Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O Instituto registrou oficialmente as matrizes do samba do Rio de Janeiro – **samba de terreiro, partido-alto e sambanredo** – no Livro de Registro das Formas de Expressão. Esse processo, segundo (NOGUEIRA; SANTOS, 2018) foi realizado a partir de um trabalho coordenado pelo Museu do Samba/RJ, antigo Centro Cultural Cartola, o reconhecimento vem corroborar com a ideia de dar visibilidade aos sambistas e suas comunidades.

Se a escravidão que se abateu sobre o povo negro africano foi abolida há mais de cem anos no Brasil, seus grilhões permanecem presentes no racismo e na desigualdade social. Entendemos que uma das contribuições centrais do samba é o seu alto potencial enquanto transformador e aglutinador social, algo que historicamente favoreceu que comunidades marginalizadas enfrentassem suas condições de exclusão e alcançassem dignidade, reconhecimento e centralidade na cultura nacional. Mais que uma manifestação artística, o legado do samba constrói a interconexão entre as estruturas sociais, laços afetivos, identidades, autoestima e heranças culturais de suas comunidades afrodescendentes de origem. (NOGUEIRA; SANTOS, 2018, p. 58)

Ao alcançar o seu reconhecimento institucional, sendo imaterializado suas manifestações, o samba e seus artistas trazem em suas histórias um “percurso [que] foi marcado por conflitos, avanços e retrocessos, afirmação do gênero, ressignificações e enfrentamento de atitudes discriminatórias” (MULLER, 2007, p. 51), pois é preciso concordar com Gomes, que

[...] ao longo do processo histórico e cultural e no contexto das relações de poder estabelecidas entre os diferentes grupos humanos, algumas dessas variabilidades do gênero humano receberam leituras estereotipadas e preconceituosas, passaram a ser exploradas e tratadas de forma desigual e discriminatória. (GOMES, 2007, p. 20)

As novas tensões, como por exemplo: as políticas conservadoras que ocupam os poderes legislativo e executivo, a rixa com as religiões neopentecostais, a dificuldade das escolas de samba manterem sua ala das baianas em virtude de muitas senhoras terem se tornam evangélicas, fenômeno dos traficantes que são traficantes evangélicos que expulsam terreiros de umbanda e candomblé das favelas, atinge,

principalmente, o que considero o ponto fraco das agremiações, o financeiro. A falta de financiamento do poder público coloca o samba em escassez dentro da política pública de cultura. O não investimento na cultura popular e tradicionais tem sido marca nas gestões de políticas públicas.

De outro lado, as comunidades acabam sendo vitimizadas com a busca desenfreada de recursos e possibilidades de a escola “ser a do momento” ou ter um status, deixando à mercê a preservação de importantes histórias, memórias e até mesmo das tradições locais e seus personagens. Hoje colocar uma escola de samba na avenida, pode ser também, romper com muitas relações afetivas e construir outras, com caminhos obscuros que desvirtuam o samba em sua mais pura e simples essência.

Esses desencontros entre a essência do samba e de sua importância social com questões mercadológicas e diálogos de seu financiamento, são visualizados no território do samba e da pesquisa a partir das narrativas de seus moradores e integrantes da escola de samba, que lamentam a perda de sentimento de pertença da escola com as comunidades. Neste trabalho vamos encontrar muitos sujeitos que narram, que destacam a resistência cultural do samba e de viver em território vulnerabilizado.

No documentário “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba” (Instituto Raízes, 2011), dividido em três episódios disponíveis no Youtube⁷ traz algumas situações que apontamos neste parágrafo. Aos 02’03 minutos do 2º episódio do documentário, Kelly Reis, moradora da comunidade, lamenta a retirada das “reuniões da direção e do barracão da escola Unidos da Piedade do território”, e reforça a exclusão e a cultura do medo, considerando que à época da gravação do vídeo, em 2011, a comunidade

⁷ Episódios do documentário “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba” <<https://www.youtube.com/watch?v=3sA8OGmh28Y>>, produzido pelo Instituto Raízes em 2011, que registra um diálogo entre os jovens e membros mais velhos da escola de samba Unidos da Piedade, teve como objetivo conhecer melhor a história e tradições das comunidades envolvidas com a escola. Retratar a cultura e memória revelada por meio da música, da dança, das histórias de vida dos sambistas, suas trajetórias e composições possibilitando a transmissão de conhecimentos intergeracionais num sentido de coletividade, pertencimento e cidadania.

já vivenciava a intensa guerra pelo tráfico de drogas e a marca de brutais assassinatos de jovens negros.



Figura 30 - Integrantes da escola de samba participantes do documentário “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba” em 2011.

Fonte: Instituto Raízes - Foto de Louise Gripp.

As transformações do carnaval e da escola de samba Unidos da Piedade, aparecem nos diálogos que permeiam as entrevistas do documentário. O distanciamento físico e afetivo que a gestão da escola de samba produziu, a partir das novas construções de ideia de escola de samba e de gestão da produção do carnaval, inclusive com novas nomenclaturas, antes barracão e agora atelier.

Figura carismática, disponível e apaixonada pelo samba e pela Unidos da Piedade, Regiane Aguiar, moradora da Fonte Grande, foi porta bandeira da escola, participa da ala de baianas e é presença marcante nos eventos da escola, traz em suas falas a angústia dos novos processos que a escola foi inserida, lembrando o passado ‘glorioso’ e contextualizando o presente, amargo.



Figura 31 - Regiane Aguiar, ex porta bandeira, baiana e apaixonada pela Unidos da Piedade. Ensaio da Escola ano 2021.

Fonte: Acervo pessoal.

As fantasias eram muito simples e a escola ganhava. Hoje tem muito luxo e a escola não ganha. [...] quando o barracão era aqui (Fonte Grande) [...] o pessoal que subia do serviço eles tudo paravam pra dar uma mão, pelo menos pra dar uma colagem, como o barracão mudou, muita gente reclama, poxa: 'mas o barracão foi pra longe, não tem condições da gente ir, subir parar pra dar uma ajuda, a gente não sabe como tá a escola, a gente só vê lá na avenida [...]' (SIC, Regiane Aguiar, 2011, Documentário Raízes)

Na mesma linha, de forma ainda mais incisiva, mencionando a distinção social por meio econômicos, o lendário intérprete da Unidos da Piedade, Edson Rodrigues do Nascimento, conhecido como Edson Papo Furado, descreve essa perda de pertencimento que o afastamento da escola de samba da comunidade produz no território. Critica contundentemente a relação dinheiro e carnaval.

Hoje pobre não tem dinheiro pra pagar uma fantasia. E era dos pobres, a escola só era 'négo' de morro que saía. [...] A escola de samba era da

comunidade, hoje não tem mais isso. Era da comunidade [...] a escola saía pequena, compacta. (SIC, Edson Papo Furado, 2011, Documentário Raízes)

O último campeonato que a Unidos da Piedade conquistou foi em 1986, na ocasião homenageou a chegada do Café no Brasil. Nas conversas de memórias na comunidade, a descrição para esse desfile é como se fosse um sonho nos contos das pessoas, escutei meu pai, Jocelino Silva, dizer que a “escola estava luxuosa demais, fantasias bem confeccionadas e a bateria um show. Até o governador Gerson Camata desfilou na escola, com o dia raiando na Av. Reta da Penha”. Rosa Maria Reis, mais conhecida como Dona Rosinha, afirma que a sensação era que a Piedade iria ser campeã, “não tinha pra ninguém. O dia amanheceu e ali a gente já tinha visto outras escolas, a Piedade estava impecável. Na opinião dela, em 1986 e em 2011 (enredo sobre a dança) que a escola desfilou lindamente e merecia o título. Sobre esse mesmo desfile (1986), Carminha Pascolar conta que

[...] a comunidade era muito unida. Tínhamos costureiras em cada canto do morro, as famílias faziam suas próprias fantasias. Mas naquele ano, foi um desfile diferente, foi a primeira vez que o desfile foi na Reta da Penha. Quando terminou o desfile já sabíamos que seríamos campeões. O desfile foi maravilhoso. Foi o melhor desfile que a Piedade já fez. As pessoas se empenhavam demais. (depoimento Carminha Pascolar, 2021).



Figura 32 - Carminha Pascolar e Waldecir Santos, no desfile da Unidos da Piedade em 1986.
Fonte: Acervo da Família.

A organização da escola de samba naquele ano é citada pela maioria dos personagens que participaram daquele momento. O presidente da época, senhor Paulo Paiva (*in memoriam*), também concedeu depoimento ao Instituto Raízes, em seu relato, menciona a investidura de políticos no contexto da escola de samba e das dificuldades financeiras para realizar os desfiles, e deixa uma posição sobre o assunto.

[...] Eu tinha as mesmas dificuldades há 25 anos atrás, só que agora o samba está mais politizado, está havendo muita interferência política e isso para o samba não é muito bom. Eu sempre procurei evitar essa interferência, para deixar a comunidade mais a vontade, sem ficar com o rabo preso com políticos que deterioram o samba, não é uma coisa saudável. Para ajudar uma comunidade não precisa de interferência política. (SIC, Paulo Paiva, 2011, Documentário Raízes)

2.1 ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DA PIEDADE: TERRITÓRIO DO SAMBA CAPIXABA



Figura 33 - Bandeira da Escola de Samba Unidos da Piedade.
Fonte: Arquivo Pessoal.

No Espírito Santo, a Unidos da Piedade é tida como reduto do samba capixaba, pois é a primeira agremiação do estado. Neste cenário, as memórias que circulam pelos morros indicam mais que recordações, elas remontam às práticas de transmissão cultural e as possibilidades de afirmação da identidade cultural e do pertencimento ao território (SIQUEIRA, 2013, p. 11-12).

A história do surgimento do samba no Espírito Santo tem características semelhantes às do Rio de Janeiro. A exclusão social, a discriminação racial e os processos carregados de preconceito, segregação e de invisibilidade dos sujeitos sambistas, que eram considerados subalternos.

Em Vitória também havia encontros de samba em locais afastados do cotidiano da cidade, por exemplo o alto do Morro da Piedade, no quintal de Dona Guiomar Leite de Oliveira, uma das primeiras moradoras da comunidade Piedade, hoje esse quintal

abriga o CMEI Carlita Corrêa Pereira. O quintal de dona Guiomar, se assemelhava ao quintal de Tia Ciata, no Rio de Janeiro. Por ser respeitada e muito conhecida na região central da cidade de Vitória, seu quintal era a expressão de liberdade para a cultura praticadas no alto do morro. Ao falar de dona Guiomar, falamos da intergeracionalidade que forma o contexto da escola de samba



Figura 34 - Dona Guiomar Leite de Oliveira, uma das primeiras moradoras do Morro da Piedade.
Fonte: Acervo da Família.

A diferença de classes sociais, a disputa etnocêntrica entre uma suposta cultura dominante e uma suposta cultura inferior, tinha como propósito destacar, cada um da sua forma, a cultura e costumes de seu grupo social. Obviamente, a cultura expressada pelos negros e moradores de territórios periféricos e pobres, não era reconhecida como prática lícita, ou para os bons costumes. Por isso, muitos encontros eram realizados escondidos.

A chegada do samba na cidade de Vitória, com intuito de criar uma agremiação carnavalesca, se deu inicialmente nos morros da Piedade e Fonte Grande, a partir de incentivos dos jovens moradores das comunidades, que além de suas atividades laborais juntavam-se em terreiros pelos morros, para “fazer samba” e confraternizar de forma escondida. Tudo isso longe do glamour e do furor da sociedade da época e do centro urbano. Assim, nos contam Aroldo Rufino de Oliveira, Eduardo Silva Filho

(Mestre Edu), Aloízio Abreu *in memoriam* (Mestre Parú), dentre outros atores do samba local.

O samba que desde a origem é arte
 O samba foi combatido, espancado, oprimido
 Mas não se entregou
 (Luis Carlos da Vila *apud* BRAZ, 2013, p.63)

Naquele tempo, segundo Paranhos (2013, p. 81), o samba precisou enfrentar um “[...] longo percurso até deixar de ser um produto da cultura marginal e receber as honras de símbolo nacional”, esse longo percurso que vimos no início deste capítulo da pesquisa, tem sentidos e práticas resistentes em terras capixabas. Como no Rio de Janeiro, em Vitória houve grande resistência ao samba, uma não aceitação às suas manifestações. Nos anos de 1950, sambistas das comunidades encontraram uma forma de se reunir nos altos dos morros, para confraternizarem e entoarem suas composições e histórias. Osvaldo Martins de Oliveira, em uma organização de e pesquisa sobre memória social no território destaca que

A memória social sobre o samba nos morros da Piedade e Fonte Grande remontam a um tempo em que ainda não existiam escolas de samba no Espírito Santo e afirma que ali, no início da década de 50 do século XX, existiam diversas batucadas e blocos carnavalescos, como as batucadas Mocidade e Chapéu de Lado e os blocos Amarra o Burro e Deixa Cair. As lembranças acerca dos antigos participantes deste universo cultural remonta às décadas de 30, 40 e 50. Vários nomes valorizados pela memória social, como Zé do Coto, José Nascimento, Arlindo Boaventura, Ailton Canário, Nestor Lima, Claudionor Coelho, Baiano Rico, Pedro Peitudo, Eduardo Silva, Rominho, Eduardo Silva, Hélio Silva e Aroldo Rufino, aparecem como representantes da cultura nos morros a partir dos anos de 1940. (OLIVEIRA, 2011, p. 10).

O refúgio dos sambistas capixabas era dentro de suas próprias comunidades, nos botecos, nas pedras⁸ e terreiros. Os encontros aconteciam nos finais de semana e

⁸ Grandes pedras que se tem nas comunidades Piedade e Fonte Grande, onde os grupos se reúnem até os dias atuais para conversarem. O alusivo samba de “honra” da escola faz referência às pedras

momentos de lazer dos sambistas, entre homens e mulheres, crianças e jovens. Aroldo Rufino e Mestre Edu, afirmam que sempre a família estava reunida.

Nas narrativas de diferentes atores e sujeitos da escola de samba que manifestam suas opiniões, sobre a fundação da escola de samba Unidos da Piedade, todos apontam o ano de fundação da escola em 1955, no entanto, aparecem divergências no campo dos fundadores (principalmente por alguns dos que deram depoimento serem crianças ou adolescente no ato de fundação da escola) e na organicidade da escola à época. A resposta para esta divergência sobre os fundadores é respondida, e que, embora não assinassem a ata de fundação, acompanharam a discussão e viram seu crescimento e fortalecimento enquanto escola de samba. Portanto, assim o processo de participação de criação da Unidos da Piedade e sua formatação até chegar aos dias atuais, perpassa muito além de assinar a ata de fundação.

Sobre a fundação da Unidos da Piedade, Eduardo Silva Filho, apresenta uma desnarrativa acerca da fundação da escola.

[...] nenhum desses que se dizem fundadores aí são. Aonde já se viu criança fundar alguma coisa. O único que pode afirmar isso, é Negão Parú (Aloizio Abreu). Pode olhar no cartório. É tudo invenção. Pode ter visto, mas não fundou nada. Eu mesmo não sou fundador. (Depoimento Eduardo Silva Filho, 2019, Portfólio Instituto Raízes 2019).

A informação de Mestre Edu, mostrou-se relevante e nos trouxe uma curiosidade para buscar a informação adequada sobre esse fato. Portanto, em pesquisa documental realizada, foi encontrada no Instituto Raízes a Ata de Fundação da escola de samba apresentam os seguintes nomes assinados, como na imagem a seguir. Dentre os personagens entrevistados e que suas narrativas aparecem na descrição deste trabalho, somente Aloizio Abreu, assinou a ata de fundação da escola.

como vizinhas, por serem tão próximas das residências e ser característica fácil nos quintais dos morros.

RELAÇÃO DOS SÓCIOS FUNDADORES DA ESCOLA DE SAMBA
" UNIDOS DA PIEDADE "

Nº	N O M E	PROFISSÃO	E. CIVIL
1	Francisco Andrade	Funcionário Público	Casado
2	Aloisio Abreu	Pintor	Solteiro
3	Romildo Pereira dos Santos	Comerciário	Casado
4	Carlos Alberto Ramos	Mecânico	Solteiro
5	Jair Gomes	Sapeteiro	Casado
6	Sebastião Vieira	Pintor	Solteiro
7	João Máximo da Cruz	Funcionário Público	Solteiro
8	Rubens Aurélio de Rocha	Comerciário	Solteiro
9	Helio Nascimento	Mecânico	Solteiro
10	José Loiola	Pedreiro	Solteiro
11	Edson Monteiro	Pintor	Solteiro
12	Romulo Pereira dos Santos	Comerciário	Solteiro
13	Nazareth de Oliveira Santos	Estivador	Solteiro
14	Aldo Miranda	Marceneiro	Solteiro
15	Ivo de Silveira	Eletricista	Casado
16	Adelson Meirelles	Funcionário Público	Casado
17	Elías Peiva	Serralheiro	Solteiro
18	Waldir Vasconcelos	Ferrovário	Solteiro
19	Claudionor Coelho	Jornaleiro	Casado
20	Clovis Martins	Marceneiro	Solteiro

DIRETORIA :

Presidente Bruno Pereira dos Santos 2º Tesoureiro Edislauer Antunes
 Vice Presidente Claudionor Coelho Diretor Musical Aloisio Abreu
 1º Secretário Rubens Aurélio de Rocha Diretor Social João Máximo da Cruz
 2º Secretário Helio Nascimento Diretor do Patrimônio Edson Monteiro
 1º Tesoureiro Francisco Andrade Conselho Fiscal João Paulo Andrade
Waldir Vasconcelos
Waldir Vasconcelos

Figura 35 - Ata de Fundação da Unidos da Piedade, com a Relação dos Sócios Fundadores da agremiação em 1955.
Fonte: Instituto Raízes (2016).

A compreensão do espírito coletivo para que a escola de samba “vingasse” é identificada em todas as falas dos atores entrevistados. Os festejos, a organização e a discriminação racial, social e, principalmente por serem do “morro”, aparecem nos depoimentos de Eduardo Silva Filho, Aloizio Abreu, Walter Gomes Ferreira e Aroldo Rufino de Oliveira. Também constroem narrativas de que o carnaval de hoje perdeu a essência do que foi quando ‘criaram’ a escola de samba.

Iniciando com a exposição dos trechos, Valtinho (2012) traz sua narrativa de participação social na escola de samba

Aqui é o lugar onde sempre ocorreram as melhores festas de Vitória, pois aqui nasceu o congo, as batucadas e o samba, a Unidos da Piedade. Juntávamos dinheiro para a realização das festas de santo, feijoadas nos *terreiros*, batucar congo e samba para São Benedito, acontecia toda a semana, era uma tradição comunitária. Crianças, jovens e *véios*, ao mesmo tempo, participavam, era uma alegria. (Depoimento Walter Gomes Ferreira, 2012)

Continuando sua construção histórica, a partir de suas memórias Valtinho relembra o surgimento da escola e os primeiros anos de desfile, de festas e movimentos na comunidade. Em sua fala, aparecem as pedras, as emoções, as mutações do carnaval da década de 1950, 1960 e o carnaval de hoje.

Essa escola de samba aqui, ela foi criada aqui, praticamente por um cara carioca, chamado Zé Puri, que tinha uma banda lá em baixo, na esquina onde estão fazendo aquela quadra, ali tinha pé de café e uma quitanda. Então ele fazia as barricas que vinha o bacalhau, que só vinha pra rico. A caixa de sabão era de madeira, igual os barris de hoje em dia. Só que era mais leve. A gente pegava comprava boi, porco, nos matadouros, trazia aquilo aqui pra cima, numas pedras altas, todo domingo, comia a carne, tirava o bambu, fazia aquele reco-reco, que agora botaram o nome de casaca, chamava reco-reco, mudaram o nome... Até que chegou um dia, dissemos: vamos botar na rua! Como não tinha nome, colocamos Amarra o Burro e quando saímos, o pessoal na rua ficou espantado, carnaval na Costa Pereira, carnaval do Parque Moscoso... Fizemos um bloco arrumado e nós saímos tocando samba, porque muitos trouxeram algumas coisas do Rio. (...) Fizemos um barracão e ali não tinha presidente e escolhemos o finado Rominho, que ele ia muito no Rio e entendia daquelas coisas. Era Rominho e João Cara Preta. (...) O Rominho foi o presidente e o Zé Puri que trouxe pra cá... Começou o samba na pedra aqui em cima e o Amarra o Burro foi depois, todo domingo a gente fazia isso. Aí depois descemos e botamos na rua, o Amarra o Burro... Brincamos dois três anos na rua e depois o bloco virou escola de samba, não disputava nada, não tinha nada disso. Depois foram chegando às outras escolas Estrela e Império. Aí começou a ter concurso, era um dia aqui, outro ali... o primeiro compositor da escola de samba foi o Mario Reboco... Saiu falando da Bahia. (Depoimento Walter Gomes Ferreira, 2012)

O saudoso Mestre Aloizio Abreu, em seu relato sobre como eram as festas e como acontecem hoje, remonta traços de saudades daquele tempo que viveu, criticando a organização atual.

Fazíamos muito samba de roda, churrasco, 'mocotozada', feijoada, eram muitas as festas e os momentos de confraternização fora da época de carnaval. Mas a festa mesmo era boa no carnaval! Desfilávamos impecáveis e muito organizados. Hoje as festas são poucas, o carnaval 'cresceu e o povo só faz carnaval no carnaval'. Há festas em algumas datas comemorativas da Escola, como o dia do seu aniversário, ou rodas de samba no domingo, que são finalizadas com apresentações da bateria.

Sobre o surgimento da escola de samba, Aloizio, apresenta sua leitura citando o percurso e alguns personagens da fundação da escola, como Rominho e Zé Puri, já declarados por outros entrevistados.

Começamos como bloco, chamava-se Amarra Burro, mas logo nos tornamos escola de samba, cujo o nome ficou de Piedade. A criação foi a partir de um grupo de amigos como Tião, Zé Puri, entre outros, após meses e várias rodas de samba que fazíamos nos morros, nos butecos, nas pedras e terreiros definimos organizar melhor nossa escola e a inscrevemos na UBES – União de Batucadas do Espírito Santo a qual tinha o presidente Hemórgenes. O presidente de nossa agremiação era o Rominho (que me encaixou como Mestre de Bateria), devido a minha vivência nas batucadas e no samba do Rio de Janeiro no início dos anos 50, mas a turma toda insistia em que eu assumisse a função de Mestre. Foi aí que eu entrei de vez no samba. [...] Em 1955, logo que a escola foi criada, na época eu tinha 23 anos, era tímido, envergonhado, mas aos poucos me *'desencabulei'* e garantimos muitas notas boas para a escola e ganhamos o primeiro título da Piedade. A arte de tocar os instrumentos aprendi ouvindo, fiz o exército no Rio de Janeiro no início dos anos 50, tinham rodas de samba nos acampamentos e alojamentos. Com os amigos frequentei muitos terreiros e quadras de samba. Aí expandi a idéia aqui nos morros e até hoje está aí!

É recorrente na fala de Seu Aloizio, a discriminação que o samba sofreu na década de 1950, 1960. Mais uma vez ele conta como aconteciam os movimentos discriminatórios e a participação das mulheres. [...] agora, hoje, todo mundo é sambista né? Sei! Depois de tudo que passamos na história da escola de samba, todo mundo fala que é sambista. Mas naquela época? É ruim! Ser sambista era difícil.

Sobre seu ofício de Mestre de Bateria, no conjunto da escola de samba por muitos anos, Aloizio Abreu conta como eram produzidos os instrumentos para a bateria.

Fazíamos instrumentos nas mãos, utilizávamos barricas de bacalhau e de mate, couros de bode e de boi. Perguntado se o grupo matavam os bichos, logo responde: Não, não! Vendia já as peles no mercado da Vila Rubim, mas só o couro, tínhamos que limpar e raspar os pêlos que haviam no material. Os instrumentos ficavam prontos em 24h, hoje compra-se materiais e os próprios instrumentos prontos nas lojas, de mão beijada.

Ao mesmo tempo dos desafios enfrentados com a criação da escola de samba, Aloizio Abreu declara sua alegria e satisfação do que podem colher dessa história.

Criar a escola de samba para que todos pudessem desfilar e amá-la é um grande benefício para as comunidades. A Piedade não é qualquer escola, é a primeira e que mais ganhou carnaval no Espírito Santo. “A Piedade caiu no gosto de todos!”. Ensinar o que aprendi no Rio de Janeiro e ver que minha bateria tira 10 é muito satisfatório.

Considerando a letra da música de Luis Carlos da Vila, Braz (2013, p. 63) que faz uma análise visualizando o samba “[...] como forma de resistência e de luta”, e que “[...] desde sua origem se expressou como arte”. O autor destaca a necessidade de se criar um debate sobre o processo de origem do samba, mas também reconhece a dificuldade de equacionar todas as questões que envolvem esse processo. Entretanto, segundo ele, “[...] algumas problematizações podem e devem ser feitas, sobretudo porque estamos diante de um “campo temático” (a arte e a cultura)”. (BRAZ, 2013, p. 63)

Registros de que o samba capixaba passou por resistência são encontradas na biografia que conta a história de Seu Aroldo (RODRIGUES DE OLIVEIRA, 2017) *‘Aroldo Rufino de Oliveira: Biografia Memorável do Primeiro Mestre Sala do Carnaval Capixaba’*, existe uma narrativa de Aroldo que por conta de ser negro, morador do morro, com sua simplicidade, ao se identificar como sambista foi preso pela polícia (2017, p. 12) em duas ocasiões em 1961 e 1964, à época com 19 e 24 anos de idade.



Figura 36 - Aroldo Rufino, primeiro mestre sala da Unidos da Piedade, no Encontro de Velhas Guardas. Fonte: Instituto Raízes (2017).

A entrevista que Aloízio Abreu concedeu ao Instituto Raízes (2011), no 2º episódio do documentário Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba, também destaca os processos de discriminação racial e dificuldades para organizar-se enquanto sambistas. Na ocasião o Mestre Aloízio (*in memoriam*) afirmou que

[...] quando o samba começou aqui era ainda pior. Não tinha nem instrumentos. Não tinha loja instrumental. Tinha que comprar couro de cabrito na Vila Rubim [...] fazer nas barricas [...] tamborim fazer na mão. Era um sacrifício danado. [...] Hoje o samba tá muito bom. [...] Na época a gente era muito malhado. Ninguém queria se misturar. diziam que era coisa de malandro, vagabundo, pé de cana...hoje, todo mundo é sambista. Antigamente, ser sambista era coisa de vagabundo.

A narrativa trazida pelo saudoso Aloízio Abreu ou Mestre Parú, evidenciam as leituras para este trabalho e descrição da forte discriminação racial e social que o samba e seus atores viveram. Na visão de Seu Aloízio, hoje todos se congratulam através do samba, mas antigamente era motivo de crítica, de suspeição de idoneidade. A partir do olhar de seu Aloízio, essa realidade que distancia o samba ainda na década de 1950 da sociedade mais abrangente é fortalecida por uma prática racista e de exclusão social, principalmente por ter o samba uma formação de maioria de pessoas pretas e pobres, residentes nos morros da capital à época. A escritora Conceição Evaristo (2015) fala de uma combinação de “não morrer”, já que segundo ela, há um conjunto de forças para nos matar, ou seja, negros e pobres. A ideia de Conceição Evaristo e a articulação dos posicionamentos de Seu Aloizio, nos traz a necessária discussão de como o racismo estruturado na sociedade brasileira sempre funcionou com a ideia da dominação de poder seja econômico, social e cultural, fundamentando privilégios e exclusões no panorama da vida social, dos corpos negros e periféricos, que de certo modo compõem uma estratégia de controlar e exterminar essa população. Ao recordar as situações de violência racial e até policial, como destacam Mestre Aroldo, Mestre Edu e Mestre Aloízio, lembramos de um passado vivido por nossos ancestrais, pois mesmo que no auge das transformações societárias da década de 1950 o apelo racial era ainda fato de limite nas relações e nas posições sociais dos sujeitos.

Sobre seu Aloizio Abreu, merece destaque a informação (RAÍZES, 2011) que foi o 1º Mestre de Bateria do Estado do Espírito Santo, considerado em 2011, Mestre da Cultura Popular Capixaba pela Secretaria de Cultura do Estado, após ter sua história de vida conhecida e aprovada pela Comissão Julgadora. Com a saúde debilitada faleceu em 2012 aos 80 anos de idade. Parú, como era carinhosamente chamado, não hesitava em manifestar suas críticas frente às transformações que o samba vinha sofrendo, inclusive na Unidos da Piedade.



Figura 37 - Sr. Aloízio Abreu no samba na rua Sete e na eleição da escola de samba em 2011.
Fonte: Arquivo Pessoal e site Viva Samba. Disponível em: <www.vivasamba.com.br>. Acesso em: 13/06/2016



Figura 38 - Sr. Aloízio Abreu no samba na Rua Sete e na eleição da escola de samba em 2011, acompanhado de Sr. Aroldo.
Fonte: Arquivo Pessoal e site Viva Samba. Disponível em: <www.vivasamba.com.br>. Acesso em: 13 Jun. 2016.

Em outro depoimento de Aloízio Abreu para o Instituto Raízes (2011), marcado pela emoção e orgulho de ter contribuído com a cultura do samba no estado e com a fundação da Unidos da Piedade, traz um registro importante sobre a participação das mulheres na escola de samba na década de 1950.

O samba antigamente era desprezado, os pais das meninas não permitiam que elas participassem da festa, pois nos consideravam beberrões (risos), eram poucas as mulheres do bairro que participavam, e havia uma turma de mulheres empregadas domésticas que eram muito humilhadas em seus trabalhos por seus patrões e vieram para a escola com o objetivo de se distrair, brincar e claro sambar. Formaram o primeiro grupo de passistas da Piedade. (RAÍZES, 2011, p. 02)

O início dessa participação feminina na escola de samba tem também um processo que precisa ser melhor estudado. Evidentemente as mulheres participaram do processo de criação da Unidos da Piedade, da formação dos aspectos e formas da escola, dos desfiles, enfim de toda a sua organização. No entanto, nos documentos oficiais da agremiação e até mesmo nos registros históricos (fotografias, depoimentos e documentos) analisados para este trabalho constatamos que há uma invisibilidade da participação das mulheres no samba, como bem vai dizer *Baiana* no grupo focal. Na análise dos documentos, pude verificar por exemplo que a primeira mulher a participar da diretoria da escola de samba foi Maria Ortência Magalhães, como 2ª tesoureira da escola em 1986. Anterior a esta data, as atas oficiais da escola não apresentam nomes de mulheres como diretoras ou sequer presença nas reuniões.

98

Ata da sessão solene de posse da diretoria da Escola de Samba "Unidos da Piedade"

Aos dez e oito dias do mês de maio do ano em curso, tomaram posse os novos diretores da Escola de Samba "Unidos da Piedade" eleitos na Assembleia Geral realizada no dia 12/05/86, ficando assim constituída:

PRESIDENTE DE HONRA, AUGUSTO ANTONIO SAAD - PRESIDENTE, JOÃO NECO BARRETO NETO - VICE-PRESIDENTE, JOÃO LANGOLI - SECRETÁRIO, JOÃO FRANCISCO MENDES - 2º SECRETÁRIO, ROMEU NETO - TESOUREIRO, VALDEMIR MASCANIL - 2º TESOUREIRO, MARIA ORTÊNCIA MAGALHÃES - RETOR SOCIAL, RUY MARCOS GONÇALVES - DIRETORES DE TRIMÔNIO, JANIO BATISTA & ANTONIO CARLOS DA SILVA - RETORES DE HARMONIA, EDSON MORTTEIRO & DALMA SERENTO MIRANDA FILHO - DIRETORES DE BATERIA, ALOISIO BREV & GILDO ALVES NASCIMENTO - CONSELHO FISCAL: DRO MARIO AMANCIO DA SILVA - HAMILTON OLIVEIRA - ANOEL FERNANDES - EDVALDO AMANCIO DA SILVA - IZABEL GONÇALVES - FRANCISCO LUIZ TORQUATO - JAIME NUNES ASSOS - CONSELHO CONSULTIVO, PRESIDENTE PAULO SILVA MARTINS, PARA O BIÊNIO 86/88.

Já investido no cargo de presidente, o Sr. João Neco convidou os membros da diretoria a tomarem assento a mesa de posse, e seguidos assinaram a ata de posse os nomeados diretores.

(Assinaturas)

Figura 39 - Ata da reunião da Unidos da Piedade em 12/05/1986, que nomeia e dá posse à diretoria, sendo a primeira mulher a ser nomeada em toda existência da escola de samba Maria Ortência Magalhães.

Fonte: Instituto Raízes (2016).

É preciso certificar que a atuação das mulheres na Unidos da Piedade foi fundamental para sua existência, por exemplo, Marlene Fonseca do Nascimento (*in memoriam*), foi a companheira de Rominho (primeiro presidente), ficando viúva dele em 1973. Marlene, seguiu com a participação na escola de samba, mesmo não aparecendo nos documentos oficiais da escola até 1986, foi muito importante em diversos momentos

da agremiação, inclusive por sua continuidade e na manutenção da história e memória dos feitos de Rominho. Marlene, não ocupou o lugar de Rominho, pelo contrário, construiu sua própria participação na escola e se tornou referência e liderança sobre a história, memória e os processos que compõem as tradições da Unidos da Piedade.



Figura 40 - Dona Marlene Fonseca do Nascimento, baiana da Unidos da Piedade.
Fonte: Acervo da Família (2021).

Ser reconhecida como importante liderança, fez com que Marlene coordenasse por muito tempo os barracões da escola de samba, a ala das baianas e a criação com demais pessoas do grupo de Velha Guarda. Merendeira das escolas públicas da região, conhecia muito as famílias e as crianças, sendo chamada por todos de Tia Marlene.

A participação das mulheres na diretoria da escola de samba começa a aparecer timidamente com maior ênfase no início da década de 1990, com a participação de Marlene como vice presidente em 1993, Kátia Regina Nascimento da Vitória, no

conselho fiscal, sendo a segunda e a terceira mulheres, respectivamente, na história da Unidos da Piedade a integrar oficialmente a diretoria. As mudanças estatutárias da escola ocorreram inicialmente em 1999, sob a presidência de Mauro Pinto Ribeiro reconhecendo a importância das mulheres na gestão da escola, tendo criado o departamento feminino. A partir de então, as mulheres começam a ser presentes na diretoria da escola, mesmo assim, ainda com número reduzido e sem tamanha visibilidade de suas atividades.

Nota-se, portanto, que as mulheres compõem as teias e as redes educativas e de construção de sociabilidade da Unidos da Piedade, começam a integrar a direção da escola de samba, mas não estão no “comando” das diretrizes da escola. Ainda prevalece a participação masculina em grande maioria e nas principais funções decisórias da agremiação. Alguns movimentos neste tempo são reconhecidos como a retomada da participação mais eficaz do grupo de baianas, a transitoriedade na função de vice presidenta da escola, a participação nos grupos diretivos e de organização das apresentações e dinâmica de funcionamento da escola. Mesmo que timidamente essa participação são reconhecidas, ainda fica na figura do homem o papel de interlocução, mediação e de definição da escola de samba.

ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DA PIEDADE - VITÓRIA ESP. SANTO.

371 A-03 antigo

EXMO. SRº. TABELIÃO DO CARTORIA SARIO. APROVADO: 21/01/93 REGISTRADO: 21/01/93

NESTA.

EU, EDUARDO SILVA FILHO, BRASILEIRO DESQUITADO, C.P.F. Nº. 117.563.227-91, C.I Nº. 326.576, RESIDENTE A ESCADARIA EDUARDO SILVA Nº 40, E JOSÉ GERALDO OLIVEIRA BATISTA, C.P.F. Nº 450.827.827-20, C.I 445.217, BRASILEIRO, CASADO, RESIDENTE A ESCADARIA EDUARDO SILVA Nº 121, VÉM ATRAVÉS DESTE MUI REPEITOSAMENTE, SOLICITAR A V.EXCIA., A CERTIDÃO DE REGISTRO DA ELEIÇÃO E POSSE DA DIRETORIA DO GRES UNIDOS DA PIEDADE, PARA O PERÍODO DE 19 DE JANEIRO DE 1.993 A 19 DE JANEIRO DE 1.994, DE ACORDO COM O ARTIGO 6º, 35º, DO PRESENTE ESTATUTO, QUE FICOU ASSIM CONSTITUÍDA.

PRESIDENTE - EDUARDO SILVA FILHO

VICE- PRESIDENTE - MARLENE FONSECA DO NASCIMENTO

1º SECRETARIO - JOSÉ GERALDO OLIVEIRA BATISTA

2º SECRETARIO - HILDO PINTO RIBEIRO

1º TESOUREIRO - IZOETE GONÇALVES GUIMARÃES FILHO

2º TESOUREIRO - ROMULO BENEDITO PEREIRA

DIRETOR MUSICAL - SANDRO VASCONCELOS DA VITÓRIA

DIRETOR SOCIAL - EUDER SILVA ALVARENGA

DIRETOR DE PATRIMONIO - EDER BANDEIRA GUIMARÃES

DIGITALIZADO

CONSELHO FISCAL

OSVALDO MELLO DA SILVA

VALDEIR LOPES DE SÁ

KATIA REGINA NASCIMENTO DA VITÓRIA.

VITÓRIA, 20 DE JANEIRO DE 1.993.

Figura 41 - Ata da diretoria da Unidos da Piedade, 1993 com nomeação de mulheres na diretoria. Fonte: Instituto Raízes (2016).

Com muita precisão, o senhor Aroldo Rufino de Oliveira, filho de Dona Guiomar, considerado o 1º Mestre Sala da Escola de Samba, atua na agremiação desde 1955, já coordenou a Ala dos Malandrinhos e é componente da Velha Guarda da Escola (RAÍZES, 2012). A figura de Aroldo, mostra-se como a verdadeira intergeracionalidade que envolve o processo de criação, fundação e resistência da Unidos da Piedade, pois vem da sua mãe Dona Guiomar, o amor pelo samba e a ativa participação na escola. Em seu processo de surgimento, foi praticamente dentro da casa de seu Aroldo que a escola nasceu. Reconhecido pela comunidade, considerado o grande conselheiro da escola de samba e do próprio carnaval capixaba. Tem uma dinâmica própria de suas andanças e análises. Em seu depoimento que compõe o acervo do Instituto Raízes, narrou sobre como o samba começou em Vitória e, a partir daí, como surgiu a “Piedade”. Ele narra que “[...] após servir o exército no Rio de Janeiro e conhecer as escolas de samba dessa cidade”, o jovem Sebastião Rômulo

Nascimento, “[...] conhecido como Rominho”, na época, morador do bairro Fonte Grande, ficou entusiasmado e resolveu trazer a novidade (escola de samba) para Vitória.

Rominho foi ao Rio de Janeiro onde comprou instrumentos com dinheiro do próprio bolso. Voltou à Vitória com os instrumentos que havia comprado, e então, houve a união dos blocos e batucadas das comunidades, tais como Mocidade, Chapéu do Lado, Deixa Cair e o Amarro o Burro, nascendo assim, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Piedade. (SILVA JÚNIOR, 2015, p. 30)

As festas e tradições das comunidades Piedade e Fonte Grande facilitam a compreensão do surgimento da escola de samba e a relação do samba com as outras expressões culturais e religiosas existentes no território. O samba, o congo e os demais batuques que ecoam nas comunidades, versam o ritmo de processos educativos que todos esses movimentos criam no território. São esses mesmos movimentos que colocam essa região geográfica como importante lugar no contexto societário da cidade de Vitória, mas ao mesmo tempo é o lugar que compreende os processos de vulnerabilização de quem nele habita.

O samba nos morros Fonte Grande e Piedade surgiu favorecido pelo universo cultural de batuques, congos e jongos, inclusive os ritos religiosos⁹ relacionados às religiões de matriz africana e as religiosidades populares híbridas, como as festas de reis-de-boi. Fonseca (1993) escreve que a “mistura” dos reisados com “outras manifestações folclóricas” e os batuques possibilitaram o surgimento da Escola de Samba e teriam sido suplantados por ela (OLIVEIRA, 2011, p. 9)

⁹ As escolas do Rio também têm muitas ligações com os ritos religiosos. As baterias fazem toques para determinados orixás. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/39691>>. Acesso em:

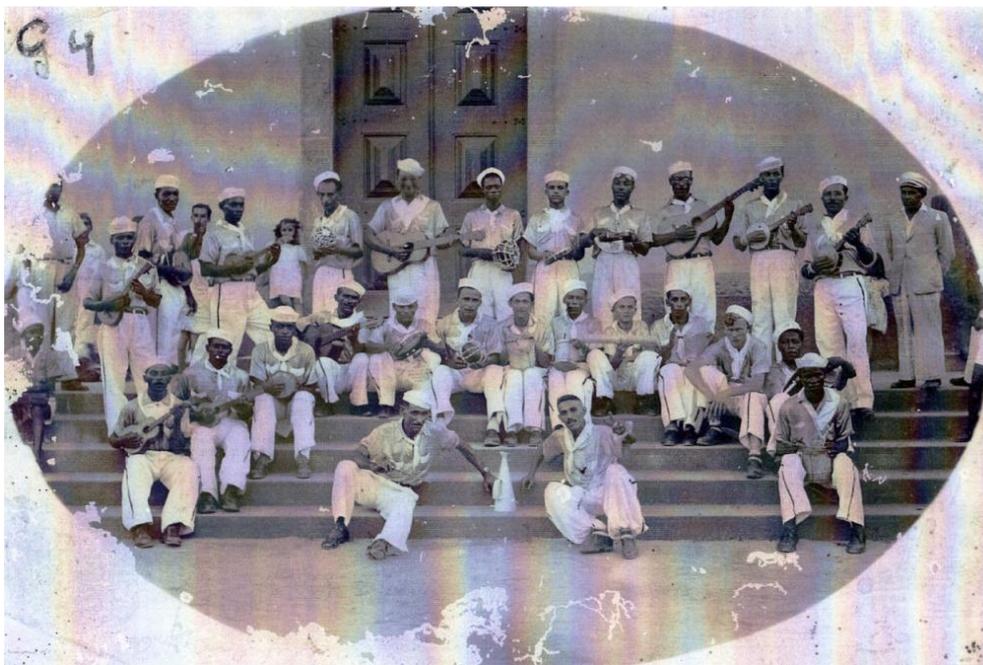


Figura 42 - Registro do Grupo de Batucada.

Fonte: Batucada Chapéu do Lado – anos 40. Fotografia cedida por Aloísio Abreu, em julho de 2008 para o Instituto Elimu.

Assim, com a união dos blocos e a decisão de se organizarem melhor, foi fundada a Unidos da Piedade, primeira escola de samba criada “e registrada” no Estado do Espírito Santo, em 15 de janeiro de 1955. O termo registrada necessita aparecer no trabalho, pois a agremiação Andaraí, foi fundada em 01/12/1946, no entanto como time de futebol e batucada (MONTEIRO, 2010, p. 181), passando ao exercício de escola de samba somente em 16/04/1975, ou seja, anos mais tarde após o surgimento da Unidos da Piedade. Ainda hoje um grande debate acerca de quem de fato é a primeira agremiação carnavalesca do carnaval, mas que não será o foco de estudo desta pesquisa.

Anteriores à escola Unidos da Piedade, os desfiles carnavalescos aconteciam por meio dos blocos e batucadas, tais como Mocidade, Chapéu do Lado, Deixa Cair e o Amarro o Burro, que também reuniam os moradores das comunidades envolvidas com a futura agremiação. Em sua primeira apresentação no ano de 1955, a escola desfilou na Rua Graciano Neves, no Centro de Vitória, com alegorias, passistas, baianas, mestre-sala e porta-bandeira, diversas alas e demais elementos de uma escola de samba. A Unidos da Piedade foi a porta de entrada para que diversos talentos existentes nas comunidades fossem revelados, entre eles o primeiro casal de mestre

sala e porta bandeira, o mestre de bateria e passistas. Com o reconhecimento desses artistas das comunidades, alguns conquistaram o posto de “primeiro do estado”. É o caso dos senhores Aroldo Rufino e Aloizio Abreu, mestre sala e de bateria, respectivamente.

Em Vitória, segundo Monteiro (2010, p. 82), no ano de 1956 surgiram mais escolas de samba, a Acadêmicos do Moscoso e o Império da Vila (atual Novo Império). A partir de então, vários blocos e batucadas começaram a se transformar em escola de samba. Os primeiros sambas enredos capixabas surgiram na década de 1960, de autoria de Mário Benedito Ramos, como o samba com o tema da história do “Pai da aviação, Santos Dumont” em 1962, e outro que homenageia a Bahia em 1965.



Figura 43 - Sr. Mario Benedito Ramos, primeiro compositor de samba enredo no Espírito Santo. Fonte: Instituto Elimu (2008).

Criador dos primeiros sambas enredos da Unidos da Piedade, senhor Mário Benedito Ramos (o popular Mário Reboco) *in memoriam*, filho de Dona Diná, uma das lavadeiras da Fonte Grande. Seu Mário, tem participação na minha infância, ele trabalhava na escola São Vicente de Paulo, como vigilante. Na época, eu não tinha noção de sua contribuição histórica para a cultura capixaba e para o carnaval como um todo.

Sabia do seu envolvimento com o carnaval e com a escola de samba, mas não de sua grandeza cultural. Tinha um perfil fechado, homem sério, de pouco sorriso. Em seus estudos pelas comunidades (OLIVEIRA, 2011), entrevistou Seu Mário que contou que resolveu prestar uma homenagem ao estado vizinho, com o título Bahia de São Salvador no ano de 1965. Segundo o pesquisador, a letra deste samba foi concedida em entrevista pelo próprio compositor como segue:

Bahia,
Está na história,
que ficou na memória de todo
Brasil.
Bahia, Tem produtos de fato
que merece o recado varonil.
Bahia, vem mostrando a igreja do Bonfim
a figura do povo em geral
as baianas, o coco e o cacau
dentro do nosso carnaval.
Bahia, Bahia, Bahia... (OLIVEIRA, 2011, p. 14)

No período de 1973 a 1977, a Unidos da Piedade ganhou o pentacampeonato entre as demais escolas de samba, “[...] feito jamais igualado por uma agremiação capixaba” (MONTEIRO, 2010, p. 84). Este fato é motivo de orgulho entre seus componentes e toda comunidade. Outro personagem da história da Unidos da Piedade que merece menção nesse período (década de 1970) é o senhor Walter Gomes Ferreira, o Valtinho Espingarda, falecido em 2021 em decorrência de um câncer.

Valtinho, em suas composições garantiu à escola notas máximas nos desfiles no quesito samba enredo, em diferentes anos. O samba que mais chama atenção nos ensaios atuais da escola de samba e na menção de sambistas da agremiação é o samba campeão de 1973 que homenageia o Espírito Santo, que tem como título Canto os encantos do Espírito Santo, popularmente esse samba também é chamado de Maria Ortiz, por ter uma passagem em seus versos exaltando a figura da mulher heroína que foi a personagem na história do Espírito Santo:

O teu passado de glória

Terra majestosa, de encantos mil
Entre 22 estados, tu tens o convento mais lindo do Brasil.

Glória ao teu fundador,
Que tão pobre morreu
E a José de Anchieta
Que na areia um poema escreveu.

Todos cantam sua terra
Também vou cantar a minha
Nas cordas da minha lira
Hei de torná-la rainha.

Maria Ortiz, a heroína brasileira
Que impediu os holandeses
Na subida da ladeira
Por esse ato de valentia
Hoje tem seu nome na escadaria.

Olé, olé, olá, olá
São Mateus se projetou
Com seu petróleo a jorrar”.
(Samba-Enredo: “Canto os encantos do Espírito Santo” – Autor: Walter
Gomes Ferreira)

Em uma entrevista realizada por Oliveira (2011, p.16) o compositor Walter Gomes afirmou que:

[...] para o ano de 1973, a Escola não tinha samba de enredo, tendo então ele feito o samba sobre a prostituta heroína Maria Ortiz, que depois se adaptou como Canto aos encantos do Espírito Santo. O primeiro a ouvir a melodia desta música foi o mestre Aloísio. O samba acima teria sido feito sem sinopse¹⁰ e, assim como Aloísio, esses primeiros compositores do samba não escreviam as letras de suas canções e as mesmas eram mantidas apenas na memória. Da mesma forma que os poemas e canções eram criadas, de um dia para outro, espontaneamente pela criatividade auditiva e oral dos compositores, elas deveriam ser reproduzidas e mantidas pelos integrantes da escola que cantavam as canções que eram reproduzidas por meio de programas de emissoras de rádios.

¹⁰ A sinopse de um enredo da escola de samba é apresentada a comunidade e aos compositores, com a ideia de informar qual a proposta de enredo e do que se planeja para o próximo carnaval. É uma apresentação geral do tema, da pesquisa e qual a concepção artística que será desenvolvida pela agremiação no desfile. A partir desse registro (a sinopse), se constroem os sambas, as alegorias, as fantasias, ou seja, toda a imagem que a escola quer levar ao público.

Já no documentário (Raízes, 2011), já citado neste trabalho, Valtinho afirma que não se considera compositor, mas sim um poeta. Segundo ele, suas composições saem “[...] de dentro, do coração e da alma”. Em outro depoimento para o Instituto Raízes (2012), Valtinho, conta como fez o samba de 1973 e ainda reforça que não é compositor, mas sim um *‘fazedor de samba’*

Em 1973 eu fiz um samba (“Cantos e encantos do Espírito Santo”) quase que obrigado, o meu primeiro samba. Estava voltando de Guarapari e fiz na Kombi, de madrugada, bêbado. Lembrei-me de uns versos de Olavo Bilac e o samba foi saindo assim naturalmente. Quando cantei pro pessoal, foi aprovado por todos. Eu não me considero um compositor. Compositor é um Chico Buarque, Cartola. **Eu faço samba!** (RAÍZES, 2012, p. 02)

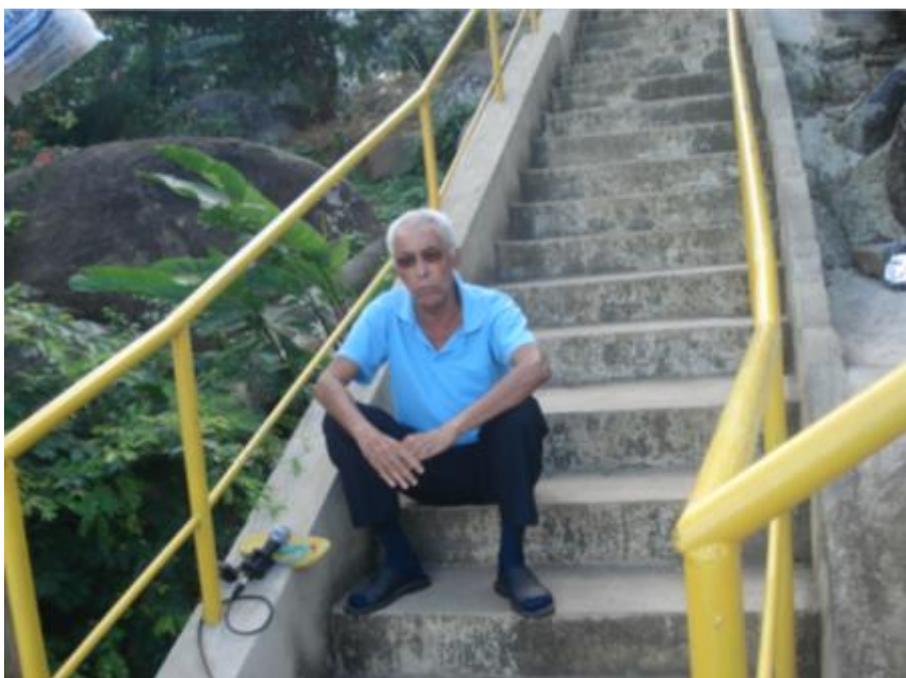


Figura 44 - Walter Gomes Ferreira, compositor, gravando participação no documentário “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba”.
Fonte: Instituto Raízes (2011).

Embora relute contra essa identificação, nas comunidades seu talento de compositor é reconhecido por todos, como grande fator para as conquistas da escola e que marcaram épocas.

Carinhosamente chamada de “A mais querida!”, “Terra de Bamba” e “Berço do Samba”, e agora, “território do samba” a escola é considerada a madrinha das demais escolas de samba capixabas, detentora de 14 títulos – fato inédito no carnaval capixaba –, além de colecionar um grande número de relíquias de sambas enredos magníficos:

As lembranças sobre a trajetória da Unidos da Piedade afirmam com orgulho que, por muitos anos, a Escola fez grandes desfiles e foi campeã. Erguem com entusiasmo quatorze títulos conquistados, cuja marca numérica ainda não foi superada por nenhuma outra escola. Entre os títulos de campeã da escola estão os de 1957, 1958, 1960, 1961, 1962, 1963, 1965, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1979 e 1986. (OLIVEIRA, 2011, p.13)

Dos compositores que são reconhecidos com grande maestria no histórico da Unidos da Piedade, citam-se Manoel de Souza, Edmilson Caroço¹¹, Edson Papo Furado, Prof. Américo, José Curuba, Francisco Velasco, Mario Reboco, Aloizio Abreu, Maneco, Marquinho Gente Bamba, Walter Gomes Ferreira, Mosquito, Choroca, entre outros.

¹¹Edmilson Rodrigues Nascimento, conhecido também por seu nome artístico “Edmilson Caroço”, faleceu no dia 4 de abril de 2000, aos 68 anos, deixando saudade de seus cinco filhos e de todos os apreciadores do seu samba. Edmilson Caroço ficou conhecido devido suas grandes composições. Entre elas destaca-se a “Sua Majestade o Café”, samba enredo do G.R.E.S. Unidos da Piedade do ano de 1986, feita em parceria com Manoel de Souza. Disponível em: <<http://www.eliezertavares.com.br/?x=noticias&codItem=947>>. Acesso em:



Figura 45 - Edmilson Caroço, compositor da Unidos da Piedade.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 46 - Manoel de Sousa Júnior, compositor da Unidos da Piedade.
Fonte: Instituto Raízes (2011).

Cada um em seu tempo, com sambas que embalaram os desfiles da escola Unidos da Piedade. Com o objetivo de realizar um registro com ênfase na memória da escola e de seus sambas, dois CD's foram gravados. O CD Memórias I, produzido por Francisco Velasco, em 2003, e o CD Memórias II, produzido pelo Instituto Raízes, em 2012/2013. As duas produções tiveram como objetivo valorizar as composições dos artistas do território, contribuindo com os registros sobre a memória coletiva do samba e mostrar algumas situações de pertencimento – social, cultural, afetivo, territorial e étnico – de moradores e compositores circunscritos à Escola de Samba Unidos da Piedade.

Especificamente sobre o CD Memórias II, o Instituto Raízes (2013) e Silva (2014), destacam que, no CD, foram gravados além dos sambas mais antigos, os mais recentes, com seus novos compositores e intérpretes, como Marquinho Gente Bamba e Lucianinho do Cavaco, filhos das comunidades Piedade, Fonte Grande, Moscoso e Piedade,

[...] evidenciando o processo de composição dos sambas enredos e de roda durante os 57 anos de história da escola de samba Unidos da Piedade, destacando as continuidades e descontinuidades próprias às dinâmicas sociais de construção e desconstrução de “velhos” e novos padrões estéticos em um processo dinâmico e contínuo de produção sociocultural. (p. 04)

A mobilização em volta do CD Memórias II na comunidade foi algo diferente jamais registrado, a produção coletiva de artistas locais chamou a atenção das pessoas, que segundo o Instituto Raízes (2013) buscavam informações na chance de obter o CD em suas casas. O projeto elaborado pelo Raízes, tinha justamente essa intenção difundir os sambas através do CD para as comunidades, equipamentos públicos e simpatizantes do samba capixaba e da Unidos da Piedade.

Em dez (10) faixas com as composições de 21 artistas, em 19 músicas ou alusivos, que mais simbolizam a história do negro, da vida cotidiana das comunidades, seus valores, crenças, suas paisagens e beleza natural, sendo

estes sambas grandes poesias constantes no acervo musical do Carnaval Capixaba, que se destacaram e são lembrados pelas comunidades em seus momentos festivos, principalmente durante o período pré-carnaval, onde nos ensaios da agremiação esses sambas ecoam. (RAIZES, 2012, p. 06)

A análise de Silva (2014) acerca do CD Memórias II, exalta a ação de salvaguarda do samba local através do CD

Em “Memórias II”, as composições podem ser consideradas grandes poesias, sendo conhecidas por grande parte da comunidade local. À medida que as canções são apreciadas e cantadas, estas não morrerão, tornando-se parte do repertório coletivo da tradição e do acervo musical do capixaba. São bens culturais com significado simbólico que merecem visibilidade e proteção. Trazem consigo saberes e fazeres circunstanciais, que se mantêm vivos e devem ser preservados.

[...]

Esta mídia com relevantes registros para o samba capixaba é um produto cultural marcado por relações advindas do espaço social e espaço simbólico – o berço do samba. O trabalho ressalta a importância da história e cultura, e também pretende mostrar como o registro fonográfico pode ser uma forma de manifestar [...] podem ser consideradas um patrimônio cultural imaterial, à medida que este é a forma institucionalizada de reconhecimento e salvaguarda das manifestações culturais. (SILVA, 2014, p. 02-04)

Em outro trecho de sua análise, Silva (2014) discorre sobre a relação dos sambas com os cotidianos dos compositores, das comunidades e a dinamicidade do território, indicando os aspectos culturais, religiosos e de vida. As composições,

[...] transformam em poesia a realidade dos morros, apresentando o cotidiano de maneira sentimental e nostálgica, evidenciando valores e crenças, além de exaltar a relação de afeto com a escola de samba. Estes estão caracterizados nos versos de “Tributo a Unidos da Piedade”, onde a Piedade é a redenção e “quem não for Piedade este ano vai ter que penar”. As canções simbolizam a vida cotidiana das comunidades e as situações de marginalização socioeconômica, como caracterizado pelo barracão de zinco em “Goteira”. Nesta canção a dificuldade se mostra grande, porém até a sonoridade do pingo d’água de chuva é transformado em melodia, apresentando a proximidade e presença da música, do samba no dia-a-dia. A associação a elementos étnicos da cultura negro-brasileira são apresentados em “Chica da Silva” e no samba “Sou Terra, fogo, água e ar... 50 anos de história”, além de em “Festa dos Orixás”. Em “Apocalipse – o despertar de uma nova era”, como no samba citado anteriormente, também ficam em evidência as crenças e religiosidades. Estas igualmente podem ser observadas em “Lugar Abençoado”, uma canção que exalta a importância do morro da Fonte Grande, com suas paisagens e

beleza natural, resistindo ao crescimento da cidade. As relações de gênero, tão bem demarcadas nas camadas populares, e em outros segmentos da sociedade brasileira, podem ser caracterizadas em “Bafo de Tigre” e “Mulher Luz”. A primeira apresenta a boemia masculina e a situação de desemprego do homem, além de caracterizar relação hierárquica entre homens e mulheres. A segunda canção, mostra a mulher como rainha do lar e do universo masculino, mostrando a rigidez no jogo relacional de gênero. No samba de enredo “Sete de Setembro” – histórias e memórias da rua que virou samba, é narrado de forma poética a liminaridade e as fronteiras sociais entre os morros e o centro histórico. Neste verso “Se essa rua fosse minha brincava o meu samba, no berço eu volto a ser criança”, podemos notar que é no berço do samba onde as composições nascem como brincadeira, no improviso durante festejos nos morros. Na Rua Sete não havia pertencimento, sendo lugar “da burguesia de elegância singular”, e ainda, um lugar de passagem para o mundo do trabalho. Já a composição em homenagem aos 50 anos traz como narrativa a força da tradição e da identidade étnica do negro, exaltando a inserção destes no quadro da vida urbana capixaba, em que o samba se apresenta como integrador entre morro e cidade. (SILVA, 2014, p. 03-04).

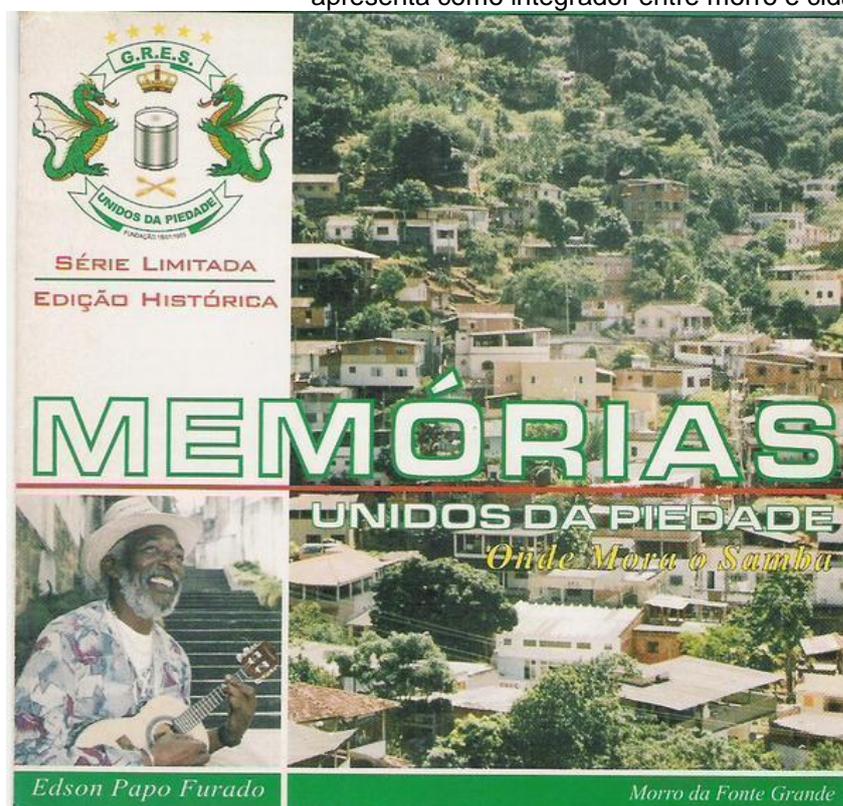


Figura 47 - Capa do CD Memórias 01 – 2003, com Edson Papo Furado e imagem da comunidade Fonte Grande; Sr. Edmilson Carçoço, compositor, irmão de Edson Papo Furado.
Fonte: Acervo pessoal – 2003.

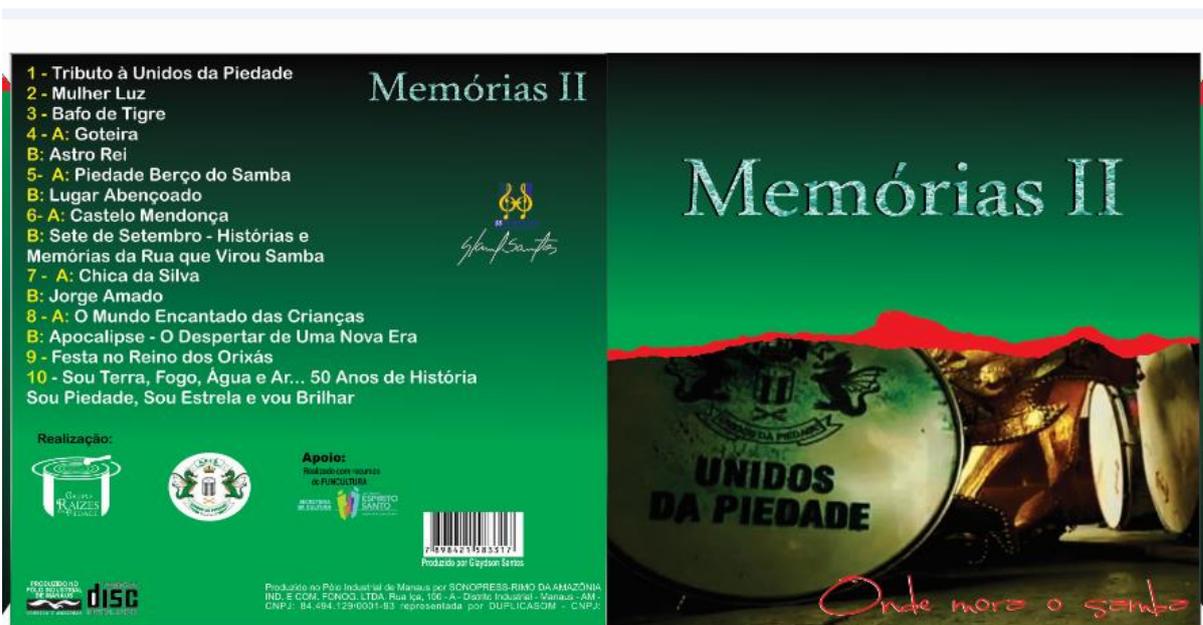


Figura 48 - Capa do CD Memórias 02 – 2012/13, com Edson Papo Furado e imagem da comunidade Fonte Grande; Sr. Edmilson Caroço, compositor, irmão de Edson Papo Furado.
 Fonte: Acervo pessoal.

A salvaguarda do samba nas comunidades se dá a partir da reprodução da expressão cultural em seus ensaios, religiosidade e festejos ou com a reprodução dos sambas da escola no interior da comunidade nas casas das famílias que se inserem no contexto da escola de samba ou simplesmente são simpatizantes ou amantes da Piedade. Esse desejo de que o samba seja preservado nas comunidades foi cantado inclusive em um samba da escola, em 1991, cujo título, “Dessas origens sou rei sim sinhô”, demonstra o sentimento de pertença de seus autores, valorizando a identidade negra e também reconhecendo a importância da atuação do líder sul-africano Nelson Mandela na sua luta contra o apartheid e no enfrentamento ao racismo pelo mundo. Como se pode ler a seguir:

Com sangue adubei a terra
 Com suor irriguei a plantação
 Com lágrimas conquistei a liberdade
 Por esta Pátria hoje dou meu coração.
Sou arte, sou cultura, sou história
Um Rosário de Vitórias
A musa que ao poeta inspirou
Alma de um povo
Que cultua a memória
Um cidadão que se orgulha da cor
 Vivo o presente preso no passado

De um cativo que acabou
Sou pai, filho, neto de sambista
 Neste palco eu sou artista
 Dessas origens sou rei sim, senhor!
 No meu reino de amor e beleza
 Racismo, maldade e tristeza
 Não podem existir
Mandela nas cores da Piedade
 Grita contra o Apartheid
 Para o mundo inteiro ouvir
 Por isso que proclamo a realeza
 Na certeza que o que fiz não foi em vão.
 Sou negro por obra da natureza
 Perante os Deuses todos nós somos irmãos.
Batuca nego
Bota a nega pra sambar
Bate forte no couro
Deixa o pêlo “arrupiar”.

(Autores: Souza Junior, Edmilson Caroço e Edson Papo Furado, 1991).



Figura 49 - Nelson Mandela em sua visita em Vitória/ES.
 Fonte: Jornal A Gazeta (1991).

Ainda hoje, é possível ouvir lendários sambas da Piedade e encontrar fundadores da escola e membros das comunidades fazendo rodas de samba e conversando nos botequins nas comunidades. Nas comunidades, eram considerados como essenciais para adentrar na escola de samba, principalmente na bateria, a participação nos blocos que existiam nos morros da Fonte Grande e da Piedade, o “Amarra o Burro” e

o “Os Furiosos do Samba”, que por muito tempo, colaboraram a perpetuação do samba no território. Atualmente os dois blocos estão desativados, e não participam mais do carnaval de rua ou dos desfiles oficiais de blocos no Centro de Vitória, no carnaval oficial da Prefeitura de Vitória. A justificativa é a ausência de recursos para organização dos dois coletivos carnavalescos. As festividades nos terreiros, ao mesmo tempo que os blocos e as batucadas, ao longo do tempo vão desaparecendo a partir do surgimento de novas práticas culturais e até apropriação territorial da comunidade.

Pisar na avenida investido em uma exuberância, integrando a escola de samba, em um misto de emoção, de aflição e de ansiedade, é um verdadeiro momento de alarde dos mais simples e complexos sentimentos individuais. A real percepção desse momento só é sentida para mais do início e definida após o desfile, quando todos os sentimentos se expressam e se misturam ao alívio e à apreensão pelo resultado da apuração. Os movimentos criados ao desfilar não são compostos de sentidos formais ou, ainda, de objetivos pré-definidos. Esse momento é considerado, para muitos, como o registro real da memória e de uma nova história.

Em 2015, a Unidos da Piedade comemorou 60 anos de fundação e de muitas histórias de samba a contar. A escola escolheu como seu enredo a sua própria história: “Piedade 60 anos: uma odisseia carnavalesca de conquistas”, e desfilou na avenida em 10 fevereiro de 2015. A festa foi no Sambão do Povo, uma avenida do samba capixaba, inaugurada em 1987. A escola conquistou o 4º lugar na classificação geral. A expectativa dos integrantes da agremiação era da real possibilidade do título de campeão do carnaval ser conquistado em 2015, o que não se concretizou após a apuração.

A Piedade, nesses seus 67 anos de história, tem sempre o grande desafio de tornar uma pessoa Piedade, sem que ela “tenha que pensar” a cada ano. Pelo contrário. A cada carnaval que desfila, a escola se torna a Mais Querida¹² entre as demais. Seus

¹² A Unidos da Piedade é reconhecida carinhosamente pelos sambistas capixabas como a (Mais Querida”, por ser a agremiação mais antiga, com mais sambas e maior número de títulos. A Unidos da Piedade, tem uma simpatia diferente das demais escolas, seus ensaios a céu aberto, envolvendo quem quiser chegar e sua localização geográfica em um território de tamanha pujança cultural e de atenção

fundadores e amantes construíram sua história ao longo desse tempo sem sequer ter uma sede social própria ou quadra para ensaios, daí o espírito de coletividade, pois, além da falta de um espaço adequado para o desenvolvimento de suas atividades, todos os anos a agremiação tem que repensar as estratégias para elaborar suas alegorias, pois não se tem ainda, nesse vasto tempo em samba, um local fixo para suas produções artísticas.

A escola verde, vermelha e branca do território do samba capixaba se tornou a Mais Querida por transmitir saberes e provocar desejos e sonhos até dos mais novos sambistas, que de longe cantam os versos mais famosos do carnaval capixaba, criado por Edmilson Caroço em 1991, e interpretado de forma magnífica por Edson Papo Furado, os trechos dos versos a seguir são cantados sempre no início dos ensaios, dos desfiles e de qualquer evento que a escola de samba vá apresentar algumas de suas dezenas de sambas criados pelos seus compositores ao longo dos seus de 67 anos de existência. A música retrata com exatidão as diversas casas e quintais que compartilham a existência de grandes pedras em suas casas:

Eu moro naquela montanha
As pedras são minhas vizinhas,
Piedade se você me ama,
Aceita esta lembrança minha...

às questões de desigualdade social, levam à sua quadra os mais diversos segmentos políticos, movimentos sociais, professores, pesquisadores, coletivos culturais e todos aqueles que se denominam de esquerda. É a tradição do que retomamos do bom carnaval, livre, leve, solto e feita por uma gente simples de um lugar simples. A apaixonada por carnaval Iamara Nascimento, descreveu também sua percepção do significado de ser a “Mais querida”. <https://www.agazeta.com.br/artigos/piedade-escola-pioneira-tambem-e-a-mais-querida-do-carnaval-0118>



Figura 50 - Crianças brincando em uma pedra no Morro da Piedade.
Fonte: Acervo Pessoal (2020).

3 TERRITÓRIO DO SAMBA: CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVO-CRÍTICA



Figura 51 - Morro da Piedade, Vitória - ES.
Fonte: TV Gazeta (2020).

Os caminhos da pesquisa, o *lócus* pesquisa e a ideia de produto educacional serão apresentadas neste capítulo indicando a metodologia adotada para a realização desse estudo, ou seja, os fundamentos teórico-metodológicos, os procedimentos da pesquisa, os sujeitos participantes, os instrumentos da coleta de dados e os procedimentos de análise dos dados que dão corpo às caminhadas realizadas para a concretização do estudo. Haja vista que a nossa pesquisa constitui-se processo dialógico, permanente e se molda com o cotidiano vivenciado no território.

A investigação e realização da pesquisa tem um papel fundamental de instrumento para podermos questionar as teorias e práticas vivenciadas para trilharmos caminhos que nos permitam entender os aspectos socioeconômicos; culturais; a relação e percepção das redes educativas, escola e comunidade; as impressões da relação estado-cidadão e as questões que atravessam os cotidianos dos sujeitos que vivem no território do samba, a violência que tem como exemplo a pele negra como preferencial para ser alvo do racismo e das mais diversas ações de violências.

Avalio que a pesquisa em si, busca o fortalecimento dos conhecimentos, com o objetivo de gerar novos aprendizados tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado, no nosso caso para um território.

Segundo Pádua (1996, p. 29),

Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações.

A autora nos diz que é através do conhecimento que podemos compreender e realizar a transformação da sociedade a partir das bases teóricas e práticas dos pesquisadores. Neste caso, ao tratar de um território com intensas desigualdades sociais e raciais, buscamos também a articulação da teoria e da vida cotidiana; mais vida do que teoria, fazendo com a teoria explique as situações vividas. É assim, por exemplo, que vamos buscar a valorização dos pensamentos sentidos por cada ator desta pesquisa.

3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA-AÇÃO COLABORATIVO-CRÍTICA

Considerando os objetivos deste estudo, optamos por realizar uma pesquisa-ação colaborativo-crítica, por permitir compreender a realidade e, nas ações que foram desenvolvidas, apontar alternativas na busca de novas possibilidades, mudanças de atitudes e de práticas, com intuito de transformar a conduta no uso de uma ação transformadora no ambiente pesquisado, evidenciando nesta busca, os sentidos para a frase “eu sou porque nós somos”.

Para Barbier (2002, p. 17), a [...] “pesquisa-ação é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos”. Por se tratar de uma metodologia aberta e dinâmica, a pesquisa ação permite que diferentes rumos sejam

tomados no decorrer do seu desenvolvimento, em função das demandas e necessidades encontradas no campo pesquisado.

A pesquisa-ação é definida por Thiollent (1985, p.14), como:

[...] um tipo de pesquisa de base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou como a resolução de problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Nesse contexto, a pesquisa-ação requer que os pesquisadores desempenhem um papel ativo, ação no seu fazer, buscando o envolvimento coletivo ouvindo o contexto pesquisado, além de demandar envolvimento de todos no contexto da pesquisa.

Para Franco (2005), esse método traz a possibilidade de o pesquisador fazer uma intervenção dentro do problema social, sempre analisando, anunciando o objetivo da investigação e mobilizando os envolvidos na construção de novos saberes. É por meio dessa metodologia que o pesquisador consegue ampliar seus saberes e seus fazeres e buscar uma reflexão crítica sobre aquilo que investiga. Com isso podemos dizer que pesquisador e pesquisados se formam, pois sua base empírica é concebida e vinculada a ação, ao conhecer o problema e enfrentá-lo, além de buscar novas estratégias de inovação. (FRANCO, 2005; JESUS, VIEIRA e EFFGEN, 2014).

André (2012), nos coloca que apesar de existir várias correntes de pesquisa-ação todas buscam acompanhar e avaliar a ação que foi planejada e partir em busca de intervir. Diante disso, vemos nesta pesquisa, a importância da pesquisa-ação colaborativo-crítica uma vez que percebemos o envolvimento dos sujeitos da pesquisa e a conjuntura que torna o território da pesquisa um espaço de produção de muitos saberes-fazeres e da formação dos sujeitos em contexto.

No lugar do sujeito solitário que se volta para objetos e que, na reflexão, se toma a si mesmo por objeto, entra não somente a ideia de um reconhecimento linguisticamente mediatizado e relacionado com o agir, mas também um nexo da prática e da comunicação cotidiana, no qual estão inseridas as operações

cognitivas que têm desde a origem um caráter intersubjetivo e ao mesmo tempo cooperativo (HABERMAS, 2003, p. 25).

Dessa forma, nesta pesquisa, queremos compreender os processos educativos entre as diferentes redes educativas presentes nos morros da Piedade e Fonte Grande no que diz respeito às constituições das identidades culturais no território do samba.

Como dissemos anteriormente, a pesquisa não vai apontar a verdade absoluta do espaço investigado e vivenciado, mas trazer o pensado/vivido e as construções de uma política que possa historicizar os Morros da Piedade e Fonte Grande e sua importância enquanto território para os que o ocupam.

3.2 DO PLANEJAMENTO AO CIRCULAR NO TERRITÓRIO DO SAMBA: À PRODUÇÃO DE DADOS

Ao iniciar esse processo de investigação enquanto professor pesquisador (MOREIRA e CALEFFE, 2008), tomo com muita humildade o reconhecimento de que o trabalho proposto não vai dar conta de responder a todos os questionamentos, mas que com certeza dá impulso para novas descobertas de caminhos que assim pode produzir novos saberes, tendo em vista a concepção de que esse processo não se esgota, não é definitivo, concluído e acabado, ele está em constante mudanças para atender a realidade.

A partir da definição da pesquisa-ação colaborativo-crítica como metodologia para a produção de dados, o estudo foi desenvolvido no território do samba e com os equipamentos públicos das redes educativas e a comunidade de maneira geral e teve três momentos. A justificativa para a escolha dos Morros da Piedade e Fonte Grande se dá pelo laço afetivo, familiar e profissional do pesquisador; por estar presente nos cotidianos deste território e conhecer a realidade e as dificuldades apresentadas de maneira ampliada, enquanto cidadão-morador, professor e militante dos movimentos de direitos humanos e de igualdade racial. Assim, corroborada por ações de vida e

com a própria vida é que faz total sentido a realização da pesquisa, que enfoca nos processos culturais, educativos e também em uma discussão antirracista.

O primeiro momento ocorreu por meio da pesquisa bibliográfica e documental, que envolveu o uso de Trabalho de Conclusão de Curso do pesquisador; recortes de reportagens; entrevistas online; narrativas; vídeos; filmes; imagens; fotografias; documentários; web série; poesias; letras de samba enredo; música; documentos e artigos científicos.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica e documental com base em Antônio Joaquim Severino (2007, p. 122), nos fez entender que esse tipo de pesquisa:

[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

Nesse sentido, com o primeiro momento buscamos a história e a contribuição do território dos morros da Piedade e Fonte Grande para a constituição da cultura do samba no Espírito Santo. Essa fase se caracterizou por um levantamento documental. Nosso objetivo foi a partir dessa história compreender a dinâmica cultural, as tensões de uma sociedade que se globaliza e apresentar o lugar que estávamos falando.

No segundo momento, para além dos documentos, foi elaborado um Grupo Focal, via a plataforma google meet com as redes educativas, os processos educativos e os movimentos que esses atores fazem no território do samba. Esse momento nos proporcionou descobrir como esses atores promovem os processos educativos de socialização e transformação social.

Tradicionalmente, em uma pesquisa-ação crítico-colaborativa, há várias modalidades de procedimentos, porém, uma possibilidade interessante para se conhecer a complexa realidade do que se está pesquisando são grupos de encontro de reflexão, ou de discussão, os quais podem envolver os sujeitos pesquisados, para além de outras pessoas que possam fazer parte indiretamente do processo de pesquisa.

O trabalho realizado com grupo focal permitiu uma maior compreensão da realidade, “[...] quando se quer compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições [...]” (GATTI, 2005, p. 10). Para além disso, possibilita entender os processos de construção da realidade pelo grupo. Esse movimento foi muito importante para contextualizar as discussões e os apontamentos gerais trazidos ao longo do trabalho.

O encontro com as redes educativas aconteceu no dia 26 de agosto de 2021 e o convite foi feito através de uma carta aberta, destinada aos professores, professoras, gestores de equipamentos sociais, equipes técnicas, lideranças sociais e comunitárias, artistas locais, coletivos culturais e escola de samba, membros do Instituto Raízes, moradores e outros. Como dissemos, dada a pandemia o encontro foi no modo remoto, com o objetivo inicial de nos apresentarmos e também para criarmos um espaço dialógico no qual pudéssemos compartilhar experiências e práticas pedagógicas que estavam sendo desenvolvidas e relacionadas ao território do samba; suas potencialidades culturais, pedagógicas, assim como, o contexto societário das comunidades a partir das redes, percursos e processos educativos que compõem esse território.

A escolha daqueles que participarão dos encontros envolve a própria configuração da pesquisa, quando se deve atentar para os objetivos do estudo, bem como para os personagens que, ao longo da pesquisa, demonstraram ser interessantes e interessados no estudo (VIÉGAS, 2009, p. 116).

Ressaltamos, também, corroborando a autora, que precisamos levar em consideração as sugestões do próprio espaço pesquisado, estando, como etnógrafo, sempre atento

“[...] para os motivos que envolvem a indicação [...], ou não, [...] deste ou daquele participante [...], ou grupo” (VIÉGAS, 2009, p. 116).

Dessa forma, no dia proposto para a realização do grupo focal, às 19h nos reunimos de forma virtual com o pesquisador, a orientadora, o co-orientador e 10 personagens envolvidos com as redes educativas do território: duas assistentes sociais do CRAS, três moradores do morro da Piedade; o diretor da escola *Samba Enredo*, a coordenadora da escola (*Batucada*), dois pesquisadores do Raízes e a diretora da Escola de Samba Unidos da Piedade.

Porém, anteriormente à ideia de apresentar os resultados da pesquisa, minha intenção é relatar as mais diversas práticas pedagógicas, de cultura, de defesa da vida, de ações de cidadania e de defesa dos direitos humanos desenvolvidas por mim e pelo Instituto Raízes nesse território.

Estas *práxis* ocorre em meados de 2008, muito antes de qualquer intencionalidade de apresentar uma dissertação de mestrado. Desde então, diversos trabalhos e projetos contam com minha atuação destacando os *espaços-tempos* com as redes educativas escola, CRAS, CREAS, Unidade de Saúde, entidades e coletivos culturais e sociais do território. Ao falar destas experiências os meus olhos brilham, porque são práticas que revelam e mostram a potencialidade do lugar Piedade e Fonte Grande, exaltam suas memórias e identidades culturais. Na verdade se tornaram a esperança de viver em um lugar melhor, por meio dessas ações de educação social e articulação intersetorial.

O livro “Para Sambar com as Crianças” (2018 – 1ªed.), que coloca as crianças como autoras da releitura da história das comunidades e do samba local; os documentários “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba” (2011) e “Espírito Samba” (2020) que dialogam sobre a participação juvenil no território aqui estudado e no samba capixaba, trazendo discussões de salvaguarda do samba, gênero, raça, identidade e pertencimento. Além das ações de solidariedade, de acesso à cultura e de transformação social.



Figura 52 - Capa do livro “Para Sambar com as Crianças” (2018 – 1ªed.).
Fonte: Instituto Raízes (2018).

Entre tantos outros projetos, por fim não posso deixar de citar o compromisso em atuar na defesa da vida das famílias da Piedade, quando em 2018 sofreu violentamente ataques que vitimaram jovens e expulsaram famílias dos morros, deixando-os sem destino. Naquele período buscamos o apoio da Defensoria Pública para judicializar uma ação para que o município concedesse o aluguel social para as 40 famílias envolvidas no caso.

Diante disso, quando buscamos a contribuição desses participantes na pesquisa não nos atemos em apenas registrar as falas e os depoimentos para depois transcrevermos e interpretarmos. Como afirma Barbier (2004), os participantes da pesquisa se constituem como pesquisadores coletivos, a partir do momento que se considera o olhar em foco, as várias vozes, os anseios diversos e o envolvimento

mútuo para a busca de novas alternativas e possibilidades com o objetivo de enfrentar os desafios de pesquisa, ou seja, aquilo que move a investigação.

Concordamos com Viégas (2009, p. 115), quando nos diz que os encontros que se seguem em grupo

[...] têm o potencial de quebrar com a dinâmica cotidiana [do espaço pesquisado], funcionando, muitas vezes, como espaço potencial de não-cotidianidade instaurado no interior [do espaço pesquisado] pela própria pesquisa. E, se os encontros, por si, representam essa alteração, há ainda a possibilidade deles produzirem alterações na ordem prática, muitas vezes intangíveis no contexto da pesquisa.

O terceiro e último momento, tão importante quanto os demais, busca apresentar uma proposta de formação pedagógica com os envolvidos nas redes educativas do território do samba, como produto educacional, resultado do mestrado, como processo coletivo e que deve ocorrer de acordo com o cotidiano.

Diante disso, o produto educacional consiste em uma proposta de projeto de Formação Continuada junto às redes educativas do território do samba envolvendo os atores sociais, técnicos das equipes dos serviços públicos que atendem as comunidades, lideranças locais e professores e professoras, dialogando sobre temáticas de violência urbana, racismo, desigualdade social e racial, o processo de formação e ocupação do território. A proposta formativa é a apresentação de uma devolutiva para a região, além de uma sistematização com aprofundamento do mestrado. Segundo Jesus e Alves (2011, p. 26), “[...] a formação inicial é primordial na constituição profissional e a formação continuada deve vincular-se a ela e se configurar na concretização do fazer pedagógico”. A proposta é realizar a interconexão entre trabalhadores de equipamentos públicos e moradores das comunidades, contribuindo para a construção de novos olhares, novas práticas e o reconhecimento de possibilidades através dos saberes e fazeres no território, como Freire (1996, p. 15) descreve que o dever de não só respeitar os saberes [...], sobretudo os das classes populares, chegar a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir [...] a razão de ser de alguns desses saberes.”

Esses percursos dialógicos e educativos vão aparecer com muita ênfase no produto educacional.

3.3 ORGANIZAÇÃO, CATEGORIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados por meio do Grupo Focal o material foi gravado e transcrito com autorização dos participantes. A partir de uma leitura minuciosa os dados foram intercruzados para que pudéssemos problematizar as redes educativas e os conhecimentos produzidos com os participantes da pesquisa sobre os processos educativos de socialização e transformação social.

4 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DA PESQUISA

Quem não sabe de onde veio, corre o risco de não saber para onde vai.
Provérbio africano

Iniciamos esse capítulo com as imagens de campo da pesquisa que será aqui abordado a partir de suas singularidades vividas com o samba, a violência, mas, sobretudo, com as redes educativas e as práticas comunitárias de resistência cotidiana, viver aqui é um ato de resistência: para subir, para comer, para morar, para beber, para viver, entre tantos outros desafios. Falamos de um lugar vulnerabilizado, vítima da riqueza que produz a pobreza e a miséria, que vulnerabilizam territórios, como no caso dos Morros da Piedade e Fonte Grande. Abordaremos neste trecho da pesquisa dados históricos, socioeconômicos e culturais do território.



Figura 53 - Vista do Morro da Piedade pela Fonte Grande.
Fonte: Acervo Pessoal.

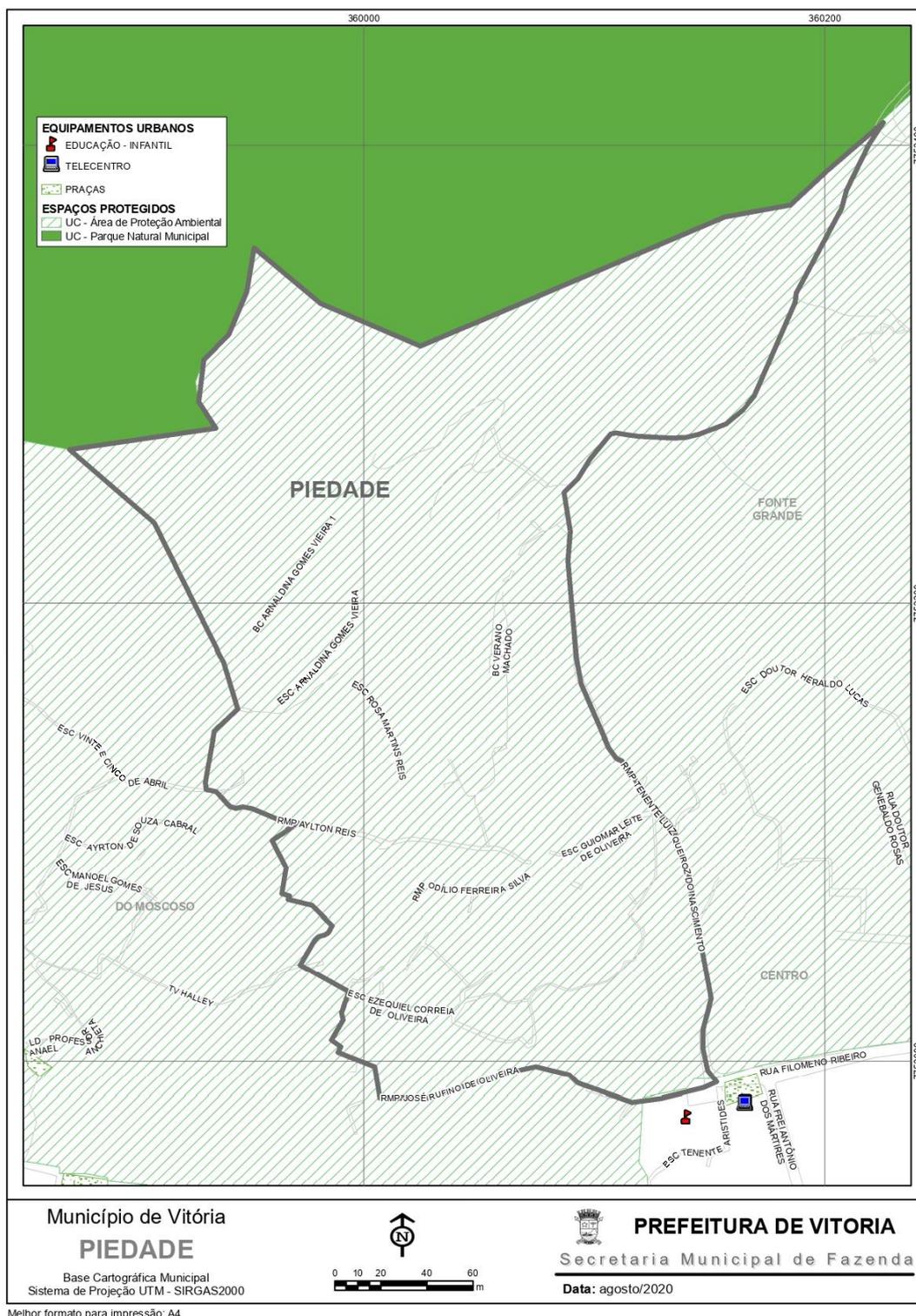


Figura 54 - Mapa Geográfico do Morro da Piedade.
Fonte: Prefeitura de Vitória.



Figura 55 - Vista do Morro da Fonte Grande pelo Morro da Piedade.
Fonte: Luizane Guedes (2020).

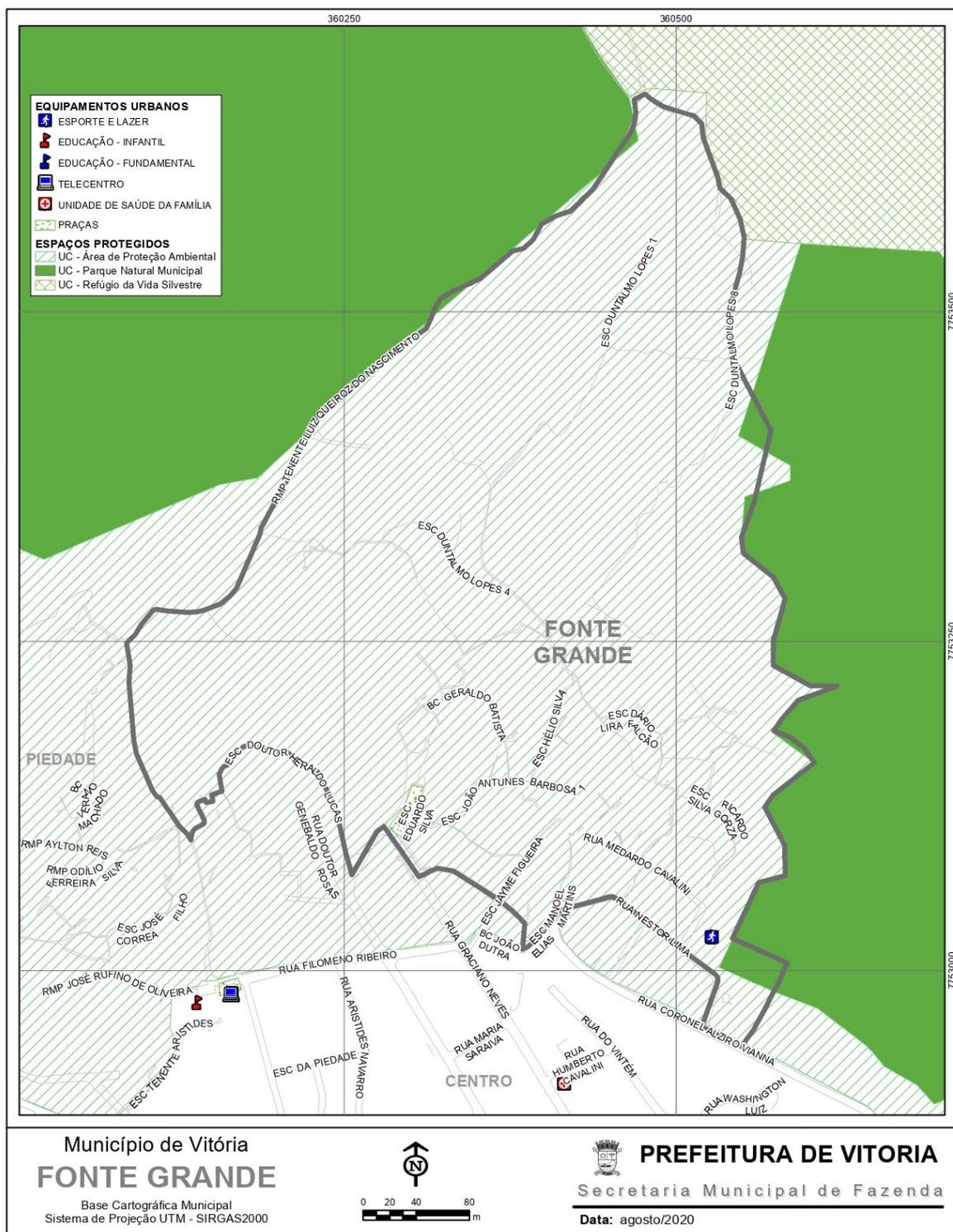


Figura 56 - Mapa Geográfico do Morro da Fonte Grande.
 Fonte: Prefeitura de Vitória.

Os morros da Piedade e Fonte Grande segundo dados do IBGE (2010) especificamente, reúnem em sua maioria pessoas negras, sendo que a maioria são mulheres na faixa etária de 0 e 96 anos, ao constatar a ocupação territorial formada por maioria negra e de mulheres, indicam por si só, a resistência que cada sujeita de direito enfrenta para viver neste lugar. A ocupação habitacional das comunidades segundo registros oficiais do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, demonstram que ocorreu por volta de 1909 e com maior intensidade na década de XX, em 1920. No entanto há afirmações de pesquisadores como Osvaldo Martins de Oliveira (2008), Leonardo Coelho Duarte (2009), e Celeste Ciccarone (2010) que indicam que a formação e ocupação do território ocorreu na metade do século XIX, com registro em atividades nas igrejas e coletivos culturais nos anos de 1853, 1868 e outros.

Apesar da Fonte Grande e de alguns destes morros da região central de Vitória, ter sido parcialmente ocupados desde a época da criação da cidade, com a edificação de fazendas e de casebres habitados por indígenas reduzidos e escravizados, a história oficial convencionou datar a ocupação destes locais destinados aos “sem direitos à cidade” no final do século XIX, em função de diferentes processos de expulsão da população de seus lugares e de sua realocação incentivada por intervenções políticas municipais. (CICCARONE, 2010, p.10)

Na narrativa do contexto da minha família sobre a formação dos morros, especialmente o Morro da Piedade, Sr. Bento¹³ me contava histórias, e ao ser questionado suas respostas por vezes eram curtas, como: “nasci aqui”, mas eram tão cheias de verdade, de encantamento, de paixão pelo território que terminavam por estar além da oralidade, suas respostas vinham em cada gesto seu, em cada olhar e sempre costumavam soar como música aos meus ouvidos de menino, de jovem, de adulto e até mesmo de pesquisador. Mas, a angústia de não obter os esclarecimentos que eu considerava viáveis, por conta das leituras acadêmicas e as outras histórias, promoviam desnarrativas no conceito da chegada da Família Silva ali ou aqui, como dizia vovô.

¹³ Meu avô paterno que faleceu em junho de 2020, aos 93 anos de idade, por complicações advindas da Covid-19[#] pandemia que atingiu todo o mundo.

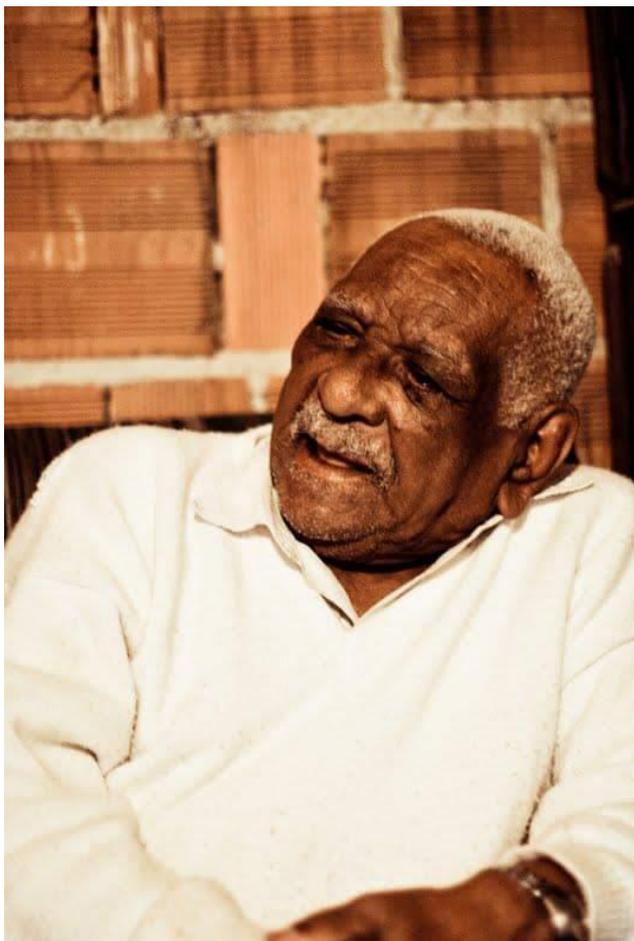


Figura 57 - Foto de Vovô Bento, Olmicio Elias Silva.
Fonte: Instituto Raízes (2011).

A escuta faz parte do processo de oralidade, integra uma teia de tradições e mostra as transformações e a memória de um grupo, de um sujeito. Os diálogos (mais escutas) com/de Seu Bento, me levou a conhecer as histórias e me mostrou caminhos de rico aprendizado do lugar que hoje necessitamos defender sua existência, considerando as mais diversas situações que o coloca como vulnerável e com risco de desaparecer. O processo de escuta e diálogo com Sr. Bento, produziu, processo de auto reflexão coletiva e nos convida a todo tempo para a boa conversa, reconhecendo a importância dos mais velhos no processo histórico e um legado construído nas comunidades. O sentimento de pertencimento, com a estratégia de defender o lugar que se aquilombou desde 1927, mostra a sua convicção que sua origem e ancestralidade formaram-se no lugar Morro da Piedade, ou seja, afirmar-se 'nascer aqui' era um evento do cotidiano de Seu Bento, conforme Spink (2008, p. 71):

Bauman (2005) conta a história de um censo nacional na Polônia pouco antes da segunda guerra mundial. Dado que a Polônia era uma sociedade multi-étnica, os pesquisadores do censo eram instruídos a perguntar sobre a auto-identificação das pessoas em termos de identidade étnica ou nacional. Em mais de um milhão de casos, os pesquisadores falharam, mesmo após longas explicações sobre etnia ou nacionalidade. As pessoas responderam que eram “daqui”, “somos deste lugar”, “pertencemos a este lugar”. Dada a quantidade de respostas deste tipo, os organizadores do censo não tiveram outra opção a não ser acrescentar “pessoas do lugar” à lista oficial de nacionalidades e etnias. Lugar na língua portuguesa também tem as suas surpresas. Para a grande maioria de pessoas no Brasil, lugar se refere a um local específico: o lugar do evento, ou o lugar do lugar. (SPINK, 2008, p. 71)

A morte de Seu Bento nos fez lembrar do pensamento do intelectual malinês Amadou Hampâté Bâ, que viveu de 1900 a 1991. Segundo ele, a morte de um ancião era considerada a queima de uma biblioteca. Com a perda de Seu Bento e de outros griôs - *os mais velhos* - do território, são menores as chances de remontarmos às múltiplas possibilidades de aprendizagens intergeracional, dos testemunhos e de histórias dos nossos ancestrais que não vivemos e com isso tecer fios de continuidade de um povo. Usar a nomenclatura africana de griô, remonta a ideia de valorização dos saberes das pessoas mais velhas e reconhecidas por sua sabedoria, no território do samba, os mais velhos fazem sentido para toda a construção histórica que visualizamos neste trabalho e no cotidiano das comunidades. Na escola de samba, os mais velhos vem a ser a majestosa Velha Guarda.

Ao término oficial do regime escravista, da divulgação da farsa da Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888, nenhuma política estatal ou medida prática de inserção social, com acolhimento e garantias de dignidade humana e aspectos de cidadania foram organizadas para a população negra até então escravizada. Nesse sentido, o abandono do meio rural, ainda no período escravista, gerou a busca de oportunidades de moradia e trabalho nos aglomerados urbanos, daí a formação dos muitos morros e favelas espalhadas no Brasil. A professora, militante do movimento negro, assistente social Maria Helena Elpídio, em seus estudos discorre sobre a formação das favelas e o desaparecimento social dos quilombos, por meio de ações estatais, a professora apresenta os dados acerca

do forte processo de urbanização modernizadora do país nos moldes do desenvolvimento capitalista periférico, temos as origens dos desastrosos

resultados do crescimento das cidades voltadas a atender as demandas e voracidade do capital ao se apropriar do modelo de desenvolvimento urbano. (ELPIDIO, 2019, p. 07)

A discussão de Elpídio (2019) continua, apresentando os processos de invisibilidade da população negra

Moura (2014) destacou que mesmo com o processo de abolição, não houve mudança qualitativa na estrutura da sociedade brasileira, o sociólogo afirmou que “O Brasil arcaico preservou os seus instrumentos de dominação, prestígio e exploração e o moderno foi absorvido pelas forças dinâmicas do imperialismo que também antecederam à Abolição na sua estratégia de dominação”. (MOURA, 2014, p. 152). Neste sentido, as relações intrínsecas entre o racismo estrutural e o Estado capitalista dependente perpetram à população negra condições de vida em permanentes e persistentes desigualdades, que violam os princípios das estruturas que se reivindicam democráticas no mundo moderno. (ELPIDIO, 2019, p. 06)

Meu avô seu Bento, declarava que sua família chegou no Morro da Piedade por volta de 1912, após o seu avô paterno com saldo da indenização pela participação da Guerra do Paraguai comprar um terreno e doar ao seu pai. O quintal ainda contém muitas pedras, árvores frutíferas como jaca e manga, uma nascente com água e uma extensão de mais de 2.000 metros quadrados. A nascente de “*Seu Bentinho*”, como é chamada pelos moradores da comunidade, foi a fonte para matar a sede e o recurso de higiene pessoal para muitas famílias no morro. No início da ocupação dos Morros da Piedade e Fonte Grande até por volta da década de 1980 não havia encanação de água nas casas da comunidade, por isso a coletividade e o acesso às fontes de água na região era muito comum. Inclusive o nome do Morro da Fonte Grande, segundo Oliveira se deu pelo fato de existir muitas fontes com água na região.

O morro da Fonte Grande tem esse nome devido às diversas fontes de água ali existentes, que no passado eram muito maiores em termos quantitativos e de volume de água. Houve uma época em que essas fontes abasteciam Vitória, sobretudo o Palácio do Governo. (Oliveira, p. 21, 2008)

Hoje as comunidades, lembrando, que em sua maioria negros, sobrevivem de forma resistente, com a ausência de investimentos públicos neste território, convivendo com situações de abandono ou descaso e violação dos Direitos Humanos por parte daquele que deveria ser o garantidor desses direitos que é o poder público. O geógrafo brasileiro Milton Santos (2014) ao abordar primeiramente a noção entre território e cidadania, nos ensinou que, “o valor do indivíduo depende, em larga escala, do lugar onde ele está” (SANTOS, 2014 p. 139), e complementa dizendo:

Em nosso país, o acesso aos bens e serviços essenciais, público e até mesmo privados é tão diferencial e contrastante, que uma grande maioria de brasileiros, no campo e na cidade, acaba por ser privada desses bens e serviços. Às vezes, tais bens e serviços simplesmente não existem na área, às vezes não podem ser alcançados por questão de tempo ou de dinheiro (SANTOS, 2014, p. 139).

A ideia de Milton Santos, mostra-se coerente e completamente atual, considerando que em lugares como os morros da Piedade e Fonte Grande por serem territórios periféricos, morros e com dificuldade de acesso, as demandas para a garantia da cidadania e dignidade ainda deixa a desejar, como por exemplo existindo casas sem saneamento básico e com as necessidades fisiológicas sendo realizadas em meio das matas ou em sacolas plásticas. Tudo isso, perto de palácios governamentais, na cidade capital do estado, enfim, como ninguém ver, a situação se prolifera há anos tornando esse lugar e em específico essa região cenário de desigualdade social severa no século XXI.

E, ao relacionar, por outro lado, a noção de cidadania e território, nos diz que,

É impossível imaginar uma cidadania concreta que prescindia do componente territorial. Vimos, já, que o valor do indivíduo depende do lugar em que está e que, desse modo, a igualdade dos cidadãos supõe, para todos, uma acessibilidade semelhante aos bens e serviços, sem os quais a vida não será não será vivida com aquele mínimo de dignidade que se impõe. [...] Num território onde a localização dos serviços essenciais é deixada à mercê da lei do mercado, tudo colabora para que as desigualdades sociais aumentem. (SANTOS, 2014, p. 144)

No caso do território da pesquisa, soma-se a dificuldade ao acesso dos bens e serviços, a violência urbana que ocupa os territórios de periferia brasileiras, colocando jovens negros no auge do (des)controle do tráfico de drogas e acirram a disputa por demarcação de espaço e identidade. A juventude condenada e colocada a própria sorte, com a ausência de oportunidades e de ações de valorização de seu talento, se veem convidados para se inserirem muitas vezes “à turma da boquinha”, pois é a única alternativa instalada nas comunidades. A força de vontade por si só, não se mostra suficiente para vencer as calamidades vividas diariamente no território.



Figura 58 - Adolescente carregando botijão de gás, quando mais de 40 famílias deixaram a comunidade. Fonte: Jornal A Gazeta (2018) - Fotógrafo: Fernando Madeira.

Uma potente referência em defesa dos Direitos Humanos e das minorias, foi Marielle Franco, uma mulher, negra, vereadora do Rio de Janeiro, pesquisadora, brutalmente assassinada em 2018, defendeu em sua dissertação de mestrado em 2014 com o título “UPP a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro”, no entanto em versão revisada em livro publicado em 2018, em suas narrativas, demonstra uma semelhança com os aspectos apresentados sobre o território do samba:

[...] há duas ações predominantes no Estado, frente aos territórios populares: tornar-se ausente, ou não se fazer totalmente presente. As duas opções demonstram a escolha feita pelo Estado, seja quando sob a prerrogativa da garantia de direitos, opta por baixos investimentos e poucos equipamentos e/ou marca a presença com o uso da força e da repressão, principalmente por meio da ação policial. Reforça-se, assim, a visão predominante de que favelas e periferias são locais de ausência, carência, onde predomina a “vagabundagem”, ou então, usa-se a narrativa do assistencialismo, em um espaço considerado território de “pobres coitados” (FRANCO, 2018, p. 25-26).

Ao falar dos processos de ocupação com investimentos públicos no território do samba pelo Estado, há uma minimização do investimento estatal nas políticas sociais, na valorização da cultura local e no fortalecimento de ações que viabilizem construções coletivas. Uma ação mais divulgada pelo Estado para este território é a criação e instalação da Base da Polícia Militar na entrada do Morro da Piedade, logo após os diversos ataques violentos na comunidade em 2018. Aí está o aspecto que consideramos ser semelhante entre a nossa pesquisa e a pesquisa da vereadora Marielle Franco (2018).

Marielle Franco (2018, p. 25-26) destaca com muitas evidências o processo cultural e vida cotidiana das comunidades em seu trabalho e é o que discorreremos ao longo desta dissertação.

[...] uma reflexão que reforce a ideia de favelas e periferias como de produção, melhor dizendo de potência, onde seus moradores, mesmo diante da realidade de baixos investimentos pelo Estado, inventaram suas diversas formas de regular e de resistir à vida: por meio das artes, moradias, mobilidade, encontros, etc.

As definições da inserção da Polícia nos cotidianos periféricos por Elipídio, também nos faz refletir acerca da maior necessidade de investimento social e não a destinação de braços armados do estado para o território. Segundo a autora, essa destinação de aparato estatal tem objetivo, silenciar.

O racismo territorial também deixa suas marcas por meio da ação violenta do Estado. A criação de projetos inspirados nas UPPs, a invasão do exército nas

favelas do Rio de Janeiro, a presença intimidadora e violenta da polícia e de milícias que se espriam em diversos territórios são parte do nítido movimento de contenção do povo negro, seja violência que intimida, pela presença ostensiva ou pelo extermínio, o objetivo é de provocar o silêncio! Vale lembrar que a cada 23 minutos morre um jovem negro nas periferias, as chacinas que reeditam os pelourinhos e o caso emblemático do assassinato da vereadora Marielle Franco e Anderson, em abril de 2018, têm como traço comum: o lugar de origem das vítimas. (ELPIDIO, 2019, p. 16)

Esse processo de extermínio da juventude negra que atinge as comunidades brasileiras se caracteriza às situações dos frequentes registros de mortes nos morros da Piedade e Fonte Grande que se acentuam de forma assustadora a partir de 2018, onde até o mês de julho de 2021, onze (11) jovens foram assassinados de forma brutal por arma de fogo. O processo acentuado de violência gerou nas comunidades um fato novo, um esvaziamento coletivo principalmente na comunidade do morro da Piedade, um esvaziamento por medo, por pavor, por não ter a quem recorrer. Testemunhamos não com pouca dor, dezenas de famílias abandonando ou destruindo¹⁴ seus lares para que não fossem invadidos, numa atitude de total desesperança e impotência.

¹⁴ Com o processo de intensificação da violência entre os anos de 2018 e 2020 nas comunidades do território, houveram famílias que optaram demolir suas casas, numa tentativa que o imóvel não fosse ocupado ou tomado por terceiros de forma invasiva e sem consentimento de seus donos.



Figura 59 - Casa destruída após ser incendiada.

Fonte: Jornal A Gazeta - Fotógrafo Fernando Madeira (2019)

Os episódios de violência nos bairros Fonte Grande e Piedade estão provocando a saída de famílias destes lugares, e, segundo os dados de 2000 à 2010 sobre crescimento populacional na cidade de Vitória, classificados por Gênero, Bairros e Regiões Administrativas, esses bairros apresentam uma diminuição no número de sua população, conforme descrevemos a seguir.

De acordo com os dados da PMV, no ano 2000 o bairro Fonte Grande era composto por 1.459 habitantes, com certo equilíbrio quanto à categoria gênero, sendo 723 homens e 736 mulheres. Em 2010 a população diminuiu para 1.231 habitantes, sendo 592 homens e a maioria mulheres com 736. No caso do bairro Piedade no ano 2000 a situação de evasão foi mais intensa, sendo que neste ano a população era de 611 habitantes, com 289 homens e 322 mulheres, e, uma década depois, em 2010, o número de habitantes passou para 323, com 149 homens e 174 mulheres. Na Fonte Grande o déficit populacional no período em questão foi de -15,63% e no bairro

Piedade -47,14%, sendo o primeiro colocado em relação à variação populacional de todos os bairros do município, conforme dos dados disponíveis na página da Prefeitura Municipal de Vitória.

O gráfico a seguir representa os dados acerca da diminuição da população nos dois bairros. O Morro da Piedade, chama atenção em seu esvaziamento, considerando que metade de seus moradores deixaram a comunidade.

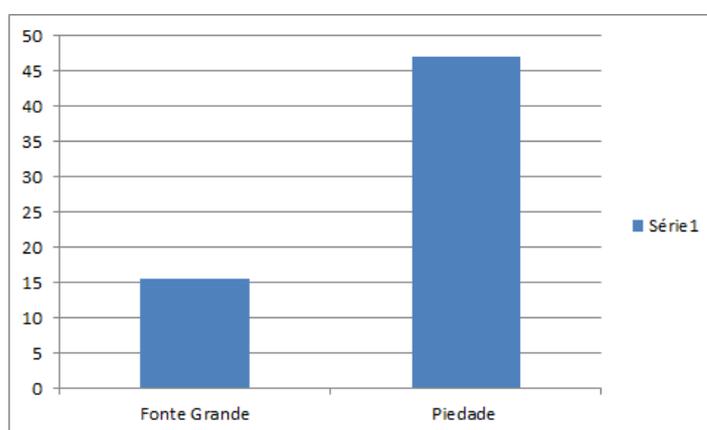


GRÁFICO 1 - DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DA POPULAÇÃO DOS MORROS DA FONTE GRANDE E PIEDADE.

Fonte: Organizado pelo autor.

O contexto de violência que estamos abordando e que está presente no campo da pesquisa, decorre de um processo histórico de abandono estatal nesta região. A desigualdade social, a ausência de políticas e serviços públicos favorecem a construção de novas e corriqueiras vulnerabilidades, que tensionam as relações dos cotidianos que apresentaremos neste trabalho.

O Atlas da Juventude (2020), documento produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada órgão do Governo Federal traz os dados dos homicídios no Brasil, destacando de maneira acentuada as mortes de jovens negros como o maior índice dentre as mortes. A pesquisa revela o contexto sociocultural, econômico e cultural em que estão inseridos os jovens. O documento indica que a taxa de homicídios no Brasil registra 27,8 mortes por 100 mil habitantes. No Espírito Santo essa taxa é de 29,3 por 100 mil habitantes. Há uma apresentação de dados que

coincide com os registros de mortes da juventude nos morros da Piedade e Fonte Grande, quando de todas as vítimas desde 2018 são do sexo masculino, negros e com idades entre 15 e 29 anos:

Ainda com relação aos óbitos da juventude masculina, homicídios foram a principal causa sendo responsável pela parcela de 55,6% das mortes de jovens entre 15 e 19 anos; de 52,3% daqueles entre 20 e 24 anos; e de 43,7% dos que possuem entre 25 e 29 anos. [...] os negros representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. (IPEA, 2020, p. 20-47)

Mas para falar deste esvaziamento brutal presente, precisamos falar de sua ocupação passada, considerando que a ocupação do território da pesquisa acontece em sua maioria logo após o período abolicionista. Assim, como em outros estados brasileiros no início do século XIX, iniciam-se a partir de movimentos de negros escravizados o movimento para libertação de seus grupos. O enfrentamento à política segregacionista e violadora dos direitos dos negros no Brasil vinha ganhando força, e por outro lado legislações frágeis e enganosas também estavam sendo promulgadas, dando ainda mais ênfase à discriminação racial.

Theodoro (2008), descreve que a população negra no Brasil nos anos de 1800 era a maioria, e de certo modo incomodavam aos governantes da época. Assim, na visão desses governantes a forma de fazer o desenvolvimento o país prosperar era renegar os direitos sociais, individuais e coletivos dos negros, já no final do século XIX; havia inclusive a intencionalidade de fazer com que a população negra ocupasse os lugares abastados e sem nenhuma condição de moradia e trabalho, a preferência dos espaços de trabalho eram de imigrantes que detinham apoio governamental para chegar ao Brasil.

De fato, a questão da urbanização, ou seja, os problemas concernentes à excessiva concentração de população em certas cidades mostram-se de maneira mais complexa a partir de 1930. Contudo, pode-se observar, já no final do século XIX, o início de um processo de aglomeração da pobreza e da exclusão nas cidades, resultante da chegada em profusão de contingentes de ex-escravos. Em resumo, nessa época, já proliferavam, nas maiores cidades, as favelas, verdadeiros guetos onde se encontravam os pobres. No que concerne aos primeiros anos de trabalho livre, pode-se constatar que,

em 1900, a população total do Brasil era de 16,5 milhões de habitantes, dos quais 1,1 milhão eram imigrantes, os quais se concentravam nos setores de atividade mais dinâmicos da economia. Nos anos seguintes, até 1920, assiste-se à intensificação da industrialização e do crescimento urbano, sem maiores alterações no perfil da mão-de-obra absorvida. (THEODORO, 2008, p. 29)

Considerando a ausência de “lugar” para moradia e trabalho à população negra e recém libertada, mas ainda escravizada socialmente, o processo de higienização social nas cidades aconteceu de forma organizada pelos governos locais. O destaque de ações de higienização social, historicamente discutida, é a reforma realizada pelo Prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. A sua organização e projeto modernista, que buscou higienizar, de certo modo invisibilizando negros e os mais pobres que circulavam a cidade e a então capital do Brasil, a partir de um projeto de desenvolvimento classista e excludente, deslocando violentamente os negros recém alforriados e seus descendentes para os morros da cidade.

A cidade de Vitória ao iniciar seu processo de urbanização a partir da região do campinho, hoje chamado Parque Moscoso, no final do século XIX (Ciccarone, 2010) somado as migrações de pessoas de vários estados da região nordeste para atuarem nas grandes construções do período, acabou experimentando um processo similar, que produziu uma geografia social com forte marca colonialista e estruturalmente racista, “empurrando” as pessoas pobres e com subempregos para ocupação dos lugares sem a mínima infraestrutura básica de locomoção, energia, água, estradas com acessibilidade, concentrando especialmente, pobres e pretos, em uma situação de extrema desigualdade social nos lugares que hoje chamamos de periferia, morros e guetos.

Porém, a história dos territórios da Piedade e Fonte Grande apresentam uma singularidade muito particular, ao me dedicar a compreender os processos vividos no território que vivo e que os laços de minha ancestralidade estão enraizados. O desejo de fazer com que as demais pessoas compreendam o processo de transformação das comunidades que experienciaram a ocupação forçada e desordenada e, mais recentemente, o esvaziamento acelerado.

Essas duas facetas da história dessas comunidades são marcadas por um projeto de Estado, que atuaram na perspectiva de aprofundar a desigualdade social, através da ausência de políticas públicas eficazes que terminam por ampliar o processo de exclusão dos bens de consumo, culminando no contraste entre a riqueza possível a alguns poucos e a pobreza a que a maioria parece condenada e que os morros do Centro sempre vivenciou, especialmente o Morro da Piedade, que desde seu surgimento ocupa o lugar de pobreza social nos mapas institucionais e nas estatísticas dos governos locais. Exemplo disso foi a inserção do bairro no Programa do Governo Estadual Estado Presente¹⁵ no ano de 2019. A criação do programa, segundo a Secretaria Estadual de Direitos Humanos visa a “redução significativa de taxas de homicídios, principalmente em comunidades onde o índice de violência e mortalidade de jovens apresenta-se elevado”.

Nas pesquisas documentais, na escuta dos atores sociais do território, nas andanças por este território, identificamos que dentre as comunidades do território do samba, a que tem indícios de maiores situações vulneráveis é o Morro da Piedade, que possui infraestrutura das casas precárias, ausência de acessibilidade, maior desemprego, uso abusivo de álcool, gravidez de nossas adolescentes e outras questões que atingem a comunidade desde a sua formação. Vejamos algumas matérias veiculadas em jornais nos últimos anos sobre o morro da Piedade e o território do samba.

Na reportagem a seguir, a imprensa divulga que adolescentes e jovens participam do controle do tráfico de drogas na região, e tem colocado medo nos moradores.

¹⁵Definição do Programa Estado Presente: <https://sedh.es.gov.br/estado_presente>.

POLÍCIA

Menores aterrorizam moradores da Piedade

Sempre armados, menores tentam controlar o Morro da Piedade, em Vitória

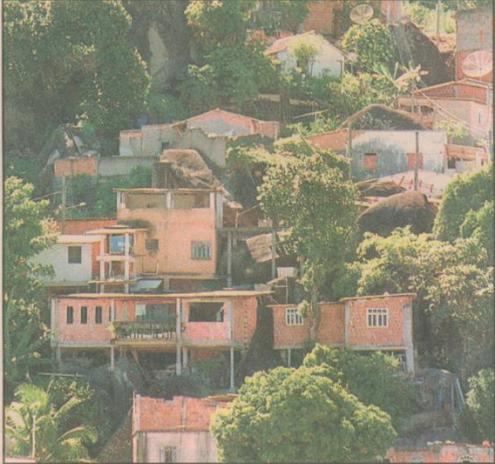
LUCIANA LIMA

Menores armados estão se julgando os 'xerifes' do Morro da Piedade, Vitória. Uma moradora informou que os adolescentes se concentram nas proximidades da quadra da Escola de Samba Unidos da Piedade, no 'coração' do morro.

"Eles exibem revólveres e pistolas como forma de intimidar, de impor respeito, de mostrar que são os xerifes daqui", denunciou a moradora - sem se identificar - aos investigadores da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).

Diante da denúncia, esta semana o chefe da DHPP, delegado Germano Henrique Pedrosa, pediu ao Comando da 1ª Companhia do Primeiro Batalhão de Polícia Militar (Centro) a realização de operações preventivas no Morro da Piedade.

O delegado pediu ainda que fosse considerada pela Polícia Militar a reativação do Destacamento Policial Militar (DPM) que atendia aos morros do Moscoso e da Piedade. O DPM, que se localizava na praça do Morro do Moscoso, fechou há quatro anos. Desde então, a população tem sido atendida pelos policiais do DPM da praça Misael Penna, localizado



Silêncio Moradores denunciam que adolescentes exibem armas na cintura. Ninguém do morro se arrisca a denunciá-los, por medo de represálias.

um dos atradores, Chiquinho escapou por pouco da morte. Moradores da Piedade revelam para viabilizar a reativação do DPM para atender aos morros. "Preciso de pelo menos oito

Figura 60 - Reportagem sobre a participação de adolescentes e jovens em crimes no território. Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves. Jornal A Gazeta, Vitória-ES, 26/03/2001, p.14, c.1-4.

Após 13 anos da reportagem acima (figura 43), outra matéria é veiculada com informações semelhantes, a cerca do conflito pelo controle do tráfico de drogas. Segundo a matéria jornalística, os conflitos iniciaram a partir de uma partida de futebol. Sobre este fato, alguns moradores relatam que o possível conflito tenha ocorrido no campo Benjamim Matias, no alto da Fonte Grande em um trecho de divisa com a Piedade.

Reportagem Especial

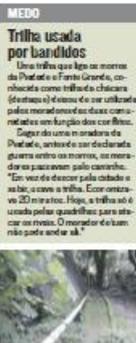
CONFLITO EM VITÓRIA

Bairros em guerra após futebol

Disputa entre Piedade e Fonte Grande teve início durante partida, destruindo famílias e espalhando o medo nas duas comunidades

Michelle Piccinini

Uma entrada violenta em um jogo durante uma partida de futebol já levou a destruição de famílias, além de espalhar medo em duas comunidades do município de Vitória.



MEDO Trilha usada por bandidos

Uma trilha que liga os morros da Piedade e Fonte Grande, conhecida como trilha da chibara, é usada por bandidos para traficar drogas e fugir dos conflitos. Depois de uma entrada de Piedade, a trilha se tornou uma rota de fuga para moradores de ambos os bairros. "Em vez de descer pela cidade e se bar, a trilha é usada. E se o contrabando não for feito, a trilha não pode ser usada", afirma.

MORADORA DO MORRO DA PIEDADE

"Eles andam armados dia e noite"

Mais de 10 anos após a prisão de uma quadrilha no morro da Piedade, em Vitória, o clima ainda é de apreensão e medo, segundo uma moradora do bairro, que pediu para não ser nomeada. Ela é professora de inglês e trabalha em uma loja de roupas. Ela afirma que toda vez que vê notícias sobre violência no bairro, ela se lembra de quando ela mesma estava lá. Ela diz que não quer mais voltar para lá e que não quer mais trabalhar lá. Ela diz que não quer mais trabalhar lá e que não quer mais trabalhar lá.

Quer sair daqui. Já tenho parentes do lado de fora e depois que você sente na pele a dor dessa guerra, não quer mais ficar.

Moradores enviam cartas para agradecer prisões

Após a prisão de 12 integrantes de uma quadrilha que atuava com tráfico de drogas no morro da Piedade, em Vitória, no mês passado, moradores enviaram cartas e ligaram para algumas delegacias do município para agradecer a polícia pelas prisões.

Crianças sem ir à escola por medo

O medo das drogas tem afetado a rotina das crianças que vivem no morro da Piedade, em Vitória, porque muitos não frequentam a escola por conta disso.

A escola tem capacidade para atender a 400 alunos, mas só há 100, porque muitos não frequentam a escola por conta disso.

de, segundo outro morador da Piedade que pediu para não ser nomeado, o atendimento médico sofre os reflexos dessa violência.

DEPONENTE

"Até a própria escola, de santas foi enfraquecida"

Fiquei com medo de ir para a escola. Até a própria escola, de santas foi enfraquecida. Eu não vou mais trabalhar lá e não vou mais trabalhar lá.

Além de ter o ensino prejudicado, segundo outro morador da Piedade que pediu para não ser nomeado, o atendimento médico sofre os reflexos dessa violência.

PREFEITURA

A Secretaria Municipal de Educação de Vitória (Sema) informou que registrou em 2013, desde o início do ano, 12 casos de ameaças de alunos por motivo de pagamento para outra unidade de ensino.

EDUARDO KHADOUR: g1/Alô

Figura 61 - Reportagem sobre guerra do tráfico nos Morros da Piedade e Fonte Grande. Fonte: Jornal A Tribuna, Vitória-ES, 30/09/2013, p.02.

As reportagens expõem as vulnerabilidades e ao mesmo tempo divulgam a inércia do poder público ao longo de todos esses anos quando tratamos da superação dos problemas e desigualdades sociais que acompanha a história do território. As matérias contribuem para deixar marcada a história do que vem acontecendo ao longo deste tempo. Encontramos uma reportagem do ano de 2002, que indica que em 2001, a cidade de Vitória apresentou um aumento no número de partos de adolescentes, segundo o jornal 33,3% desses partos eram de jovens com idade inferior a 18 anos, moradoras dos morros da região central da cidade, como Piedade e Moscoso.

A Gazeta - 27.06.02
p. 15

Vitória tem 20% de mães adolescentes

O índice cresce em bairros como Parque Moscoso e Piedade

ADRIANA BRAVIN

Do total de 4.457 partos realizados em Vitória, no ano passado, 19,8% ocorreram entre jovens de dez a 19 anos, totalizando 891 mães adolescentes. O índice é pouco maior do que o registrado em 2000, quando 19,6% dos partos foram entre jovens nessa faixa etária. O maior índice é de 1999, quando 20,6% dos partos foram entre adolescentes.

Os dados são do sistema de informações sobre nascidos vivos do Ministério da Saúde, implantado em Vitória desde '93.

Apesar do percentual ter se mantido estável no último ano, alguns bairros da Capital registraram 50% dos partos entre mães adolescentes, como em Conquista, região da Grande São Pedro.

A gravidez, entre adolescentes também continua crescendo na região central de Vitória (Parque Moscoso, Piedade, Fonte Grande e Cabral), onde chega a 33,3% dos partos, e em Inhanguetá, com 32,3% de mães adolescentes.

Prevenção

Programas voltados para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST), Aids, uso de drogas e de orientação à saúde familiar e da mulher, da Prefeitura de Vitória, têm conseguido reverter esse quadro em alguns bairros.

A Grande São Pedro teve a maior redução. Em 1999, 31,5% das adolescentes engravidaram. Em 2001, foram

28,7%. No Forte São João, caiu de 29,3% para 21,3%. Um dos programas de prevenção é o Risco Social, que ainda não atende todos os bairros. "Este ano estamos mapeando as regiões que receberão novos multiplicadores", explicou o educador do programa, Luiz Carlos Duarte Mello.

Michele Cardoso, 17 anos, grávida de 3 meses, mora com a mãe em São Pedro I, faz parte das estatísticas e afirma que está feliz.

A gravidez precoce preocupa, diz Mello: "As meninas têm informação e sabem como se prevenir. Mas a falta de perspectiva de vida pode possibilitar a essa jovem entender que ser mãe é assumir um status social que, por outros meios, como um emprego, ela não conseguiria".

Os jovens ainda têm muitas dúvidas sobre a forma de transmissão da Aids e sobre os métodos anticoncepcionais, explica a médica do programa Risco Social, Vera Taquetti.

As atividades acontecem nas escolas, unidades de saúde, centros comunitários e ONGs. Os adolescentes têm acesso às camisinhas disponibilizadas pelas unidades mas, para as jovens receberem os anticoncepcionais, devem participar de pelo menos três reuniões dos grupos de mulheres das unidades.



Esperança Michele Cardoso, 17 anos, grávida de meses, está feliz com seu primeiro filho

em 20% de mães éria, 27 de junho



Figura 62 - Mães adolescente na cidade de Vitória, em 2002 os morros da Piedade e Moscoso representaram 33,3% dos nascimentos na cidade.

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves. Jornal A Gazeta, Vitória, ES, 27/06/2002, p.15, c.1-3.

As violações de direitos básicos atingem crianças, adolescentes, mulheres, jovens, idosos, ou seja, todos os sujeitos que coexistem (sobre)viver neste lugar. Nesse sentido, considerando o exposto até aqui, o território da pesquisa e que também é meu território de vida, apresenta suas singularidades, complexidades e as suas dinâmicas espaciais, na qual podemos perceber o lugar em si mas também suas redes sociais e educativas, somado a isso, as marcas da globalização e da exclusão onde a territorialização, a identidade e a desterritorialização são tensionadas.

Milton Santos (2014), professor e geógrafo, ao abordar a economia e a cultura em análises territoriais afirma que:

Ambos têm que ver com o território, e este não tem apenas um papel passivo, mais constitui um dado ativo, devendo ser considerado com um fator e não exclusivamente como reflexo da sociedade, É no território, tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta (SANTOS, 2014, p. 18).

E afirma também que é preciso pensarmos em outro modelo cívico-territorial que não seja refém apenas dos aspectos econômicos do capitalismo, visando a cidadania e a formação de cidadãos e cidadãs.

Mudanças no uso e na gestão do território se impõem, se queremos criar um novo tipo de cidadania, uma cidadania que se nos ofereça como respeito à cultura e como busca de liberdade (SANTOS, 2014, p. 18)

O geógrafo, nos relata que além da cidadania a cultura também é um elemento significativo para pensarmos na territorialidade.

Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver (SANTOS, 2014, p. 81)

As especificidades do território da pesquisa são marcantes, a ponto que seus aspectos culturais se diferem dentre as demais comunidades semelhantes, considerando a existência de uma forte identificação com suas origens e tradições. As singularidades deste território estão em vários aspectos tais como a presença do congo e do samba nos cotidianos da comunidade fazendo com que os mesmos estejam sempre presentes na existência de cada indivíduo pertencente àquele espaço geográfico, ao mesmo tempo que o Congo e o Samba ocupam um espaço importante

na comunidade, outras expressões culturais emergem com potência neste contexto e espaço educativo chamado Morro da Fonte Grande e Morro da Piedade, mas este abrir-se às expressões culturais não é algo dado a comunidade ou fruto de algo sobrenatural, é algo aprendido através dos processos educativos diversos e potentes que emergem desta comunidade que aprendeu a (re)existir. Sobre o Congo, Cleber Maciel definiu suas características

Presentes em todo o Estado e em grande número de regiões da Grande Vitória e municípios do norte, as Bandas de Congos são grupos que utilizam instrumentos sonoros muito simples, feitos de madeira oca, barris, taquaras, pele de cabra ou de boi, latas ou outros materiais. Podem ser tambores, bumbos, cuícas, chocalhos, ferrinhos ou triângulos de ferro e pandeiros. Ao som desses instrumentos, as vozes, finas e grossas, claras ou fanhosas, de homem e de mulher cantam antigas ou novas músicas, nas quais são feitas referências a fatos do passado, como a escravidão, a guerra do Paraguai, os santos da devoção popular, os Orixás relacionados aos elementos da natureza, como o mar, as estrelas, o vento, a chuva, ou ao ser humano, cobrindo desde amor e morte até fatos políticos e sociais. Essas músicas podem ser alegres ou tristes, mas quase sempre são cantadas de forma semelhante, onde se destaca o fato de alongarem-se as sílabas finais dos versos. (MACIEL *in* OLIVEIRA, 2016, p.151)

Professor, pesquisador e morador da comunidade da Fonte Grande, Renato Santos, tem um trabalho voltado à preservar as histórias das comunidades. Renato tem uma leitura narrativa acerca da formação dos morros, em sua perspectiva, as comunidades existem desde 1590. A sua análise parte do pressuposto dos bens materiais que existem na região do centro de Vitória e que historicamente sabemos que tais feitos foram realizados por homens e mulheres negras, como o Convento São Francisco, a Igreja do Rosário e outros monumentos da região. Além da discussão histórica, os trabalhos do professor Renato é voltado à tradição do congo (*Banda de Congo Vira Mundo*) e da memória das mulheres pastoras da escola de samba Unidos da Piedade, que como já dissemos são escondidas da história oficial da agremiação.



Figura 63 - Prof. Renato Santos e Sr. Bento, na Casa de Memória do Raízes tocando tambores de congo. Fonte: Instituto Raízes (2016)

As diversas formas de (re)existir destas comunidades produziram um contexto sociocultural, educativo e socioeconômico que culminou por produzir diversas ações coletivas e sociais no território do samba, que ajudam na reflexão crítica e de apontamentos de fragilidades da intervenção estatal, um desses coletivos chama se Instituto Raízes, ao qual pertenço desde a sua fundação, que tem se tornado a cada dia um espaço educativo potente e de extrema importância para todo o território.

O Instituto Raízes é uma organização social, sem fins lucrativos, que atua no território do samba. Atua com ações ligadas ao samba, ao desenvolvimento social, à cultura e na busca dos direitos coletivos das comunidades desde 2008. Tem se destacado na defesa dos direitos humanos e nas práticas coletivas e sociais com moradores das

comunidades, equipamentos públicos e lideranças locais. Uma ação muito divulgada e reconhecida pela instituição foi a ação judicial que contemplou com aluguel social 40 famílias que se sentiam ameaçadas ou foram expulsas da comunidade pelo tráfico de drogas.

As ações desta instituição têm buscado trilhar a superação da desigualdade social que atinge os moradores. Sua atuação se concretiza com a participação dos atores locais, dos sambistas, das crianças e jovens, mulheres e idosos, enfim reconhecendo a expressão de identidade, a afirmação de valores e da intergeracionalidade cultural, que contribui “[...] na perpetuação de uma arte [...] e da vida dessas comunidades, que vai se fortalecendo, e criando assim laços sociais e culturais através da dança e do samba”. (RAÍZES DA PIEDADE, 2011, p. 03)



Figura 64 - Oficina de Mestre Sala e Porta Bandeira do Instituto Raízes, com crianças da comunidade no CMEI Bloquinho (2017).
Fonte: Instituto Raízes.

A realização de ações que buscam a ampliação do diálogo interescolar, levar as informações que recontam a história local e a própria história de quem vive ou viveu neste lugar. Falar do lugar Fonte Grande e Piedade, apresentando sua dinâmica político-social, não podemos deixar de afirmar que sua população é majoritariamente negra, formada principalmente por pretos e pardos, de acordo com a categoria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nesta pesquisa utilizei a noção de população negra de acordo com Munanga (2000) como posicionamento político e trazendo de quem e do lugar que falamos.

No desenvolvimento desta pesquisa falamos da localização do território lócus desta pesquisa, de sua exuberância ambiental, de suas potentes e diversas práticas educativas que se constituem na escola e para além da escola e da importância do Congo e do Samba no contexto deste território.

O samba está inserido nos cotidianos das comunidades, é como se fizesse parte do DNA de cada morador e moradora, e entender a sua importância, faz sentido para que as compreensões da inserção dessa expressão cultural e a transmissão dos saberes, práticas e tradições do samba, desde 1955 com o surgimento da Unidos da Piedade, que se mantém em plena atividade até os dias atuais, sendo fonte primária de reconhecimento da cultura local. Neste percurso buscamos atores que compõem a escola desde a sua fundação até os dias atuais, suas histórias foram destacadas a partir das narrativas e desnarrativas desta pesquisa.

A necessidade de articular uma discussão empírica, com suporte teórico sobre a existência de práticas sociais, culturais e educativas em comunidades de periferia constituiu a intencionalidade da pesquisa, enfatizando o *modus vivendi e as práxis* de valorização das identidades culturais em referência a manutenção das tradições no território.

As mudanças conjunturais de uma sociedade que se globaliza (HALL, 2002) a cada instante faz parte do processo de mutações das práticas culturais e as tensões vividas nos contextos periféricos, uma vez que as pressões sociais, as cobranças de padrões para a cidade, o engajamento nos perfis e estereótipos criados para o público de um lugar pobre, provocam rupturas e o acirramento de demarcação de poder e lugar.

Ao abordar os elementos que provocam essa tecitura de (des)encontros na cidade, assim identificados pelos moradores e moradoras do território, percebe-se que estas questões se reproduzem, por vezes de forma acrítica nos cotidianos escolares, por meio das disciplinas e dos seus conteúdos e da construção dos cotidianos e dos micro-lugares nos espaços escolares que por vezes, apesar de várias iniciativas de diversos professores e professoras no sentido de realizar uma leitura crítica da realidade, parecem afastar ainda mais aos sujeitos das comunidades com os sentidos de garantir o direito à cidade. Realizar educação social nestas comunidades é o caminho potente para as transformações que se colocam como urgentes para o território, no entanto a escola sozinha não é sinônimo de educação.

A aproximação crítica e reflexiva da realidade social e cultural do território da pesquisa, com os demais pontos da cidade e do mundo certamente, contribuem para a compreensão do que muito dialogamos em nossa caminhada, sobre racismo, território e identidades. O saber socialmente circulado, favorece a muitas aprendizagens que impulsiona descobertas inimagináveis pelos estudantes. A escola apesar de todas as suas limitações e mazelas produzidas por um sistema econômico que não valoriza a educação principalmente nos territórios periféricos, ainda se constitui um espaço esperançoso para o oprimido (FREIRE, 1987) e possui papel fundamental no diálogo intercultural, mas sobretudo um debate acerca da história que esta comunidade compõe para o cenário do Espírito Santo, de fato, neste caso a escola precisa aprender.

Para conseguir compreender ainda mais o contexto foi necessário ouvir as referências ou fontes orais do território da pesquisa, analisando-os de forma empática e compreensiva como sujeitos colaboradores e colaboradoras desta pesquisa, isso foi possível com a realização de conversas, entrevistas abertas e encontro remoto com os representantes das redes educativas do território da pesquisa, com acesso a bens imateriais de cunho pessoal, visita à momentos coletivos da comunidade, processos de escutas e participação nos cotidianos escolares das atividades pedagógicas possibilitadas ao pesquisador.



Figura 65 - Encontro de Velhas Guardas no Bar da Zilda.
Fonte: Instituto Raízes (2017).

Encontrar as pessoas que figuram o território da pesquisa foi desvelar e compreender o lugar que até aqui apresentamos de maneira mais conceitual. Foi trazer sentidos de uma comunidade, conhecendo histórias que não estão registradas nos bancos de dados de fontes formais de pesquisa. Adentrar em um território por meio de seu principal patrimônio (os moradores e moradoras) foi descobrir quase que a sua essência, foi um reencontro com minhas origens, com a minha identidade de criança, adolescente e jovem da comunidade através da pesquisa.

As histórias contadas até aqui podem tomar rumos diferentes e novas versões a partir desta aproximação, nenhuma história é contada de uma única maneira, sempre existe a mais, como trazemos no texto existem novas narrativas e as desnarrativas. E é esse registro que buscamos tanto com os *griôs*, os jovens e as crianças. Afinal, todos independente da faixa etária tornam-se referências cada um dentro de seu tempo. As identidades culturais, na perspectiva de (HALL, 2002) tem na identidade um ser de constante mutação, não sendo fixa. A identidade é mutável, móvel e se celebra a partir de seus movimentos.

O diálogo permanente com as instituições locais de atendimento às famílias, faz necessário para investigação do eixo socioeconômico do território, trazendo à tona os desafios sociais, as vulnerabilidades e o enfrentamento às essas questões por meio de ações do poder público e de suas políticas públicas. A escola por si só não pode a todo tempo assumir boa parte de toda a tarefa de superar a desigualdade social e racial, essa discussão é incorporada no nosso trabalho com situações reais de intervenções por vezes da rede e outras somente da escola diante do desafio imposto aos seus estudantes e suas comunidades. É necessário um conjunto de ações e intervenções coletivas, articuladas e que desenraiza processos violadores do cotidiano de comunidades que já sofrem por possuírem a maioria das pessoas de pele negra. As denúncias, precisam ser transformadas em anúncios.

Quando tocamos na esteira da questão vulnerável, vamos essencialmente, discutimos as juventudes, a violência, a educação, o racismo, a acessibilidade, enfim as mais diversas temáticas que mobilizam o território da pesquisa em grande ênfase. Ao falar desse lugar, não vai ser somente aparecer/entender seu samba, mas a partir dele, observar seus sujeitos sociais, escutar suas narrativas e sem dúvidas contribuir com perspectivas.

A sempre demonstração que as periferias brasileiras vivem intenso crescimento, acompanhando as grandes cidades, referencia que o capitalismo, a exclusão social e a segregação de povos negros, em lugares subalternos em uma metrópole ganham cada vez mais força e certamente menos espaço para sair das mazelas impostas. A ausência de articulação das macros políticas são fenômenos que contribuem de maneira estrutural para o reforço da desigualdade social e racial, o racismo institucional e o afastamento da ideia de pertencimento à sociedade.

O modo de produção capitalista do espaço incide diretamente em formas desiguais e desumanas de uma lógica genocida, nos termos de Adbias do Nascimento (2018), onde a cor da pele define as formas de viver e ocupar os territórios e como o Estado, por meio do racismo institucional, reproduz e amplia a violência e as formas de silenciamento e marginalização do povo negro, bem como, a uma divisão racial do trabalho e do espaço. A este processo, considero que há na sociedade hodierna um processo avassalador de racismo socioterritorial, alimentado pela lógica capitalista de produção do espaço. Daí, para romper com os muros e barreiras da cidade do capital,

torna-se imperativo, romper com o racismo e com o modo de produção capitalista. (ELPÍDIO, 2019, p. 02)

Há algum tempo diversos autores, como por exemplo Nilma Lino Gomes (2007, 2017), têm enfatizado que o que reforça as desigualdades socioterritoriais no Brasil é a cor e raça da população. As comunidades que evidenciamos nesta pesquisa, são compostas por sua maioria de pessoas pretas (IBGE), a questão socioeconômica acompanhada das vulnerabilidades sociais já denotam a fragilidade nas ações dos poderes públicos às pessoas deste território.

São situações que começam pelas profundas desigualdades no acesso à moradia digna, ao ambiente salubre, à mobilidade e ao mercado de trabalho nas cidades, e ainda à defesa e a garantia da vida. Essas desigualdades acumuladas com os processos de segregação socioterritorial foram sempre trazidas à realidade com espúrio objetivo de reafirmar o racismo desde as origens do processo de diáspora, escravização e inserção negra na formação social brasileira. Ao falar destas questões prioritariamente relacionadas a território, estamos trazendo um conceito sobre racismo estrutural (ALMEIDA, 2018), que também deixa suas marcas por meio da ação violenta ou omissão do Estado.

A definição institucional de racismo é considerada por Almeida (2018) como um avanço para os estudos das relações raciais, pois amplia a ideia existente de racismo como unicamente comportamento individual. O racismo institucional amplia essa discussão, e diz respeito aos efeitos causados pelos modos de funcionamento das instituições que concede privilégios a determinados grupos de acordo com a raça e cor. Com base nessa concepção de racismo institucional, o autor ressalta que “as instituições são a materialização das determinações formais na vida social” e derivam das relações de poder, conflitos e disputas entre os grupos que desejam admitir o domínio da instituição (ALMEIDA, 2018, p. 30).

Silvio de Almeida, têm sido nos últimos anos referência para discutir de forma sistematizada as práticas de racismo produzidas na sociedade, o autor apresenta uma outra concepção acerca de racismo estrutural, que está intrinsecamente ligado ao racismo institucional que determina suas regras a partir de uma ordem social

estabelecida. Isso significa que o racismo é uma decorrência da estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça, o que o autor chama de racismo organizado. Vejamos, as legislações que excluíram a população negra em seus direitos no Brasil por muitos anos, a ocupação territorial das favelas, as mortes e processos violentos que incluem a juventude negra, todos os processos com estrutura e acompanhamento estatal. Para o autor, ao compreender a ordem racista que estrutura a sociedade, nos tornamos ainda mais responsáveis no enfrentamento de práticas discriminatórias e preconceituosas, considerando o silêncio nessa questão como um dispositivo de manutenção do racismo.

Almeida (2018) enfatiza que o racismo é parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática. Compreendendo o racismo como regra e não exceção, o autor acredita que para a efetivação de uma mudança é necessário adotar práticas antirracistas, como a criação de políticas internas nas instituições. Além disso, perceber o racismo como integrante da estrutura social não exime a responsabilidade dos indivíduos que cometem ações de discriminação racial.

A ideologia da democracia racial e a eclosão do capitalismo em nosso país marcam a história da formação social brasileira que operou com a força para domesticar os corpos dos sujeitos e naturalizar os distintos modos desiguais de vida. Haja vista essa produção estrutural racista, Almeida chama atenção para como a sociedade considera normal que a maioria das pessoas negras receba menores salários, sujeitem-se aos trabalhos mais degradantes, não frequentem as universidades, não ocupem funções de poder, morarem em regiões periféricas e serem assassinadas com frequência por comandos dos Estados (ALMEIDA, 2018, p, 142).

O território aqui estudado que sempre foi marcado pelo abandono governamental e pobreza, povoado por pessoas negras, tem desde 2018, vivenciado uma intensa guerra pelo controle do tráfico de drogas, percebe-se que a população local naturalizou as violências cometidas com a ausência eficaz de políticas estatais. Atualmente, as escolas públicas sediadas no território representam junto com o aparato policial em momentos críticos, a presença do poder público na região. O que

reduz a possibilidade de enfrentar e oferecer elementos que tornem o cotidiano local mais inclusivo e com oportunidades, considerando que oferece-se o muito básico essencial.

Ao dedicar-se à história de um lugar e de vários sujeitos, à interpretação das vulnerabilidades existentes no contexto local serão consideradas, através dos dados socioeconômicos apresentados pelo IBGE (2010) e os serviços assistenciais que atendem a comunidade como o CRAS e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Os dados preliminares do IBGE, assim como os da Prefeitura de Vitória, apontam para a diminuição de 48% da população dos Morros da Piedade e Fonte Grande, além disso, destaque por meio de notícias veiculadas na imprensa capixaba no período de março de 2018 até o ano de 2020, que retratam a intensa violência e mortes nos morros supracitados, devido a briga pelo controle do tráfico de drogas, que atinge os morros do Centro, mas também comunidades de periferia espalhadas pela Grande Vitória.

Trazer à tona a dinamicidade de um território, evidencia-se as expressões culturais, seus problemas sociais e os cotidianos das comunidades. O lugar como já informamos é reconhecido com diversas potencialidades, entre elas, o samba e seus sujeitos sociais, mostrando como está inserido no dia-a-dia na comunidade e nos espaços de sociabilidade e educativos do território. As narrativas e desnarrativas do samba nos morros são elencadas desde a década de 1950, com registro dessa expressão cultural, na transmissão dos saberes, práticas e tradições do samba, se transformando em uma verdadeira identidade cultural local.

4.1 REDES EDUCATIVAS QUE DIALOGAM COM O TERRITÓRIO DO SAMBA

A presente seção, assume como objetivo, desvelar as redes educativas que dialogam com os cotidianos das escolas públicas localizadas no território investigado, bem como suas conexões com o território do samba e a dinâmica sócio-econômica-cultural dos morros da Fonte Grande e da Piedade, onde estão sediadas nas comunidades duas

escolas da rede de Vitória, (EMEF e CMEI)¹⁶, que têm como principal público envolvido de suas atividades os estudantes moradores e moradoras das comunidades Piedade e Fonte Grande.

Apostamos em descobertas de trabalhos que buscam trazer parte das realidades dos sujeitos para dentro dos cotidianos escolares, “através da compreensão das relações que mantêm entre si os múltiplos cotidianos em que cada um vive, em especial considerando os artefatos culturais com os quais os praticantes desses cotidianos tecem essas relações” (ALVES, 2003, p. 65) por meio dos conteúdos, das disciplinas, das atividades extras-escolares e nas redes educativas.

Em nossa perspectiva, torna-se necessário enfatizar as práticas educativas que acontecem nas redes educativas que são sociais ou não, mas educativas. Assim como nos planejamentos das aulas na escola formal, as experiências vivenciadas no “território do samba”, que constituem as identidades culturais, saberes e práticas socioculturais dos seus estudantes, muitos deles, como já afirmado neste trabalho, “filhos, netos de sambistas”.



Figura 66 - Oficina de Bateria CMEI Ernestina Pessoa, no Moscoso.
Fonte: Instituto Raízes (2018).

¹⁶ Escola Municipal de Ensino Fundamental e Centro Municipal de Educação Infantil (EMEF/CMEI).

Em artigo publicado neste ano de 2021 ressaltamos essa necessidade de fortalecer as relações entre a escola e a comunidade abordando o samba como recurso pedagógico na Educação Infantil.

nas comunidades Piedade e Fonte Grande, também chamadas de “Berço do Samba” capixaba, a iniciação no mundo do samba acontece ainda na infância. É muito comum vermos as crianças acompanhando seus familiares em ensaios. (JUNIOR, J. da C; DA SILVA, K.,B. R. e SCHMAEDEKE, L.; 2021, p. 3)

Em relação ao samba como recurso pedagógico e que potencializa o “território do samba” nos cotidianos escolares, destacamos o projeto Para Sambar com as Crianças.

O Projeto Para Sambar com as Crianças surgiu a partir do entendimento de que o samba é uma excelente ferramenta didática e pedagógica, capaz de despertar nas crianças uma forma diferenciada de leitura e apreensão das coisas do mundo, da valorização das belezas e do patrimônio cultural das comunidades Piedade e Fonte Grande. É nesta comunidade que a maioria das crianças reside e estuda e onde nasceu a primeira Escola de Samba do estado, a Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Piedade (JUNIOR, J. da C; DA SILVA, K.,B. R. e SCHMAEDEKE, L.; 2021, p. 4).

A relação da escola com a sociedade tem o sinônimo de partilha, comunicação, troca e transformação social. Diante de tantas potencialidades, a teoria e a prática se tornam inseparáveis na construção e (re)produção de conhecimento. No samba, a transmissão de saberes está presente em suas expressões, bem como o processo intergeracional, assim, não há como se trabalhar nesses espaços escolares sediados nas comunidades desvencilhando essa cultura do currículo permanente da escola. Ou seja, neste processo a escola, na figura de seus professores e funcionários aprendem sobre o samba do território.

As letras dos sambas podem estar nas aulas de Língua Portuguesa, bem como na paisagem, fauna e flora, nas disciplinas de Ciências e Geografia. Várias possibilidades de envolver as comunidades nos contextos das aulas são possíveis, contribuindo para

reafirmar que as escolas locais coloquem em destaque o território e os atores sociais com quem trabalham.

Existem grupos humanos que, devido a sua história e cultura [...] produzem conhecimentos por meio de uma relação mais direta com o ambiente em que vivem. [...] Estes constroem conhecimentos variados [...] que nem sempre são considerados pela escola. Nos últimos anos, esses grupos vêm se organizando cada vez mais e passam a exigir das escolas e dos órgãos responsáveis por elas o direito ao reconhecimento de seus saberes e sua incorporação aos currículos. (GOMES, 2007, p. 21)

O intuito desse entrelaçamento de ideias é favorecer alternativas nos processos educativos que possibilitem a descoberta conjunta de meios de ação e reflexão, portanto, que instaurem o compromisso com a realidade e com o cotidiano local. Todavia, a inserção do “conteúdo no currículo escolar” não está envolvido em

um simples processo de transmissão de conhecimento [...]. Possui um caráter político e histórico e também constitui uma relação social, no sentido de que a produção de conhecimento nele envolvida se realiza por meio de uma relação entre pessoas. (GOMES, 2007, p. 23)

Assim, as escolas do território do samba, a partir das demandas trazidas pelas comunidades escolares, podem, por meio das questões étnico-raciais e das relações cotidianas, fazer uma escola que valorize o seu território, seus estudantes e suas famílias, cumprindo, como sugere Nilma Lino Gomes (2017), “a função pedagógica”, saindo da inércia e do imobilismo, expressando a riqueza das identidades e da diversidade cultural presente na escola e sociedade, e com o samba tal função pode ser desempenhada com muita grandeza.

Gomes (2007, p. 28 - 29) afirma que “[...] a cultura não deve ser vista como um tema e nem como disciplina, mas como um eixo que orienta as experiências e práticas curriculares”. A proposta de trabalhar com diversidade está também elencada na Legislação reguladora dos sistemas de ensino brasileiro. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996 (LDB), em seu artigo 26, exige que a parte

diversificada do currículo escolar seja elaborada a partir das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Nilma Lino Gomes (2006, p. 24) propõe o enfrentamento da “[...] noção hegemônica de conhecimento que impera na escola, levando-nos a refletir sobre a tensa e complexa relação entre esta noção e os outros saberes que fazem parte do processo cultural e histórico no qual estamos imersos”.

E nessa complexa relação está a dicotomia hierarquizada entre oralidade e escrita, em que a primeira é subjugada duplamente no contexto brasileiro: por sugerir anterioridade ou atraso em relação ao “progresso” estimulado pela escrita, e por compor-se como uma matriz característica afro-brasileira e indígena, ou seja, primitiva” no sentido mais objetivo possível.

Com a superação de um modelo hegemônico hierarquizante que ao longo dos séculos têm enfatizado uma “visão restrita de conhecimento, ignorando e até mesmo desprezando outros conhecimentos, valores, interpretações da realidade, de mundo, de sociedade e de ser humano acumulados pelos coletivos diversos” (GOMES, 2006, p. 36). Torna-se um exercício urgente e necessário à sociedade brasileira como forma de contribuir para importantes transformações sociais e para a construção de uma efetiva educação justa, democrática e antirracista.

A fomentação de Nilma Lino Gomes (2007, p. 29), quando afirma que os “[...] educadores e educadoras podem ousar, realizar trabalhos mais próximos da comunidade, explorar o potencial criativo, artístico e estético dos alunos e alunas”, tem estreita relação com as comunidades Piedade e Fonte Grande, pois ao desenvolver atividades que remetam ao samba, à Unidos da Piedade, sua história, seus personagens, a escola promove um diálogo coerente com os seus sujeitos, haja vista que, tratando-se de samba, têm-se aí as vivências e práticas dos próprios estudantes, de suas famílias e de seus antepassados.

5 O TERRITÓRIO DO SAMBA CAPIXABA “[...] MORRO(S) DA FONTE GRANDE [E PIEDADE] E ADJACÊNCIAS, CENTRO DE VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, UM LUGAR SAGRADO”¹⁷

As duas comunidades pesquisadas neste trabalho são consideradas como reduto do samba capixaba. Chamamos nesta pesquisa, de “território do samba”, seguindo os preceitos do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que define o que é território¹⁸ e com o apoio das escritas do Geógrafo Milton Santos (2011), que conceitua “território usado” como lugar que é construído pelas pessoas, com suas potencialidades e possibilidades de construção de redes. As ações do Instituto Raízes e demais coletivos das redes educativas nas comunidades têm tornado o território do samba um local em plena transformação, pois a cada dia novas ideias, ações, mobilizações e o desejo de renovar e transformar socialmente os morros tem se concretizado pelos moradores, em simples, mas potenciais intervenções locais no território. Na mesma linha há uma cobrança política por investimentos estatal nas comunidades.

O território é, segundo Santos, o campo de atuação da convivência e da coexistência nos lugares, que o autor define como espaços do acontecer solidário. Nessa perspectiva, tanto de Santos, quanto do SUAS, as redes educativas buscam em suas atividades propulsar a coletividade e o exercício da cidadania através da promoção de acessos à direitos iniciados por meio da cultura no território.

Ambos têm que ver com o território e este não tem apenas um papel passivo, mas constitui um dado ativo, devendo ser considerado como um fator e não exclusivamente como reflexo da sociedade. É no território tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta.

¹⁷ Trecho do texto de Francisco Velasco, que dá o título a este subcapítulo, o texto está disponível no CD Memórias Unidos da Piedade Onde Mora o Samba – Vol. 01, faixa 01. O CD homenageia a escola, com o objetivo de recordar a história e sambas antigos da escola.

¹⁸ O SUAS, norteador da Política Nacional da Assistência Social, ao descentralizar seus serviços oferecidos à população, ressalta a importância da territorialização, assim, as comunidades tornam-se protagonistas dentro desse território, das ações, dos mapeamentos e serviços que necessitam ser oferecidos à população local. Nesse sentido, leva-se em conta os contextos histórico, social, cultural, econômico e outros correlacionados. Então, em referência à definição do SUAS, as comunidades do Centro de Vitória podem ser consideradas pertinentes a um território simbólico em que a principal manifestação cultural é o samba.

Mudanças no uso e na gestão do território se impõem, se queremos criar um novo tipo de cidadania, uma cidadania que se nos ofereça como respeito à cultura e como busca da liberdade. (SANTOS, 2011, p. 81)

Ao revelar as comunidades Piedade e Fonte Grande, nos seus mais diversos momentos cotidianos, como as tradicionais e as novas formas de aprendizagens são vivenciadas no território, sem perder a essência da cultura local, essa produção acadêmica explicitou o lugar de origem de seu pesquisador. Trouxe a bagagem cultural, as memórias, as histórias, os anseios e desejos desse lugar. Lugar esse onde, quando pisa e circula nele, mesmo em silêncio, o pulsar e a linguagem se encontram pela intensa relação que construiu com o território do samba: morros da Piedade e Fonte Grande. Santos (2011) relata que a herança cultural que carregamos a partir do nosso relacionamento com o meio que vivemos é resultado do processo de viver e de reaprender.

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. (SANTOS, 2011, p.139)

Enaltecer o lugar de origem, do samba, da cultura capixaba, faz sempre (re)viver memórias sociais construídas ao longo da jornada na comunidade:

**Eu sou lá da Piedade,
Que é minha comunidade
Guardo no peito, o orgulho e tradição
Lá fui nascido, fui criado**
Nesse palco Iluminado,
Muitos bambas consagrados,
Que fazem sambas sempre com muita inspiração
Bambas como Souza e Caroco, Valtinho, Seu Mário e Aroldo
Também Nedir, só podemos aplaudir...
E tem dois mestres campeões em harmonia,
Nota dez em Bateria,
Estandarte Campeão!
Mestre Edu e Aloizio Parú
Quem já viu “ficou babando”, mas não é pra qualquer um,
Sem esquecer do nosso “Papo Furado”,
Do gogó iluminado, que traz força e inspiração
Na avenida “Deixa o couro afinado”, nosso “pelo arrupiado”
Com esse canto Piedade é campeã...

(Música: Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba – Compositor Lucianinho do Cavaco¹⁹)

Assim, os compositores locais, anônimos para a sociedade de modo geral, mas literalmente reconhecidos nas comunidades por suas composições e artes musicais, que narraram com maestria histórias do lugar, a maioria dessas composições trazem, além do sentimento único de relação com a escola e com o samba, suas vivências e emoções:

[...] Os sambas compostos, em sua maioria, chamam atenção não só pela qualidade musical como também pelas histórias dos compositores e das composições dos sambas enredos que embalaram os desfiles de carnaval da Escola de Samba, enfocando a dinâmica histórica e social contida nas composições e na memória daqueles que participaram direta ou indiretamente da dinâmica da construção de um valioso acervo musical que, até os dias atuais, embala o cotidiano e as festas das comunidades que preservam e atualizam a memória do samba contribuindo para a manutenção desta importante manifestação cultural... (Instituto Raízes, 2012).



Figura 67 - Vista do alto do Morro da Piedade.
Fonte: Acervo pessoal.

¹⁹ Jovem, músico/cavaquinista, compositor, Luciano é morador do bairro Fonte Grande, na escola de samba atua no grupo musical que acompanha o intérprete principal da escola. A música em referência no texto, foi gravada inédita no CD Memórias 2, produzido pelo Grupo Raízes da Piedade e lançado em 2013.

Nesse sentido, – *das emoções* – falar dos morros Fonte Grande e Piedade traz alegria, uma vez que faz com que se recordem inúmeros momentos da infância que foram vividos nesses lugares de um “tempo que não volta nunca mais”. Assim, compartilha-se da composição de Francisco Velasco, interpretado por Edson Papo Furado²⁰, o samba “O Canto do Grumará”²¹, que em seus versos acredita que todos os quintais do morro tinham plantado em seus chãos “a felicidade”. “Podem sentir inveja”, pois, segundo o compositor, “colhíamos a paz” a cada dia que se acordava ao som dos pássaros e outros animais que ali habitavam. Velasco, em sua canção, enfatiza que os morros da Fonte Grande e Piedade são lugares sagrados, diferentes e ricos por sua natureza e cultura. O compositor, por fim, indica que “namoramos Vitória lá de cima”, no sentido de valorizar a privilegiada e bela visão que se tem da cidade do alto dos morros.



²⁰ Edson Rodrigues do Nascimento, declarado o primeiro intérprete da escola, Papo Furado, atua na agremiação há mais de 50 anos. Hoje ocupa o papel de intérprete de honra da escola, com o lendário grito de guerra: “Alô gente boa da Piedade! Bate forte no couro e deixa o *‘pêlo arrupiar’*”, que para além de um grito de guerra, tornou-se um momento de emoção e coletividade dos integrantes da escola no momento de concentração para os desfiles. Músico e apaixonado pelo samba e boemia, vive no Centro de Vitória, sendo facilmente encontrado nas ruas e bares do bairro. Sua história foi contada no documentário “Anjo Preto” de Gui Castor (2007).

²¹ Francisco Velasco, compositor e jornalista, compôs o samba “O canto do Grumará”, que em suas linhas conta a rotina do sambista Papo Furado, a felicidade do sambista em residir nos morros e a externalização do sentimento de pertencimento e encantamento com o lugar onde nasceu o samba.

Figura 68 - Edson Papo Furado, no encontro de Velhas Guardas.
 Fonte: Instituto Raízes (2017).

Eu agradeço a Deus todos os dias
 A minha vida é um jardim em flor
 Se eu não viver pro samba, sei que morro
 Eu moro lá no morro, dou graças ao Senhor!
 A minha casa é uma alegria
 Plantei felicidades no quintal
 Eu colho a minha paz todos os dias
 Quem planta só o bem, não colhe nada mal
 Eu trago nos meus olhos a menina
 Adoro o seu sorriso de mulher
 Namoro minha Vitória lá de cima
 Pode sentir inveja quem quiser
Eu sou a liberdade da poesia
Eu canto as canções do bem-querer
Eu sou da Velha Guarda, a harmonia
E vivo pra cantar, não canto pra viver
Eu sou o porta voz desse meu tempo
Eu sou um cantador de mil canções
E canto samba a todo momento
Eu sou um instrumento da inspiração
 Eu gosto de manhã logo cedinho
 Ouvir os passarinhos a cantar
 E ao entardecer, bem de mansinho
 O mavioso canto de um triste sabiá
 Adoro a alegria das crianças
 Sentar bem junto a elas, me encantar
 Cantar os meus momentos, as lembranças
 Me sinto um passarinho, um mero, um grumará
Eu sou um viajante dos meus sonhos
Eu sou um mercador de ilusões
E acredito em tudo que proponho
Me perco ao ir pra casa, me encontro nas canções
O samba e as crianças, meu destino
Adoro a euforia dos pardais
E guardo aqui no peito um menino
De um tempo que não volta nunca mais
 Eu tenho um companheiro cavaquinho
 Família e amigos que respeito
 E guardo o que eu gosto com carinho
 No coração, aqui dentro do peito
 Eu sigo na cadência destemida
 Do jeito que meu Pai sempre quis
 O samba é a razão da minha vida
 Não sei como explicar, só sei que sou feliz
Sou negro, capixaba, sou artista
Trabalho e canto samba o ano inteiro
Sou Edson Papo Furado, sou sambista
“Malandro”, flamenguista e partideiro
Sou Piedade e afrobrasileiro.
 (Francisco Velasco, 2002)

O envolvimento de cada ator social no samba nas comunidades Piedade e Fonte Grande é carregado de histórias. Em sua maioria, cada membro da escola tem antecedentes familiares no processo de fundação, formação e vivência da escola de samba Unidos da Piedade, o que evidencia a intergeracionalidade do samba no território.



Figura 69 - Vista de outro ângulo do alto do Morro da Piedade.
Fonte: Acervo pessoal.

A Velha Guarda da Escola de Samba, a partir de seu então coordenador, senhor Aroldo, produziu uma pesquisa em 2004 – “Memórias da Escola de Samba Unidos da Piedade” – (p. 15/16) sobre a história da escola. Com base nessa pesquisa, podem-se citar com facilidade as famílias de integrantes da escola com mais de 40 anos de participação na época da pesquisa, como a de Silva (Hélio, Dulce e Eduardo), Reis (Ailton), Rufino de Oliveira (Guiomar e Aroldo), Nascimento (Rômulo e Marlene), Abreu (Aloizio), Gomes (Walter), Ramos (Mário), *João Cara Preta*, Rodrigues Nascimento (Edson e Edmilson), *Nazaret*, Meireles (Adelson), *Seu Coelho*, Monteiro (Edson), *Manoel Parente*, *Ruy Barbosa*, *Cloves Martins*, Rodrigues (Alcyr), *Russô*,

Elias Silva (*Bentinho* – Olmício)²², Edigar Vilas Boas, Marcelo Brandão, José Puri, Francisquinho das Ossadas, José Bule, Passos (Odélio e Olair), Argilando Dario, Romildo, Helio Catita, Sr. Tião, José Martins, Lopinho, Ivo Silva, Zuzu, Rubinho, Baiano, Arnaldo Abreu, Mandinho, Rosalina, Anginha, Alaíde, Ivamira, Merentina, Zulmira, Maira Rufina, Jacira, Rufina, Zizinha, Inácia, Ilda, Cléria, Izolina, Margarida Borges, Cecília Camata e Ieda.



Figura 70 - Velha Guarda da Unidos da Piedade no início dos anos 2000.
Fonte: Mauro Pinto.

Muitos desses ilustres baluartes listados acima já não se encontram mais entre os sambistas atuais, mas possuem suas histórias registradas, seus filhos, netos e bisnetos participando ativamente da escola, (re)produzindo saberes, práticas e

²² Trata-se do avô paterno do autor dessa pesquisa, o Sr. Bento ou Bentinho como gostava de ser chamado, porém registrado como Olmício Elias Silva, foi um dos fundadores da agremiação, logo em seu início colaborou com a confecção dos primeiros instrumentos da escola de samba. Se afastou da escola devido a idade e sua limitação de locomoção e visão, mas ainda tecia com grande alegria as histórias e recordações do tempo em que atuava na escola. Por vezes gostava de comparar o presente com o passado e arriscava palpites para o futuro do samba.

conhecimentos sobre o samba, que atualizam um apanhado do samba no lugar onde começou a principal manifestação cultural local no Estado. Alguns desses fundadores tiveram suas trajetórias reconhecidas pelos projetos do Instituto Raízes da Piedade. É o caso de Aroldo Rufino, Aloizio Abreu, Souza, Valtinho e Eduardo Silva Filho (Mestre Edu), que se tornaram Mestres da Cultura Popular Capixaba por meio da Secretaria de Estado da Cultura.

Não se pode deixar de afirmar, assim como o Instituto Raízes (2012) diz, que o samba faz parte da dinâmica cultural das comunidades e está inserido nas práticas sociais e simbólicas cotidianas dos indivíduos. Dessa forma, a principal manifestação cultural local (o samba) é “elemento integrador entre as comunidades” que favorece a manutenção da memória social, por meio da arte, da dança, dos ensaios, dos desfiles, enfim, das práticas de sociabilidade existentes nos morros que ainda integram seus moradores.

As escolas de samba constituem espaço privilegiado para apreender as especificidades locais da população [...], visto que é no âmbito dessas agremiações que crianças, adolescentes e também seus pais estabelecem laços de sociabilidade, de amizade e solidariedade entre si e entre os outros participantes. (PINTO, 2008, p. 70)

5.1 “[...] OS MORROS FONTE GRANDE E PIEDADE CONQUISTARAM A CIDADE. ASSIM FOI QUE A HISTÓRIA COMEÇOU...”

As comunidades Piedade e Fonte Grande situam-se no centro histórico da capital do Espírito Santo. Os dois bairros têm como limite uma das ruas mais tradicionais da capital do estado, a Sete de Setembro. Seus moradores contam diversas histórias sobre a formação das comunidades. Entretanto, o registro oficial de ocupação realizada nos morros do Centro de Vitória tem início a partir do ano de 1909, segundo Oliveira (2011).

A maioria dos primeiros moradores das comunidades eram imigrantes ou pessoas que se sentiram obrigadas a “subirem para o morro”, após o encarecimento da moradia na parte baixa da cidade. A pesquisadora Geovana Tabachi Silva (2013, p.

05-06) apresenta um breve histórico dessa ocupação, ocorrida nos morros do centro de Vitória. Segundo ela,

Historicamente, na região ocorreram as primeiras ocupações em morros na Capital Vitória, uma vez que estas aconteceram já em 1909, em Santa Clara. Já Fonte Grande faz parte do processo de ocupação que começou a ocorrer lentamente nas décadas de 30, 40 e 50, com a chegada de famílias provenientes do interior do Estado. As famílias já residentes no centro da cidade, principalmente as de baixa renda, com as melhorias urbanas foram obrigadas a se deslocarem para os morros, uma vez que as mudanças alteraram o padrão de vida, encarecendo e impedindo que continuassem morando na parte baixa da cidade. A expansão da ocupação nos morros ocorreu de forma acelerada a partir dos anos 60, quando a região passou a servir de alternativa habitacional de migrantes vindos do interior do Estado, sul da Bahia e norte de Minas Gerais, que, atraídos pelo processo de industrialização concentrado na capital, desembarcavam em Vitória com a expectativa de conseguir melhores condições de vida. (SILVA, 2013, p. 05-06)

Ainda segundo a pesquisadora, as questões sociais de ordem habitacional, de oferta de serviços públicos e da oportunidade de emprego, influenciavam, na época, a decisão das famílias em residir nos morros, em busca de “melhorias da qualidade de vida”:

Na época, os espaços vazios nas áreas de morro do centro da cidade foram determinantes para o alargamento da ocupação nos mesmos. As possibilidades de trabalho próximo do local de moradia, o acesso aos serviços e equipamentos urbanos oferecidos, foram fatores de atração para os moradores, que passaram a receber parentes e amigos, multiplicando os lotes ocupados e a construção de barracos que se espalhavam nos locais. Destaca-se ainda a importância da proximidade com os recursos naturais, uma vez que muitos desses novos moradores viviam em áreas rurais, e mantinham estreita relação com a terra. (SILVA, 2013, p. 06)

A chegada em massa de novos moradores ao centro urbano, segundo Santos (2011, p. 143), deixa em desigualdade a relação do mercado de trabalho com as classes mais pobres, tendo em vista que, a partir da chegada no centro urbano naquele momento, ampliaram-se de certo modo as dificuldades encontradas por essa classe social, que encontrou empecilhos para o pleno desenvolvimento social, econômico e até mesmo político. Naquele tempo, a possibilidade de inserir-se no mercado de

trabalho no centro urbano era muito difícil, o que não contribuía com a ascensão social dos sujeitos.

Sobre as manifestações da questão social, leva-se em consideração que, para além da habitação, ainda havia nos contextos dos novos moradores dos morros do centro urbano, outros motivos para ocuparem o território, que de certo modo estava livre. Braz enfatiza como a dinâmica societária tem influenciado as relações da questão social:

O que devemos investigar é, para além da permanência de manifestações “tradicionais” da questão social, a emergência de novas expressões da questão social, que é insuprimível sem a supressão da ordem capital. A dinâmica societária específica dessa ordem não só põe e repõe os corolários da exploração que a constitui medularmente: a cada novo estágio de seu desenvolvimento, ela instaura expressões econômicas e sociopolíticas diferenciadas e mais complexas, correspondentes à intensificação da exploração, que é a sua razão de ser. O problema teórico consiste em determinar concretamente a relação entre as expressões emergentes e as modalidades imperantes de exploração. (2013, p. 29)

Hoje, a rotina das comunidades não se desvencilha das demais existentes em zonas de periferia em outros lugares do país, com histórico de extrema escassez e limitação da intervenção pública, os intensos problemas com o tráfico de drogas, o grande número de assassinatos de jovens “filhos dos morros”. As particularidades histórico e socioculturais das comunidades estão sobretudo se tornando a “regra geral” das relações societárias. A “lei-geral” que indica Braz, referente às “questões sociais”, tem se fortalecido sobremaneira em nossos cotidianos e se acentua com a vulnerabilidade econômica e social, que, conforme dito anteriormente, está cada vez mais presente nas comunidades.

Se a “lei geral” opera independentemente de fronteiras políticas e culturais, seus resultantes societários trazem a marca da história que a concretiza. Isto significa que o desafio teórico acima salientado envolve, ainda, a pesquisa das diferencialidades histórico-culturais (que entrelaçam elementos de relações de classe, geracionais, de gênero e de etnia constituídos em formações sociais específicas) que se cruzam e tensionam na efetividade social. Em poucas palavras: a caracterização da “questão social”, em suas manifestações já conhecidas e em suas expressões novas, tem de considerar as particularidades histórico-culturais e nacionais. (BRAZ, 2013, p. 29).

5.2 BREVE CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DO TERRITÓRIO DO SAMBA

Em referência à Piedade e Fonte Grande²³, nas duas comunidades houve uma diminuição em 62,7% do número de habitantes nos bairros, principalmente no bairro Piedade. Comparado com o Censo 2000, nota-se que houve 48% de redução de moradores somente nesta comunidade, em 2010. Alguns fatores apresentados acerca da dinâmica social dos bairros podem ser identificados no resultado da pesquisa do IBGE (2010)²⁴. Ainda conforme o Censo, o “território do samba” possui mais mulheres e pessoas com idades de 0 a 29 anos, que somam 70% da população local, com renda média de R \$744,17.

No seu artigo acadêmico *“DO QUILOMBO ÀS FAVELAS: FACES DO RACISMO TERRITORIAL NA PRODUÇÃO DAS CIDADES”*, a professora Elpídio, traz um dado interessante que tem correlação com as comunidades do território do samba de forma indireta, por se tratar de uma análise de territórios periféricos. Há tempos a população negra tem cada vez mais ocupado os lugares aligeirados, afastados do acesso às políticas sociais e da atenção do poder público de forma prioritária.

Em uma série histórica que remonta este breve século XXI, retomando dados de 1993 e 2007, o percentual de residências que se encontravam em favelas ou semelhantes passou de 3,2% para 3,6%. Considerando a distribuição de acordo com o chefe da família, tem-se que 40,1% dessas casas são chefiadas por homens negros, 26% por mulheres negras, 21,3% por homens brancos e 11,7% por mulheres brancas. De acordo com o estudo, essa distribuição mostra a predominância da população negra em favelas, o que reforça que as desigualdades socioterritoriais tem cor e raça no Brasil.

Relacionando os dados expostos a partir dos eventos da escola de samba, é possível notar que os jovens são, atualmente, a maioria dos integrantes da escola, inclusive ocupando lugares de grande relevância em sua formação, como bateria/ritmista,

²³ As comunidades Piedade e Fonte Grande, segundo o IBGE (2010), aproximadamente 3.000 moradores residem neste território.

²⁴ Pesquisa do IBGE-2010, referente às comunidades. Disponível em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/Censo_2010/sumario_censos_prelim.asp>. Acesso em: 02 Mar. 2014.

grupo de intérpretes, mestre sala e porta bandeira, passistas, entre outros. Todos com enorme dedicação em suas respectivas funções, são considerados artistas populares e mantenedores das tradições do samba das comunidades.



Figura 71 - Participantes do Documentário “Piedade Berço do Samba, Terra de Bamba”.
Fonte: Instituto Raízes (2011).

Em diálogo com moradores, os mesmos apontam suas impressões para a possível diminuição da população. Segundo relatam, a violência, o tráfico de drogas, a implantação do “Programa Terra Mais Igual”²⁵, que favoreceu a muitas famílias o aluguel social, em virtude de residirem, na época da intervenção do programa, em

²⁵ O Programa Terra tem como princípio integrar e concretizar políticas sociais e habitacionais, de preservação ambiental e melhorias urbanas. O projeto Terra Mais Igual é uma iniciativa de gestão pública para o enfrentamento da pobreza urbana, por meio de ações que visam promover a inclusão sócio-territorial e o desenvolvimento humano sustentável, tendo como pressupostos a integração institucional e o fortalecimento dos processos de participação popular na elaboração, implantação e avaliação de um Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI) nos territórios onde o programa atua. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/prefeitura/programa-terra>>. Acesso em: 08 set. 2014.

lugares de interesse ambiental ou de risco. Esses são alguns dos principais motivos para a diminuição do número de moradores apresentado pelo IBGE.

Mesmo com as ponderações apresentadas e as impressões citadas pelos moradores, é visível o descontentamento das comunidades com o dado estatístico supracitado. Em conversa reflexiva sobre a pesquisa com populares, os mesmos não concordam e nem aceitam tal diminuição, pois consideram superficial o resultado final da pesquisa do IBGE.

Pode-se entender que a estratégia de argumentar e analisar o resultado da pesquisa do IBGE-2010 pelos próprios moradores contribui para possibilitar um outro olhar no sentido de identificar o porquê da diminuição do número de habitantes nas comunidades onde residem. Com essa postura analítica dos moradores sobre a pesquisa, estes acabam tornando essa análise uma das

[...] estratégias por meio das quais os grupos humanos considerados diferentes passaram cada vez mais a destacar politicamente as suas singularidades, cobrando que as mesmas sejam tratadas de forma justa e igualitárias, desmistificando a ideia de inferioridade que paira sobre algumas dessas diferenças socialmente construídas exigindo que o elogio à diversidade seja mais do que um discurso sobre a variedade do gênero humano. (GOMES, 2007, p. 22-23)

Com isso, evocam a necessidade de ampliar, nas pesquisas realizadas nas comunidades, os reais motivos para ampliação ou diminuição dos habitantes, os contextos sociais e outros elementos que são considerados importantes pelos moradores, para serem analisados no desenvolvimento do IBGE.

Tal descontentamento com a pesquisa do IBGE e a forma de se mobilizar em busca de acesso a direitos, a mudança de paradigmas e olhares que envolvem as comunidades e seus atores sociais contribuem de maneira que a grande diversidade cultural, da miscigenação, dos movimentos organizados, elaborem e exigem um olhar mais sensível para o respectivo segmento, nesse caso, as comunidades. Nesse sentido, as transformações das grandes cidades atingem em grande porte os bairros da zona de periferias e seus pilares da vida social (trabalho, família, moradia,

mobilidade), provocando intensas alterações. Com isso, ao provocar alterações heterogêneas, surge no processo sujeitos que questionam ao seu modo – *movimentos sociais e comunitários* – a regulação do Estado na comunidade, tanto na área ambiental, quanto na área de risco habitacional. Isso leva a repensar os questionamentos trazidos. É preciso identificar os reais, e se há limites entre centro e periferia, o público e o privado, o legal e o ilegal, mas também o moral.



Figura 72 - Beco no alto do Morro da Piedade.
Fonte: Acervo pessoal.

Ao abordar o território do samba, torna-se indispensável, revelar e explicitar as questões habitacionais que envolvem os sujeitos que residem nas comunidades, pois, durante o desenvolvimento da pesquisa, estes trouxeram à tona os problemas considerados graves para seus convívios, entre outros, no aspecto habitacional.



Figura 73 - Residência em situação de risco de desabamento no Morro da Piedade.
Fonte: Acervo pessoal.

Os projetos desenvolvidos pelo Instituto Raízes colocam-se como uma alternativa da inércia do poder público e das vulnerabilidades no/do território. Dentre as questões de vulnerabilidades já expostas neste trabalho, as mais evidentes em todo o contexto local estão coincidentemente ligadas às questões apontadas por Pinto (2008), no decorrer de sua pesquisa, nas comunidades da Mangueira e Beija Flor:

[...] baixo rendimento familiar, violência urbana, casos de homicídios, gravidez na adolescência, jovens com ensino fundamental incompleto, além da dificuldade de ingresso no mercado de trabalho, cada vez mais exigente. (p. 64)

A violência também é registrada pela mesma autora em seu trabalho, e tem aparência com a realidade das comunidades Piedade e Fonte Grande:

A crescente violência, em especial, entre a população jovem, é fator preocupante, visto que suas consequências, não são restritas à dimensão individual, mas também, à coletiva devido ao impacto que causa no tocante

a condição física, psíquica e econômica das pessoas envolvidas. (PINTO, 2008, p. 65)

Em relação ao problema social da violência nas comunidades, identifica-se a gravidade das situações vivenciadas, o sentimento de horror e naturalização cotidiana dos episódios generalizados da violência local. A violência (re)produzida no berço do samba também está no liame do racional e do afetivo, trazidos pelos contornos e transformações sociais dos envolvidos nesse processo.

A pesquisadora Silva (2013, p. 06) discorre em uma de suas pesquisas sobre as comunidades circunscritas à escola de samba, a exaltação da mídia aos morros como “local da insegurança, da desordem e das “guerras”, desconexo do centro da capital”. A antropóloga ressalta, porém, que “estas transformações são parte integrante constitutiva da cidade e do contexto urbano”, não sendo possível tornar as comunidades lugares distantes ou não integrantes da cidade. Pelo contrário, é necessário reafirmar cada vez mais a participação e a inserção social das comunidades, a partir de seus atores sociais (moradores e moradoras).

Assim como o Raízes e a socióloga Silva (2013) ainda completa em seu estudo que a vulnerabilidade que os moradores dos morros da Piedade e Fonte Grande vivenciam estão ligados às características dos centros urbanos, como segue:

No tempo presente o território está ameaçado por um conjunto de situações características das cidades que vivenciam intenso crescimento urbano. A sociabilidade violenta, devido à presença do narcotráfico, compromete a vida social e cultural dos moradores, primordialmente os jovens, deixando-os em situação de vulnerabilidade. (SILVA, 2013, p. 06).

Com base nessa percepção, não se observa o papel preponderante do poder público nesse contexto para superar a vulnerabilidade existente nas comunidades. As intervenções consideradas “eficazes” aplicadas e disponibilizadas às comunidades pelo poder público restringem-se às ações de coerção e apreensão, objetivando o (des)controle da violência, sem nenhuma alternativa de possibilidades de mediação e

promoção de acesso e consolidação de direitos, com reforço à inferiorização e “dominação” das comunidades e de seus moradores, como lembra Gomes:

Não podemos esquecer que essa sociedade é construída em contextos históricos, socioeconômicos e políticos tensos, marcados por processos de colonização e dominação. Estamos, portanto, no terreno das desigualdades, das identidades e das diferenças. (GOMES, 2007, p. 22)

A inferiorização colabora para o fortalecimento da desmobilização social, do cerceamento do direito de ir e vir no interior das comunidades e limitação do acesso aos serviços/equipamentos públicos, atrelado à falta de olhar e de manutenção para os espaços públicos existentes nas comunidades. A falta de garantia dos serviços públicos, parcial ou totalmente, por vezes só apresenta sua intervenção por meio de ações repressivas, possibilitando, como afirma Pinto (2008, p. 44), “espaços e condições para que outros setores da sociedade atuem sobre a realidade das populações de baixa renda.”

Desse modo, a partir dessas considerações acerca desse breve contexto socioeconômico do território do samba (e desta pesquisa), nos reportamos a Santos (2014) ao nos alertar com as seguintes questões acerca de um país onde a figura do cidadão é tão esquecida. “Quantos habitantes, no Brasil, são cidadãos? Quantos nem sequer sabem que não o são?” (SANTOS, 2014, p. 61).

Voltamos a nos posicionar, nos parece que tudo deve permanecer como está [ruim], por historicamente esta comunidade ocupar esse lugar, por trazer em sua composição pessoas semi alfabetizada, com empregos não valorizados e um processo de desmobilização deixando que a vida os leve para onde tiver que ir.

6 DIÁLOGOS COM DADOS DOS ESTUDOS: TENSIONANDO AS REDES EDUCATIVAS PELA VIA DOS PROCESSOS EDUCATIVOS DE SOCIABILIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Como dissemos acima o grupo focal foi realizado por meio da plataforma google meet, no dia 26 de agosto de 2021 no horário de 19h às 20h31, e se constituiu um momento para que de alguma maneira pudéssemos sistematizar as experiências (HOLLIDAY, 2006) trazidas neste trabalho e nas falas e ações dos participantes do grupo e da rede educativa do território do samba, as falas vão de encontro com o que temos dialogado neste trabalho, acerca da dinâmica das comunidades, a inserção no samba, o envolvimento dos equipamentos sociais com este lugar e ainda os processos violentos vivenciados pelos moradores nos últimos anos.

Considerando as limitações impostas pela pandemia do novo coronavírus, associada à disponibilidade de tempo dos elos das redes educativas no território do samba, elaboramos uma carta convite que foi enviada no mês de agosto deste ano, por email e por contatos do *whatsapp*, destinada às instituições, lideranças sociais e culturais, moradores, que realizam ou participam de ações e processos educativos, sociais e culturais nos Morros da Piedade e Fonte Grande. Segue um fragmento da carta convite:

Esta é uma carta convite destinada aos professores, professoras, gestores de equipamentos sociais, equipes técnicas, lideranças sociais e comunitárias, artistas locais, coletivos culturais e escola de samba, membros do Instituto Raízes, moradores, para participarem de uma roda de conversa, no modo remoto, com o objetivo inicial de nos apresentarmos e também para criarmos um espaço dialógico no qual possamos compartilhar experiências e práticas pedagógicas que desenvolvemos relacionadas ao território do samba, suas potencialidades culturais, pedagógicas, assim como, o contexto societário das comunidades a partir das redes educativas que compõem o território.

Esse caminho alternativo possibilitou o contato com moradores e moradoras locais, lideranças comunitárias, artistas locais, professores e professoras da Educação Básica de escolas públicas situadas no território do samba e da pesquisa, representantes do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) que atuam no PROJOVEM (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) e no atendimento familiar,

Assistentes Sociais, representantes de Organizações da Sociedade Civil que desenvolvem ações e projetos no território da pesquisa, representantes e estudante de pós-graduação que desenvolve pesquisas no local.

Após conversas, contatos e definição da data do grupo focal, realizamos o encontro com alguns elos que compõem as redes educativas que desenvolvem processos educativos no território do samba, elos esses cujos os nomes serão substituídos por nomes fictícios que fazem parte da cultura do samba. A necessidade de identificar com nomes fictícios, os atores participantes desse processo, se dá, para que as narrativas, comentários e impressões dos sujeitos que surgiram no encontro sejam valorizadas e livre de possível retaliação, considerando que em algumas dessas falas aparece o cerceamento da liberdade de expressão sobre o contexto comunitário acerca da violência local.

A seguir apresentaremos as narrativas dos elos que compõem essas redes educativas, nossos diálogos com os referenciais teóricos da pesquisa e algumas problematizações e análises que auxiliaram também na elaboração do produto educacional deste trabalho. Ressaltamos que o encontro do grupo focal possibilitou uma aproximação entre os participantes que realizam processos educativos no território do samba, como também, o fortalecimento dessas redes e a expectativa de realização da proposta de formação que consiste no produto educacional, denominada *Formação com as redes educativas do Centro de Vitória direitos humanos, violência e território: (re)conhecendo onde o samba mora!*

O encontro do grupo focal com os convidados e as convidadas iniciou com uma fala de apresentação da professora orientadora, que recepcionou o grupo e agradeceu pela presença e colaboração de cada um neste processo de pesquisa que também é um processo de diálogo sobre as problemáticas locais e reais. Essa introdução foi importante para demarcar que a pesquisa de certo modo apresenta os dados e as questões que atravessam o cotidiano comunitário e as demandas sociais que estão inseridos os sujeitos deste lugar.

O objetivo do grupo focal consistiu em identificar as redes educativas em que se “movimentam” no território e seus atores, promovendo processos educativos, de

sociabilidade e transformação social. Em seguida, consultamos os participantes se poderíamos gravar o encontro e que o arquivo seria usado exclusivamente para fins acadêmicos. Após a aceitação de todos e todas iniciamos a gravação e solicitamos que os participantes se apresentassem. Os participantes foram se apresentando e relatando suas experiências com o território do samba e da pesquisa e os processos educativos que realizam.

Ressaltamos que alguns dos participantes só puderam se manifestar via chat, como foi o caso da moradora Lantejoula que escreveu no chat “[...] sou moradora do morro da Piedade, tenho filho na escola Batucada e que devido a violência deixamos nossa casa”. Outro participante se apresentou como Surdo Um e morador do Morro da Piedade, assim como o morador Repinique, que se apresenta como liderança comunitária e morador há mais de 40 anos. Em sua fala de apresentação destaca o fato de ter vivenciado várias situações e momentos diferentes na comunidade.

Fantasia (2021), se apresenta como “Professora de Geografia, tenho 24 anos, nascida e criada no morro da Piedade, faço parte do Instituto Raízes, tenho um trabalho com algumas escolas do território e diversos trabalhos com as escolas como o Batucada e o Bloquinho”.(FANTASIA, GRUPO FOCAL, 2021)

Chocalho (2021), se apresentou dizendo: "Atuo como pesquisador do Instituto Raízes, tenho formação em História e mestrado em Geografia".(CHOCALHO, GRUPO FOCAL, 2021).

A participante Compositora (GRUPO FOCAL, 2021), se apresentou como coordenadora da escola Batucada, dizendo também que:

Agradeço a oportunidade de participar do encontro. Tive acesso por meio da escola e fiquei com vontade de participar. Acho interessante a temática e como atualmente sou coordenadora da escola de Tempo Integral na Fonte Grande, quero me apropriar das ações que tem acontecido no território. No momento tem muitas situações acontecendo, inclusive de violência e gostaria de saber quais movimentos têm acontecido ali.

O participante Alegoria (GRUPO FOCAL, 2021), se apresenta dizendo, “[...] sou formado em História e diretor da escola Samba Enredo”. A participante Baiana se apresenta dizendo que:

Sou moradora do centro há 20 anos. Sou educadora da educação profissional e tive a honra e o prazer de trabalhar na escola Samba Enredo, junto com o Alegoria. Atualmente não estou em sala de aula, mas estou como assessora parlamentar, atuando mais especificamente no acompanhamento das demandas das mulheres. (BAIANA, GRUPO FOCAL, 2021).

A participante Tamborim (2021), se apresentou:

Sou Assessora Técnica e tenho feito um trabalho de acompanhamento ao PROJOVEM, que é um serviço de fortalecimento de vínculo com a juventude de 14 a 17 anos no território. A partir de 2021 todo CRAS vai ter um acompanhamento técnico e nós realizamos a identificação das demandas das famílias, e as famílias do território trazem suas vivências da vida pessoal e profissional, inclusive as potências e vulnerabilidade. Existe um apoio ao atendimento, encaminhamentos e articulação para atendimento nas redes educativas e no próprio CRAS. (TAMBORIM, GRUPO FOCAL, 2021).

Costureira (2021), outra participante da rede educativa que movimentou o grupo focal e os processos educativos no território do samba, se apresenta dando continuidade ao que foi relatado acima pela colega Tamborim:

O CRAS tem duas vertentes de atendimento, a partir do PAIF (Programa de Atendimento - especificar) que é o atendimento social das famílias cadastradas que acessam o serviço com demandas imediatas, encaminhamentos e registros, e, além disso, temos outra vertente que é a do acompanhamento que vai identificando as demandas das famílias, com prazo estipulado e a busca da superação da vulnerabilidade. (COSTUREIRA, GRUPO FOCAL, 2021).

Passado alguns minutos do início do grupo focal e após essa etapa de apresentações dos participantes, entraram outros elos da rede, dentre eles a participante Passista, que se apresenta brevemente neste momento, saudando a todos e todas e dizendo

“sou diretora da escola de samba Unidos da Piedade”. (PASSISTA, GRUPO FOCAL, 2021).

A partir dessas apresentações iniciais com os participantes que representam diferentes instituições e coletivos, envolvidas em ações governamentais, projetos e processos educativos, sociais e culturais no território do samba e da pesquisa, percebemos como tais processos realizados aproximam diferentes espaços educativos, formando uma rede educativa composta por escolas públicas, OSC's, órgãos e equipamentos públicos, associações, pesquisadores e escola de samba, que têm em comum, conforme dito nos nossos objetivos específicos, de movimentar os atores sociais do território do samba, promovendo processos educativos, de sociabilidade e de transformação social.

A ideia do grupo focal, neste trabalho, está relacionado também na concepção de não falar sozinho sobre as questões apontadas ao longo dos capítulos. Coletivizar essa discussão é um processo necessário, de forma horizontal, com anseios democráticos, éticos e coerente, a partir do momento que há uma aliança entre ações sociais, culturais e educativas no território que vislumbram e potencializam as redes. A contribuição deste trabalho tem perspectiva acadêmica, e ao mesmo tempo de reconhecimento de um lugar pelos seus próprios sujeitos, no caso, os participantes do grupo.

É preciso evidenciar que a contribuição social de cada participante para o território, vem a partir de suas vivências cotidianas neste lugar, compondo as redes educativas, os lugares e os seus micro-lugares como na ideia de Spink (2008, p. 70):

A idéia de um micro-lugar é uma idéia figurativa ou metafórica mais do que uma definição objetiva (Menegon & Spink, 2005). Seu propósito é de chamar atenção para a importância do acaso diário, dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem.

Essa construção sobre micro-lugares segue próxima ao que pensamos, pois, nas redes educativas, cada espaço ou *'lugar'* ou ainda cada sujeito, traz consigo as experiências e articulações próprias para fazer processo educativo. Essas próprias identidades é que vão fortalecer de maneira conjunta as práticas de sociabilidade e de transformação social no território do samba. E esses pequenos espaços ou micro-lugares são intermináveis, pois se atualizam (HALL, 2002), se contextualizam e vivem em permanente (re)construção.

Os micro lugares e seus diferentes horizontes são produtos e produtores de vários processos sociais e identitários: nós, eles, os temas a serem debatidos, com quem conversamos, como e onde vivemos. Denso, o cotidiano se compõe de milhares de micro-lugares; não é um contexto eventual ou um ambiente visto como pano de fundo. Os micro lugares, tal como os lugares, somos nós; somos nós que os construímos e continuamos fazendo numa tarefa coletiva permanente e sem fim. (SPINK, 2008, p. 71)

Nesse cenário, entendemos “redes educativas” como diversas, que se complementam, mas sobretudo buscam a partir de suas *práxis e modus operandi* realizar o engajamento territorial, cultural e político, que são indispensáveis no contexto dos Morros da Piedade e Fonte Grande. Os estudos da professora pesquisadora Nilda Alves (2019, p. 115), nos ensina sobre as *'prácticasteorias'*²⁶

[...] das *'prácticasteorias'* da formação acadêmico-escolar; das *'prácticasteorias'* pedagógicas cotidianas; das *'prácticasteorias'* de criação e “uso” das artes; das *'prácticasteorias'* das políticas de governo; das *'prácticasteorias'* coletivas dos movimentos sociais; das *'prácticasteorias'* das pesquisas em educação; das *'prácticasteorias'* de produção e ‘usos’ de mídias; das *'prácticasteorias'* de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas [...].

Com o grupo focal pudemos conhecer alguns dos processos educativos que são realizados no território do samba, para assim aprimorarmos a proposta de formação

²⁶ “Essa forma de grafar tem sido usada para dar conta de superar as dicotomias e separações entre elementos de expressões que nos parecem ficar melhor quando juntos e não dicotomizados. Essa herança da modernidade tem se mostrado como limite às pesquisas com os cotidianos que desenvolvemos” (ALVES ;OLIVEIRA, 2012, p. 61).

apresentada como produto educacional para entendermos a organização, abrangência e os movimentos dos processos educativos protagonizados pelas relações entre os *'praticantespensantes'* (Oliveira, 2012) da rede educativa do território do samba e da pesquisa, [...] como pelas relações que se processam entre os elos. (ALVES, 2017, p. 04).

Outro autor que dialogamos neste trabalho e a partir do grupo focal é Boaventura de Souza Santos (2007, p. 32), que há alguns anos tem dialogado sobre a necessidade da reinvenção de práticas, termos e epistemologias das pesquisas, sugere em ecologia do saber que a produção intelectual é coletiva, a partir do momento que que valoriza os outros saberes produzidos pela luta dos oprimidos na busca da emancipação social, é preciso abertura para “[...] um diálogo do saber científico com o saber popular e laico”, ou seja, quem ensina a tocar os instrumentos de escola samba não é um graduado nas universidades, mas sim, como vimos no trabalho, pessoas simples, de pouca instrução formal, mas com muita sabedoria.

O grupo focal possibilitou o encontro de narrativas e de saberes acerca do envolvimento sócio emocional, cultural e territorial, com a escola de samba, e com os aspectos que movimentam as comunidades. As escolas públicas, os serviços públicos da assistência social e a escola de samba, se conectam, e essa conexão faz sentido, porque o samba está ligado ao íntimo cultural dos sujeitos e do território.

Alegoria (2021), narra, como a partir da escola *Samba Enredo*, aproximou-se mais recentemente do samba e das comunidades de seus estudantes, e de certo modo do cotidiano e processo de ensino aprendizagem nas tensões que a escola formal, com processos educativos formais visualizam seus estudantes.

Sinto orgulho de ver que nossos estudantes estão envolvidos com o samba. Tive o prazer de ter estudantes como o Vitinho da Imperatriz, o Arthur presidente da Imperatriz, o Junior e mais uns dois ou três da bateria da Piedade. Muita gente passa pelo samba e eu acredito que todo espaço é educativo. Tínhamos um grupo muito participativo de estudantes que eu tinha que cuidar, ceder o espaço da escola, ver instrumentos. Muitos não entendiam de Matemática, mas são cadência pura na avenida, [...]. A escola muitas vezes vê o que esses meninos não fazem, mas quando chega o carnaval esses meninos são aplaudidos de pé, eles são os motores da

alegria, principalmente como ritmistas e passistas. (ALEGORIA, GRUPO FOCAL, 2021).

O patrono da educação no Brasil, Paulo Freire, nos ensinou muito sobre educação popular, não só isso, nos deixou contribuições significativas como Pedagogia da Autonomia. Os processos vividos pelos estudantes nesta escola, conforme narrado por Alegoria (2021), especialmente quando cita a inversão de papéis entre professores e os estudantes: “[...] os professores colocam para fora da sala de aula e eles nos colocam dentro da avenida”. Freire (2002), nos chama a refletir sobre a prática docente e o respeito aos saberes socialmente construídos por seus estudantes, na prática comunitária.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2002, p.16-17).

A escuta, a vivência e o acreditar, no sentido de esperar com os estudantes da escola *Samba Enredo*, através de seu diretor Alegoria (2021), fortalece o conceito de escola pública engajada, que tem como um de seus objetivos enfrentar a desigualdade social e racial, neste caso com ações voltadas ao protagonismo e a cultura do samba, e o respeito aos saberes de seus estudantes.

Eu como professor de História amo o enredo das escolas. Um fato interessante para contar é que eu já frequentei a Jucutuquara na década de 80 e quando eu retorno para a escola, eu precisava me aproximar de um grupo de estudantes afastados que eram das escolas de samba, foi quando eu fui com as estudantes para a Pega no Samba, e elas eram passistas e de lá surgiu uma relação maravilhosa, construímos enredo juntos com eles. É um processo que o samba, nesta identidade do samba assim como os morros, precisam estar presentes na escola. A escola enquanto espaço de construção de cultura de paz. Eu volto no meu processo de aprendizagem pessoal, quando a gente estava assumindo a gestão de uma escola, que naquele momento era considerada uma das mais problemáticas. Era uma questão interna. Era uma questão de diálogo. (ALEGORIA, GRUPO FOCAL, 2021).

Identificar as situações concretas que vulnerabilizam os estudantes e de certo modo provocam tensionamentos no cotidiano escolar, foi uma tarefa de Alegoria (2021). Entre continuar processos não inclusivos com o encolhimento da escola para dentro de seu ambiente, ele fez uma escolha que era ultrapassar os muros da escola. Conhecer o território de seus estudantes, envolver-se nas tradições culturais que identificam esses sujeitos, mobilizar interconexões comunitárias e de diferentes regiões e escolas de samba, valorizar as experiências de vida, de arte e de integração cultural e social.

Mas o bacana foi a juntada da escola pública com a escola de samba, porque a escola de samba e a escola pública, são formadas por vários territórios e por várias comunidades. Percebemos a territorialidade dos nossos estudantes. Nós tínhamos, ao mesmo tempo, estudantes da Piedade, da Pega no Samba, da MUG, da Imperatriz, da Boa vista, e enfim, e isso acontecia também no esporte, da colocação, da criação, e isso enquanto espaço integrador de cultura, do fazer cultural desses jovens e isso me dá várias possibilidades. Hoje estou atordoado com a prisão de uma criança de 15 anos, que tem 04 assassinatos relacionados a ele. Mas ao mesmo tempo saímos para buscar a cultura da paz. O que aconteceu há 30 dias atrás foi uma coisa linda, uma roda de conversa com café, na comunidade da Capixaba. O trabalho significativo do Instituto Raízes sobre o resgate histórico, de restabelecer essa identidade por que a identidade do pertencimento, a quem pertence? É muito mais conversa. As senhoras ficam muito incomodadas com a tomada do tráfico por que quando eles tomam um determinado ponto a comunidade fica acuada. Quando uma pessoa que toma é da comunidade, tem relações de pertencimento, relações de respeito, essas relações de cultura de paz tem um papel fundamental. Esse trabalho de resgate histórico é importante, voltar para discutir a ocupação dos morros, a nossa história do dia a dia, dos morros, como se dá essa ocupação esses tipos de moradia, é um grande passo para construção da cultura de paz. (ALEGORIA, GRUPO FOCAL, 2021).

Esse movimento de Alegoria (2021), no contexto da escola com seus estudantes, impulsiona a prática da educação popular, ao mesmo tempo faz o reconhecimento do cotidiano de seus estudantes, percebendo a própria “[...] cotidianidade, reconhecendo que é nela, que são produzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano” (SPINK, 2008, p. 72).

Na perspectiva de Paulo Freire no livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, ressalta no item 1.3 que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. O educador popular e patrono da educação brasileira questiona o porque

a prática de valorização das experiências dos estudantes pobres não são valorizadas no processo dialógico de aprendizagem escolar; também instiga sobre o porque os tensionamentos das escolas, ao invés de ser com os movimentos de exclusão social cometida através da desigualdade, são com as vítimas dessas práticas, ou seja, o estudante e sua família que vivem “em áreas da cidade descuidadas pelo poder público”.

O autor nos faz refletir o

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2002, p. 15)

Na continuidade das discussões e relatos no grupo focal foi possível identificar como é presente a correlação do samba, políticas públicas e transformação social. As ações pensadas pelo Instituto Raízes (2015, p. 08), reconhecem o samba “[...] como elemento de integração e meio para tratar as mais variadas questões sociais que permeiam o território”.

A integrante do Instituto Raízes, Fantasia (2021), relata que o envolvimento da instituição com a escola de samba e a escola pública, acontecem com o processo de salvaguardar o samba e a memória das identidades culturais locais.



Figura 74 - Intercâmbio Cultural do Instituto Raízes com os estudantes da escola Batucada no Rio de Janeiro.

Fonte: Instituto Raízes (2018).

Relembra, que o coletivo surge a partir da participação de jovens moradores das comunidades e integrantes da escola de samba. O início da mobilização social e o desejo de transformação social são provocadas pela participação na escola de samba Unidos da Piedade. Desse modo, podemos afirmar que a rede educativa que moveu os sujeitos a se articularem por melhores condições de vida, de visibilidade cultural e enfrentamento às desigualdades foi a agremiação carnavalesca.

Temos diversos trabalhos com as escolas como a EMEF Batucada e o Bloquinho. Devido a violência no território a estratégia foi reorganizar as atividades para dentro das escolas, pois na comunidade estava ficando inviável fazer na casa de memória. Além de participar ativamente do projeto pedagógico dessas escolas, eu me encaixo como atuante na tentativa de usar todos os locais que eu atuo ou faço parte, como locais de aprendizado, como Wallace disse e que eu aprendi com o professor Soler “todo lugar é um lugar de aprendizado”. O Raízes surge dentro da escola de samba Unidos da Piedade, como um grupo, criado por Jocelino, que era Mestre Sala, com sambistas e outros membros. Como os meninos da bateria queriam mudar alguns aspectos da escola, porque perceberam que a comunidade estava saindo da escola, eles queriam trazer a comunidade para a escola. O que faço para atrair a comunidade? Aí surgem projetos de salvaguarda e

memória, para entenderem que a comunidade não é só violência, que antes de tudo somos uma comunidade de artistas. Porque dentro da escola de samba os fundadores da escola são seus ancestrais, seus avós, seus pais, e isso a gente mostra para as crianças e jovens. Em 2015 tivemos a construção da Casa de Memória, em 2016 diversas oficinas voltadas para o samba, em 2017 tem o Seminário do Samba na Ufes. (FANTASIA, GRUPO FOCAL, 2021)



Figura 75 - Casa de Memória do Instituto Raízes, no alto do Morro da Piedade.
Fonte: Instituto Raízes (2021)

A caminhada do Instituto Raízes desde 2008 com os seus projetos, como já dissemos tem uma capilaridade no contexto comunitário. A participante Fantasia (2021), relatou como as ações vem ganhando força e valorizando a cultura do samba no território e em outras comunidades. Destaca que historicamente o Raízes potencializa o samba em suas atividades, mencionando em sua fala a importância da Casa de Memória do Raízes, que fica no alto do Morro da Piedade.

Depois desse evento tivemos a inauguração na Casa de Memória onde recebemos várias pessoas da comunidade e de fora da comunidade também, pois o local funciona como um museu também. Temos um acervo com

doações de várias pessoas das comunidades e de outras escolas de samba. Temos muitas fotos e livros, muito material para mostrar a importância cultural do samba do nosso território, que foi fundada a primeira escola de samba do ES, a Unidos da Piedade. A Casa de Memória é muito nesse sentido de valorizar o samba e a cultura local. (FANTASIA, GRUPO FOCAL, 2021)

Complementando a explicação de Fantasia (2021), sobre o Instituto Raízes e a Casa de Memória, identificamos nos registros da instituição que a proposta de cada um é atuar no território e tem como objetivo diversas atividades que envolvam os atores sociais dos morros do Centro de Vitória:

A Casa de Memória do Grupo Raízes da Piedade é um Ponto de Memória, reconhecido pela SECULT em 2015, a Casa realiza um trabalho a partir da memória social dos Morros da Piedade, Fonte Grande, Capixaba e Moscoso, suas ações privilegiam os conteúdos que remetam ao surgimento do samba nas comunidades. Em seu funcionamento a Casa estabeleceu critérios e eixos estratégicos para sua atuação, se alinha a todo momento para as temáticas desse projeto: 1) Acervo: pesquisa, reflexão e documentação; recuperação de acervos; 2. Transmissão do saber; 3. Produção Cultural, Registro, Promoção e Apoio à Organização; aquisição, gestão, manutenção; 4. Difusão e Fomento; 5. Salvaguarda. (RAÍZES, 2021, p. 02)

De volta às questões sobre os processos de violência vivenciados no território com maior ênfase em 2018, também apareceram nas falas dos participantes. Fantasia (2021), de maneira firme, contextualiza que as mortes ocorridas no território não são de agora, mas que possuem um rastro histórico desde a sua infância.

A narrativa de Fantasia (2021), tem um tom mais emotivo, embora esse tom não tenha aparecido no diálogo do grupo focal de maneira aberta, quem a conhece, sabe que em sua família houve uma vítima da violência, com um assassinato brutal. É válido justificar, que a pesquisa não conseguiu quantificar, até mesmo por não ser o objetivo central da nossa discussão, quantas mortes violentas foram registradas no território do samba e da pesquisa, mas, reuniu informações que desde o ano de 2010 até os dias atuais, aproximadamente 30 pessoas foram assassinadas, sendo que o maior índice concentrou-se entre os anos de 2018 a 2020, com 11 mortes de jovens. Todos negros. Em 2021, já temos 03 registros de mortes no território.

A convivência em um lugar possibilita a criação de laços entre as famílias, as crianças, os jovens, enfim, entre todos que ali habitam. Não é diferente nos Morros da Piedade e Fonte Grande. Fantasia (2021), também recorda, com tristeza e lamentação, a brutal morte dos irmãos Ruan e Damião²⁷, ocorrida na madrugada do dia 24/03 para 25/03 (*sábado para domingo*). Reconheceu que há uma fragilidade para lidar com essas mortes e questiona como explicar às nossas crianças o que de fato ocorreu naquele dia. O porquê as pessoas morrem por estar simplesmente no *'caminho'*²⁸

A partir do momento que a gente começa a viver os processos de violência, mas, na verdade, sempre vivemos pois esse momento de violência é um processo contínuo. Não é de hoje que matam as pessoas pelos caminhos, mas em 2018 parece que foi uma coisa muito mais cruel do que a gente percebia antes, porque você perder Ruan e Damião de graça, não é uma coisa que a gente consegue aceitar. Não é fácil chegar para uma criança e adolescente e explicar o que aconteceu. Até hoje tem criança que não entende o que aconteceu. Tipo explicar o que aconteceu. Você está no meio do caminho e que vão chegar, e que vai ter um tiroteio e vão te matar. Isso é muito cruel para a gente explicar. A gente tenta mesmo em meio a toda essa violência, mostrar sim, que as pessoas são ótimas e super capazes de fazerem e serem o que quiserem. A gente cobra do poder público que olhe pela comunidade que façam seu trabalho, não com o mínimo, a gente não quer o mínimo, mas tudo que temos direito. (FANTASIA, GRUPO FOCAL, 2021).

As mortes registradas no território como bem como dialoga *Fantasia* não são de agora, facilmente na internet são identificadas várias reportagens que apresentam os homicídios ocorridos no território. Listamos algumas dessas reportagens por meio dos links:

1. <https://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/06/2018/morte--tiroteio-e-confusao-no-morro-da-piedade--em-vitoria>

²⁷ Reportagem do Jornal A Gazeta sobre a execução brutal dos irmãos: <<https://www.agazeta.com.br/es/policia/irmaos-sao-assassinados-com-mais-de-20-tiros-cada-um-em-vitoria-0318>>.

²⁸ Estar no meio do caminho é uma expressão comumente utilizada nas comunidades periféricas, e identificada no território do samba. Caminho, entende-se beco, viela, rua, escadaria, ou seja, estar fora de casa.

2. <https://g1.globo.com/es/espirito-santo/noticia/2020/06/12/jovem-morto-em-ataque-no-morro-da-piedade-em-vitoria-queria-ser-rapper.ghtml>
3. <https://www.facebook.com/esbalancogeral/videos/homem-%C3%A9-assassinado-em-tiroteio-no-morro-da-piedade-em-vit%C3%B3ria/1770739426295027/>
4. <https://globoplay.globo.com/v/7301301/>
5. <https://www.agazeta.com.br/es/policia/homem-e-encontrado-morto-com-marcas-de-tiro-calibre-12-em-vitoria-0821>



Figura 76 - Os irmãos Ruan e Damião, assassinados brutalmente em 2018.
Fonte: Jornal A Gazeta (2018).

A participante Baiana (2021), quando se trata da violência no território e a na sua autoafirmação como educadora, destaca que a cultura de paz precisa ser fomentada no território, haja vista que

Às vezes as pessoas não entendem o trabalho do educador profissional, porque a gente precisa dos conceitos da educação para fazer um bom trabalho. Mesmo que a gente não trabalhe especificamente, subindo a Piedade ou Fonte Grande, mas trabalhamos próximos e uma das coisas que nós tínhamos colocados como intenções de grupo, é de trabalhar o território de paz, nós sempre pensamos que as praças, as escadarias, seriam territórios onde você pode fomentar a questão de paz, porque a gente sempre vê as questões do território como violência. (BAIANA, GRUPO FOCAL, 2021).

A partir de sua formação acadêmica e inserção social nos movimentos sociais, Fantasia (2021) e Baiana (2021), se mostram instigadas por uma concepção de que o estado tem o dever de cumprir o seu papel constitucional nos espaços periféricos. Fantasia (2021), vai além. Ela cobra que somente as escolas públicas não vão cercar as inúmeras desigualdades sociais e raciais do território e os seus processos violentos. É preciso **políticas públicas**. O contorno da desigualdade social e racial nos territórios e historicamente no Morro da Piedade é visto ainda no auge da pandemia, quando a comunidade atingiu o pico de lugar mais propício à transmissão do vírus da COVID-19²⁹ na cidade de Vitória/ES.

A gente não quer depender da escola para tudo, do CMEI para tudo porque o primeiro equipamento que a gente tem algum tipo de acolhimento é a escola e a Unidade de Saúde. A gente quer mais que isso, a gente quer políticas públicas integradas para nossas crianças, a gente quer que elas tenham um tratamento dentro da escola entendendo o que elas estão passando. Em 2018 eu estava estagiando na escola Destaque de Luxo, onde eu estudei, e ali pude perceber o trauma das crianças. E quando a pessoa que trabalha na escola e não entende ou não compreende a dinâmica do território, ela não vai saber lidar com a mudança de comportamento da criança diante dos fatos ocorridos. A gente pensa na questão da cultura e para a gente preservar nossa cultura precisamos das pessoas vivas. Em 2020 com a pandemia, a Piedade foi o bairro com mais casos de Covid-19, porque o nosso povo não fez isolamento, não deixou de trabalhar e começaram a perder emprego, daí juntamos vários coletivos e criamos uma central de alimentos, para auxiliar as famílias com alimentos. (FANTASIA < GRUPO FOCAL, 2021).

Gustavo Forde e Rasley Forde (2020), apresentam uma pesquisa sobre os efeitos da pandemia para a população negra, trazendo dados numéricos e um olhar racializado a respeito do que amplamente é divulgado pelos sistemas de saúde no Espírito Santo e no Brasil. Ao se relacionar o impacto da pandemia para a população negra, os pesquisadores ressaltam como tem sido o tratamento dos dados oficiais, os quais omitem a identificação de óbitos pela categoria de raça/cor.

Os dados analisados neste artigo referem-se ao período de 29 de fevereiro a 28 de abril de 2020, quando o “Painel COVID-19” registrava 77 óbitos, sendo: 32 negros, 18 brancos, 6 amarelos e 21 ignorados; ou seja, 41,6% de negros e 23,4% de brancos (diferença de 18,2% entre óbitos de brancos e negros).

Hoje, 8 de maio de 2020, quando foi finalizada a escrita do artigo, consta o registro de 165 óbitos, sendo: 71 negros, 36 brancos, 11 amarelos e 47 ignorados; ou seja, 43% de negros e 21,8% de brancos (diferença de 21,2% entre óbitos de brancos e negros). Em apenas dez dias constatamos um expressivo crescimento adicional de 16,5% na diferença de óbitos entre brancos e negros (tendência demonstrada no Gráfico 13). Esta atualização dos dados, no dia de hoje, além de confirmar a pertinência das análises apresentadas neste artigo, nos coloca diante da materialidade dos efeitos do racismo institucional na precarização da vida e dos corpos negros. (FORDE e FORDE, 2020, p. 27)

Elpídio (2019), apresenta uma visão acerca da relação entre a Covid-19 e os territórios negros. A professora menciona dados epidemiológicos que apontam lugares pobres, com baixo acesso à políticas básicas como saneamento básico com maior chance de propagação do vírus, ou seja, lugares onde a população negra reside e resiste. Os morros do Centro de Vitória, diante de suas complexidades são lugares de risco da Covid-19.

Ainda sobre as atrocidades do racismo territorial, temos o exemplo trágico da pandemia da SARs-Covid 19, que em todos estudos epidemiológicos apontam a maior propagação e letalidade em territórios onde o vírus chegou antes do saneamento básico e que as condições de vida e moradia de trabalhadores, expõe à população negra os danos mais sérios provocados pela doença. Tais considerações são fundamentais para pensar como os impactos de uma história de racismo estrutural e institucional são agravadas mediante à crise do capital que ao longo das últimas décadas e governos, que contribuíram para a precarização e intensificado da exploração da força de trabalho, acompanhada de perdas sucessivas de direitos e proteções sociais com governos neoliberais e agora, ultraliberal e neoconservador capitaneadas pelo presidente Jair Bolsonaro. (ELPÍDIO, 2019, p. 11).

As redes educativas fortalecem de sobremaneira as construções dos diálogos e intervenções interinstitucionais no território, buscando ampliar o acesso aos direitos sociais básicos dos sujeitos que apresentam situação de vulnerabilidade social pessoal ou familiar. As escolas públicas neste contexto, ao longo dos anos vem atuando como propositora de intervenções e acolhedora das angústias levadas para a escola pelas famílias e seus estudantes. A escola pública aqui no território tem feito sentido, assumindo uma “tarefa político-pedagógica”, como Paulo Freire define o papel da escola Batucada e Bloquinho, dos educadores como Fantasia e da própria educação.

O que se coloca à educadora ou ao educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si um saber especial, que jamais deve abandonar, saber que motiva e sustenta sua luta: se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é a perpetuação do "status quo" porque o dominante o decreta. O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica. A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido (FREIRE, 2002, p. 46).

As narrativas acerca dos processos educativos, violentos e também das ações sociais, demonstram os movimentos que surgem e se atualizam a cada instante no território. As questões sempre são visualizadas a partir de um lugar de pertencimento ou simplesmente do *lugar de fala*. A participação de Baiana (2021), no grupo focal, traz um debate importante para as compreensões do envolvimento das mulheres nas manifestações culturais locais, especialmente no samba e na cultura popular de modo geral.

Atualmente não estou em sala de aula, estou como assessora parlamentar, atuando mais especificamente no acompanhamento das demandas das mulheres. Faço parte do Coletivo Afoxé, que é um coletivo de mulheres negras no Centro de Vitória que atua com cultura a partir das mulheres. Nós entendemos que o samba tem uma vertente que puxa um pouco o lado feminista, que começou a questionar o protagonismo do homem dentro do contexto do samba. O coletivo vem para dizer que as mulheres são parte integrante deste movimento do samba, que as mulheres produzem samba, que o samba existe porque existem as mulheres na retaguarda. Atualmente reivindicamos esse protagonismo e acredito que todos os movimentos, o movimento do samba, comunitário, o Raízes, no meu coletivo, seja no Movimento Negro Unificado, no movimento de mães, todos esses movimentos são educadores. Porque estamos sempre aprendendo, como diz Nilma Lino Gomes.

A relação de Baiana (2021), com os movimentos sociais, especialmente o Movimento Negro Unificado e as ações que coordena no Coletivo Afoxé, lhe deram segundo sua

narrativa, processos de aprendizagem. Reconhecendo que sua participação nesses movimentos se deu de maneira fortalecida e que ao se envolver coletivamente, aprendeu muito.

Todo movimento de escuta, encontros, oficinas que participo são aprendizados importantes, porque é um território que precisa ser potencializado com a paz, a partir de ações e projetos, como uma biblioteca, e que você proporcione paz com um show, uma música ao vivo, que as pessoas passam e ficam ali, e que se desconectem da violência naquele instante, ou por algum instante. São formas que o coletivo encontra de estar colaborando de uma maneira educativa e colaborando com os territórios de paz. (BAIANA, GRUPO FOCAL, 2021).

A sensação de Baiana (2021) é compreendida por Nilma Lino Gomes (2017, p. 16) quando a autora afirma que os movimentos sociais são “[...] os produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade”. Nesse sentido, a autora reforça que o que conhecemos hoje no Brasil, seja sobre a diáspora negra, seja sobre o conhecimento construído por pessoas negras, que fazem parte de importantes questões teóricas nas áreas do conhecimento das humanidades e das ciências sociais, são devidas à atuação política, pedagógica, educacional e libertadora do Movimento Negro, merece destaque: a inclusão do racismo como crime inafiançável na Constituição Federal do Brasil de 1988; a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, tornando obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana a partir da criação da Lei 10.639/2003, são alguns dos exemplos das conquistas políticas.

Neste contexto Baiana (2021), relaciona sua aprendizagem às construções e engajamento com o Movimento Negro e demais coletivos que integram uma linha de frente contra às desigualdade sociais, racismo, machismo e outras violações e vulnerabilidades que atingem as comunidades do território do samba. Voltando a ideia de Gomes essas aprendizagens por meio do Movimento Negro, demonstram que o coletivo “tem se constituído como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade” (2017 p. 42).

Baiana (GRUPO FOCAL, 2021) afirma:

Hoje com meu trabalho paro e olho, como aprendi fazer isso tudo. Aprendi com os movimentos, nas reuniões dos movimentos e organização das ações, como roda de samba e outros. Meu envolvimento com a escola de samba, com a escola pública, com as comunidades, a minha relação com esta temática é essa. Sou educadora em educação profissional, gosto de me apresentar assim, aprendi muita coisa no mestrado.

Os ensinamentos da professora, pedagoga e pesquisadora, Nilma Lino Gomes, que tem um vasta produção acerca do Movimento Negro, principalmente em relação as questões etnicoracial na escola, nos pensamentos e posicionamentos de enfrentamento ao racismo na sociedade brasileira. As ideias de Gomes (2017) são contribuições educativas, por produzirem saberes emancipatórios e também por sistematizar conhecimentos concernentes à questão racial no Brasil.

No âmbito das escolas e suas práticas curriculares, a pesquisadora cria questionamentos de toda a nossa formação educacional e dos currículos a que fomos submetidos e que a Educação continua, em muitas instituições de ensino, a submeter brasileiros e brasileiras, independentemente do nível de formação a uma compreensão da história e dos fatos com uma perspectiva colonizadora e de invisibilidade da população negra na formação do país, formando aí o que ela vem chamar de “pedagogia das ausências”, que a autora deixa seu posicionamento de vigilância epistemológica diante do conhecimento educacional, o qual considera a necessidade de refletirmos sobre a relação entre conhecimento e saber. A articulação de Baiana (2021), no território, vislumbra o envolvimento maior das mulheres e de reconhecer o protagonismo dos atores das comunidades.

Nós sempre fizemos festas e atividades mais voltadas para a cultura, em praças e escadarias aqui no entorno. Nós fizemos a festa das Ciatas em 2019, dentro dessa programação realizamos encontros com mulheres dos Morros da Piedade, Fonte Grande, Forte São João, Caratoíra e Morro do Quadro, que participaram do evento. Tivemos um encontro formativo que falava de turismo, com pessoas comprando a história do lugar, e esse lugar é o Centro de Vitória. [...] Às vezes falta às pessoas entenderem que o território da Piedade é formado por artistas, instrumentistas e músicos. Faltam compreender que elas são capazes de fomentar o turismo, porque o território delas é um território que tem essa vertente para o turismo. Tem aí esse

maciço que as pessoas passeiam pelas matas e vão ao parque da Fonte Grande. A comunidade acaba esquecendo esse potencial que ela tem para o turismo e os outros equipamentos não trabalham essa potencialidade. (BAIANA, GRUPO FOCAL, 2021).

Ao reconhecer o protagonismo social que os atores que circulam e vivem no território, além da potência cultural e turística, fez com que Baiana (2021), junto com o Coletivo Afoxé pensasse em ações formativas com as mulheres e com as pessoas que possuem a memória histórica da formação das comunidades, que construiu uma ação coletiva como a Festas das Ciatas.

Essa oficina que realizamos com pessoas contando a história do lugar Centro de Vitória, pois são as pessoas que têm a memória, são elas que conhecem os fatos e que retroalimentam a história do Centro de Vitória, que contam quem foi a primeira baiana, o primeiro mestre sala. Como *Harmonia* falou que já viu um lugar de paz, de samba, são as pessoas que compõem este lugar. Dentro dessa experiência formativa e não formal dentro do coletivo, tivemos também com a oficina de culinária, uma proposta da festa das Ciatas e a feirinha de mulheres negras com pratos típicos do samba. (BAIANA, GRUPO FOCAL, 2021).

A Festa das Ciatas, segundo Baiana (2021), tem além da perspectiva de reunir mulheres em uma ação fortalecida de protagonismo social e cultural, uma ação que busca preservar as tradições dos hábitos alimentares da população negra, hoje em esquecimento, mesmo em festas que se concentram maioria de pessoas negras, como o ensaio da escola de samba.

Hoje você vai nos ensaios das escolas e não encontra essas comidas, você encontra churrasco e empada. Há 20 anos atrás você subia o morro e encontrava as paneladas com mocotó, costela com fruta pão, peixe... Eram as paneladas que sustentavam os ensaios das escolas de samba. mas que hoje com a gourmetização do samba, isso foi se perdendo. As tradições vão morrendo e nós vamos buscando resgate histórico nas memórias das mulheres da Piedade, o que elas tinham de memória sobre as paneladas que pudessem integrar a feira da Tia Ciata. Fizemos uma oficina sobre as matriarcas do samba e o surgimento do samba, às vezes não se trabalha como a mulher ao falar de como surgiu no samba, qual é o papel da mulher no samba e aí a gente trouxe a Tia Ciata. (BAIANA, GRUPO FOCAL, 2021).

No auge da COVID-19, mais precisamente em Abril/2020, diversos coletivos no território se reuniram e criaram a Central de Doações de Alimentos no Centro de Vitória (RAÍZES, 2020, p. 03), que teve o envolvimento do Instituto Raízes e do Coletivo Afoxé. Ao todo a Central atendeu todas as comunidades do território, entregou cerca de 3,5 mil cestas básicas e indiretamente atingiu 4 mil pessoas.

Baiana (2021), relata sua experiência neste projeto de entrega de alimentos, mostrando aspectos de solidariedade, aprendizagens e atitudes éticas no campo coletivo de uma das mulheres atendidas na Central.

No ano passado também participamos do movimento de doações de alimentos, e nos chamou atenção uma mulher que a partir de uma oficina que participou com a gente, teve um posicionamento no ato de receber a doação de declarar que não precisava, já que naquele momento ela estava produzindo alguma coisa e outras mulheres não, é que elas poderiam ser priorizadas. (BAIANA, GRUPO FOCAL, 2021).

O CRAS do território no grupo focal, também informou que atuou de forma articulada no momento em que a pandemia trouxe novos atores para atendimento no serviço de assistência social que atende as demandas de complexidade básica, ou seja, a busca de acesso a direitos, benefícios, documentos e outros que não demonstram inicialmente rompimento de vínculo com a família e comunidade, mas sim situações que vulnerabiliza o sujeito ou sua família.

Costureira (GRUPO FOCAL, 2021), representante do CRAS fala deste período de pandemia.

Sobre os auxílios, dúvidas do Cadúnico, como acessar o auxílio emergencial, benefícios eventuais, cestas de alimentos... o auxílio federal está vinculado ao cadastro único, as famílias que não tinham cadastro único, antes da pandemia não tinham o perfil e depois da Covid-19 ficaram mais vulnerabilizadas e procuraram o serviço, com a perda dos empregos.

Ao mesmo tempo que dialoga sobre o feminismo, protagonismo negro e das comunidades, Baiana (2021), demonstra que sua aprendizagem nos movimentos e

ações foram sendo forjadas para que chegasse ao nível de articulação que possui hoje e que permanece em processo de novas aprendizagens. Paulo Freire salienta que ensinar exige consciência do inacabamento.

No momento em que os seres humanos, intervindo no suporte, foram criando o mundo, inventando a linguagem com que passaram a dar nome às coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que se foram habilitando a inteligir o mundo e criaram por conseqüências a necessária comunicabilidade do inteligido, já não foi possível existir a não ser disponível à tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e feiúra do mundo. Quer dizer, já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las (FREIRE, 2002, p. 21).

As mudanças conjunturais e sociopolíticas que caracterizam as comunidades, são narradas de forma breve por Harmonia (GRUPO FOCAL, 2021), *que é morador e liderança*.

Sou morador do morro há mais de 40 anos. Passei por todos esses processos e testemunhei outros tantos também. Tempos de paz, tempos de muito samba e muitos bambas. Pude presenciar o declínio disso tudo, não na parte do samba, mas na parte estrutural, na parte de sociedade, dos moradores, onde eu vi muita coisa ruim quando a violência começa a entrar no território.

O morador classifica como positiva as iniciativas que valorizam as temáticas do samba, segundo ele, geralmente quando se pensa em projetos para o bairro, sempre é na área do esporte, mas através do pesquisador autor dessa pesquisa e do Instituto Raízes, o trabalho com a cultura ganhou maior evidência e deu certo.

Agora a grande sacada do Jocelino e das pessoas que pensam no bem do bairro, geralmente as pessoas vão sempre enveredando para o lado do esporte, do futebol, e ele foi, para a uma outra vertente, a vertente do samba, onde eu vejo, apesar de toda violência que assola o nosso bairro, nunca eu soube que algum ensaio ou algum momento que a escola estivesse atuando, se houve algum episódio de violência dentro daqueles momentos. É de se pensar se é tão respeitado se ninguém entra lá para fazer alguma coisa ruim,

é louvável a gente realmente tenha que enaltecer mesmo. Glórias que o samba tem e a gente tem muitas personalidades. Temos até hoje o Edson Papo Furado, que é hour concour. Nós temos um cantor de samba enredo e agora surgindo outros atores e como Marilene disse, a mulher não pode ficar na retaguarda, mas também ser protagonista. (HARMONIA, GRUPO FOCAL, 2021).

Esta pesquisa apresenta como um dos seus objetivos identificar as redes educativas que se “movimentam” no território e seus atores, promovendo processos educativos, de sociabilidade e transformação social. Neste sentido, ouvir os atores do território de forma atenta e aberta contribuiu para trazer elementos que enriqueceram os registros sobre a comunidade e suas tensões, de forma que a autoria da pesquisa não relate sozinho suas impressões, mas sim compartilhe as definições e fundamentos do território do samba com a própria comunidade, refazendo percursos quando necessários. O trabalho se mostra inédito na medida que apresenta o território do samba, com a maioria dos elementos que pulsam neste lugar, como as questões sociais, culturais, as histórias e memórias, e outros sentidos como Harmonia (2021), apresentou a partir de suas experiências de mais de 40 anos residindo no território.

Espero que tenham mais conferências como essa para ouvirmos e vai ser importante para minha aprendizagem. Tem um fato que é muito legal a respeito da violência. Em 2018, me chamaram para fazer manutenções, e nisso, nessa subida, encontramos uma pessoa conhecida desde muito jovem. Menino jovem que vimos crescer, avós, pais, família, todos conhecidos por nós. Nesta caminhada eu e Jocelino conversamos com o rapaz. Eu tinha até um certo receio, mas Jocelino chegou olhando próximo, aconselhou. O rapaz respondeu: não gente, vocês não me entendem, as pessoas nos olham aqui e nos denunciam. Alguns meses depois esse rapaz foi brutalmente assassinado. Esse fato que Wallace falou é muito do que acontece, a gente tem proximidade com esses jovens que nos fazem acreditar que muitos deles tem chances através disso tudo que temos buscado, porque até então não tínhamos um horizonte e estamos buscando uma luz no fim do túnel. (HARMONIA, GRUPO FOCAL, 2021)

Para compreender muitas dessas questões trazidas ao longo deste trabalho e também por seus personagens, buscamos envolver os equipamentos sociais que acompanham no termo socioassistencial o cotidiano do território do samba. Exemplo disso, foi a participação do CRAS, da Escola, dos Serviços de Saúde e outros equipamentos nas ações do Instituto Raízes ao longo desta pesquisa, foram

realizadas reuniões e mobilização com técnicos, lideranças sociais e culturais visando aprofundar encaminhamentos necessários com as comunidades.



Figura 77 - Reunião com equipamentos culturais do Centro de Vitória na Sede do Instituto Raízes.
Fonte: Instituto Raízes (2021).

No grupo focal, Costureira (GRUPO FOCAL, 2021), assistente social do CRAS, apresenta um pouco de seu trabalho junto ao território e a importância deste equipamento social para superação das vulnerabilidades existentes

O meu trabalho nesse contexto é trabalhar com as famílias do território em suas demandas, famílias em situação de vulnerabilidade, que acessam o CRAS. Neste momento da pandemia o CRAS esteve aberto e funcionando, dando assistência às famílias que estavam precisando. Mas na pandemia a vulnerabilidade apareceu mais, assim o CRAS funcionou dando apoio às famílias que o acessaram, dando orientações do CadÚnico, dos benefícios e outros auxílios que estão vinculados ao CRAS.

Destaca que a articulação intersetorial, o diálogo permanente com as lideranças sociais, comunitárias e culturais devem existir para que a rede seja cada vez mais tecida.

A articulação intersetorial é muito importante porque sozinho a gente não consegue, a gente é uma rede e a família não é só assistência, é saúde, educação e cultura. A gente tem que estar conectado, para atender as demandas que as famílias apresentam, e se a gente tiver disperso a gente não consegue atender tudo que a família precisa. Se cada um ficar em sua caixinha e não conversar e se comunicar, a gente não consegue entender a família como um todo, porque a família é um conjunto integrado de ação, de cada um agindo em prol com aquela família. A assistência junto com a educação, com a saúde, com a cultura, porque a família é um ser complexo que tem várias demandas. E A GENTE TEM QUE AGIR EM REDE por melhores encaminhamentos para esta família. (COSTUREIRA, GRUPO FOCAL, 2021).

Tamborim (2021), que também trabalha no CRAS, contextualiza que a participação dos jovens no serviço. Relata que no início do programa PROJovem a participação foi tímida, mas atualmente com a nova configuração da frequência escolar (rodízio) devido a pandemia, o acesso ao projeto aumentou.

Desde 2019 para cá, dentro do serviço de convivência sempre teve um movimento muito tímido nas ações. Tem reflexo por ser um território com escolas em Tempo Integral e os jovens a família decidem pela inserção no Integral, nosso coletivo fica com menos participação. Com a pandemia, as escolas criaram uma nova forma de ensinar, por meio de atividades remotas ou rodízios, até para não criar aglomerações. Assim tivemos uma busca maior dos jovens pelo coletivo do Projovem. eles buscam ser contemplados com outras questões, de serem escutados, ter atenção maior, demandar acesso a saúde, demandar articulação com a educação, de conhecer outros espaços. (TAMBORIM, GRUPO FOCAL, 2021).

O espaço de atendimento no PROJovem oportuniza encontro entre jovens das diferentes comunidades, potencializa integração e compartilhamento das vivências dos participantes. Tamborim, menciona que a questão da violência aparece muito nos diálogos realizados nos encontros.

Começou a surgir esses jovens dentro do coletivo dos bairros do território, antes tínhamos 6..7, hoje temos em média 13 jovens de manhã. Teve tempos que não tínhamos jovens da Piedade, hoje temos jovens da Piedade, Fonte Grande e Capixaba, que há tempos não víamos que trazem para a gente as vivências territoriais, reflexos do território para a vida pessoal questão da violência, a questão da nova metodologia da escola em dias alternados. (TAMBORIM, GRUPO FOCAL, 2021).

As demandas trazidas nestes encontros, segundo Tamborim (2021), são encaminhadas para atendimento e intervenções da rede. O serviço tem objetivo de fortalecer vínculo, direcionar atendimentos no que se refere às questões surgidas e ainda oportunizar o acesso à cultura, arte e lazer, conhecer outros espaços, pois existe entre os jovens quem não circula sequer pela própria cidade. Há uma demanda que ultrapassa o campo social, mas que agarra no campo do acesso às coisas básicas, tipo: ir à praia na cidade vizinha, ou simplesmente, as questões do campo afetivo.

E nós enquanto serviço de convivência, voltamos ao presencial, tentamos atender a demandas trazidas pelos jovens e pelas famílias. Hoje tivemos uma atividade externa de ida na praia em Vila Velha, na Praia da Costa e tivemos jovens que falaram que nunca foram na Praia da Costa. A gente está falando do que divide esses dois territórios, o que divide não é só uma ponte, e outras questões por trás dessa família. É é uma família numerosa, a mãe trabalha, onde os jovens tem que dar conta da dinâmica da casa, uma jovem que sempre estudou no integral, o integral tem uma relevância para a família, para a família que precisa ser cuidada, o integral oferta educação, alimentação, oferta um outro formato de trabalho para aquela mulher que é mãe que tem uma família numerosa. E aí nesse novo formato de trabalho o jovem para não ficar ocioso chegou ao serviço, ai escutar que ele está tendo oportunidade de conhecer outros territórios, outras oportunidades a partir do nosso serviço é muito grandioso e a gente dá um retorno muito positivo disso. (TAMBORIM, GRUPO FOCAL, 2021).

A manutenção das tradições culturais no território e o envolvimento do samba com a escola pública é uma preocupação de *Passista*

A preocupação das pessoas em estar unindo as comunidades, famílias e estar envolvendo as famílias e com as pessoas ao redor, e principalmente com os jovens.[...] vou falar pela escola de samba, antes da pandemia a escola esteve sempre próximo da comunidade e participava das atividades na escola Batucada. Em época de carnaval a gente era convidado para tocar para as crianças, contava um pouco da história, para eles conhecerem a cultura que tem ao seu redor. A clientela do Batucada tem crianças de todas as comunidades, do Centro, e ela está muito inserida dentro da comunidade

do morro da Fonte Grande, assim como o CMEI Carlita que está dentro da comunidade da Piedade. (TAMBORIM, GRUPO FOCAL, 2021).



Figura 78 - Intervenção com Bateria na escola pública Batucada.
Foto: Instituto Raízes (2016).

Passista (2021), também lamenta o contexto da pandemia da Covid-19 que afastou as comunidades da escola de samba e também limitou as atividades coletivas entre escola de samba, escola pública e comunidade. Em sua fala, ressaltou que é importante que a escola pública não deixe de dialogar acerca dos processos de violência e demais questões do cotidiano das crianças que lá estudam.

Eu fico imaginando as escolas agora com a pandemia e diante desse quadro de violência que a gente vem passando, como a gente poderia estar trabalhando mais junto, fazendo com que a escola conversasse mais com as nossas crianças e trabalhasse mais dentro da realidade do que está acontecendo dentro da comunidade. (PASSISTA, GRUPO FOCAL, 2021).

A ocupação do tempo das famílias com os seus empregos, trabalhos ou afazeres na avaliação de Passista (2021), contribuiu para a existência de uma carência afetiva e de vulnerabilidades em crianças e jovens, Na medida que segundo ela, a ausência dos pais afasta do diálogo intrafamiliar e do acompanhamento. Por fim, pede que a

escola mobilize mais as famílias e também considera que a escola pública também deve se envolver com a comunidade.

As vezes eu penso que o fato dos pais trabalharem o dia todo e muitas vezes não terem esse esclarecimento, faz falta para a vida dessas crianças, desses jovens. conseguem me entender? Estou falando isso também como educadora, eu sinto isso, estou falando que as crianças sentem essa carência, de querer estar junto com o pai, com a mãe, às vezes quer fazer uma pergunta e que não consegue ter. A escola devia convidar mais os pais para reunião e eu não vejo isso mais acontecer. É por aí é estar se preocupando mais com esse meio que a gente vive e com tudo isso que está acontecendo a escola está mais junto, e não só as entidades ao redor ir lá, mas ela vir também mais para comunidade. (PASSISTA, GRUPO FOCAL, 2021).

Ir para além dos muros da escola, furar a bolha do espaço escolar, interagindo no contexto comunitário é um caminho de sucesso para as articulações da escola pública. O samba deve ser recurso didático para as construções pedagógicas nas escolas locais, pois faz parte da vida dos sujeitos estudantes delas. Como vimos até aqui as escolas públicas do território, na medida que se mobilizam se conectam com as lideranças locais e obtém resultados positivos em suas propostas. As cobranças de Passista (2021), Fantasia (2021), Lantejoula (2021), fazem sentido com os pensamentos de Paulo Freire (2002, p. 47) que afirma que ensinar exige saber escutar, nesse sentido,

A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento. Como tenho insistido neste e em outros trabalhos, saber escutá-lo não significa, já deixei isso claro, concordar com ela, a leitura do mundo ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua. Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.

Diante do que discutimos no grupo focal, nas análises dos dados, da coleta de informações locais, da escuta atenta, das práticas de oralidade, dos ensaios, das festas e dos ensaios, enfim, dos processos que movimentam e educam no território depreende-se uma ideia fundamental que Paulo Freire (2002) aponta a necessidade do respeito às identidades (leitura de mundo), a curiosidade e se vestindo do papel humilde de aprender para depois ensinar. No território do samba é assim, quem chega, aprende o samba, aprende sobre os instrumentos e também pode aprender a sambar.

É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados (FREIRE, *idem*).

O presente trabalho fez uma caminhada pelo território do samba, apresentando sua dinâmica nos aspectos propostos no objetivo inicial da pesquisa, assim, o contexto cultural, das redes educativas, as condições socioeconômicas e os processos vivenciados no cotidiano das comunidades foram apresentados por meio do diálogo com autores que subsidiaram a trajetória da pesquisa e também a escuta dos atores sociais no grupo focal.

A partir desta caminhada elaboramos uma proposta formativa a ser executada por meio do produto educacional. Com a necessidade de atualização da metodologia da pesquisa e devido ao seu tempo não conseguimos realizar o exercício de apresentação, análise, revisão e execução do produto de maneira que pudéssemos aqui apresentar os resultados da formação, mas sem dúvida fica o material proposto à disposição para possíveis intervenções e já nos colocando super acessível para mediação dos processos formativos, caso venham acontecer a aplicação do produto por algum coletivo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 79 - Foto das comunidades Piedade e Fonte Grande.
Fonte: Gilmar Tulli

Não é iniciar uma conclusão se justificando, mas sim, reafirmando que o tempo não foi amigo e a pandemia foi cruel. A pandemia nos fez mudar a nossa rota. A intencionalidade, o envolvimento e as mobilizações junto às redes educativas no território não puderam acontecer conforme manifestamos na intencionalidade quando esse trabalho era ainda um projeto. A pandemia nos levou a ser um professor-pesquisador-conversador que se envolveu com as temáticas da pesquisa, possibilitando conectar com os processos vividos por quem não tem emprego, quem não tinha o que comer em casa, quem não podia cumprir o isolamento social, a pandemia nos levou a assumir uma tarefa de defesa da vida e do enfrentamento à fome. Esse período nos tomou muito o tempo, mas nos ensinou o que é ser sujeito histórico de direito.

Ao chegar aqui nos momentos de conclusão deste trabalho nos remonta a ideia inicial embrionária e que manifestava os meus sentidos internos de falar mais sobre os morros, do lugar de onde vim e vivo. A proposta ainda não tão bem elaborada de maneira sistematizada era colocar outros versos à história do nosso berço do samba, sair do lugar de fala reduzida para assumir o lugar de fala, de dentro, de potência e de apresentar o *locus da pesquisa*, sem ter dúvidas se o nome do sujeito entrevistado era esse ou aquele. O principal desejo na verdade, além de atingir os objetivos iniciais, era também poder circular neste lugar com a cabeça erguida, pois não nos tornamos pesquisador estranho do lugar, mas sim com pertencimento do território.

Ao reconhecermos a necessidade de alteração da proposta metodológica nos possibilitou não sair da temática de discutir o território do samba, mas sim permanecer neste problema de pesquisa, pois com a pesquisa-ação, era possível elaborar um material que apresentasse o território e suas principais questões. Para realizar e conseguir trazer os dados sem estarem contaminados com uma visão romantizada, de fato, me fez enxergar elementos que nem sempre são conhecidos por nós, ou que possam passar despercebidos por uma série de fatores, dentro de um ambiente que nos é familiar. Essa tarefa, de distanciar, não é tarefa fácil, mas foi necessário em muitos percursos da pesquisa-ação realizada. Assim com um foco específico em sua dinamicidade e nos processos de vida, do samba, das redes educativas que ocorrem dentro do território do samba, trouxe os resultados com algumas das considerações, interpretações e apontamentos a partir do papel investigativo e de produção acadêmica com os estudos aqui organizados.

As narrativas trazidas, bem como as desnarrativas formam novos elementos em relação a fundação da Escola de Samba Unidos da Piedade. Apresentar de maneira inédita para a comunidade a ata de fundação da escola de samba de 1955 mostra o quão longe nos debruçamos para mostrar a história da escola a partir de sua criação, com novas informações. Alguns trajetos foram repensados, um deles a maior escuta de personagens mais velhos da agremiação sobre a ata de 1955, que mobilizaria novas narrativas e mais desnarrativas. Além de destacar a importância do contato intergeracional entre a população do território, que (re)constroem a história e as referências que possuem sobre o samba e a formação das comunidades até os dias atuais.

A pesquisa sobre o contexto da Unidos da Piedade revelou com maior evidência a partir das falas de *Baiana e Fantasia* no grupo focal, que as mulheres na cultura popular são invisibilizadas, assim como a sociedade o faz. Temos registro que desde a formação da escola, as mulheres já sofriam dificuldades para participarem, seja da diretoria da escola ou de suas decisões. O samba e o território dos morros do Centro, não fogem desse algóz, o machismo conservador, dentro da participação coletiva da escola de samba há registro histórico que as mulheres são deixadas de lado.

A constatação que somente após 31 anos de fundação a Unidos da Piedade foi incluir uma mulher em sua diretoria, a análise foi pontual, no sentido de verificar somente por meio dos documentos, sem aprofundar diálogos com os atores da pesquisa, algo que fica como futuro de novas pesquisas para aprofundamento sobre a temática.

Evidenciar as mulheres do território se faz necessário. Isso porque, como um lugar que possui o samba como maior elemento cultural e de expressão identitária, deixar as *mães* de lado seria algo impossível. Essas mães são lembradas quando os filhos são sucesso, ou quando precisam de baianas para desfilar, mulheres para cozinhar, passistas para sambar, destaques para se exhibir. Reproduzindo a lógica capitalista, exibicionista e de vitrine das mulheres que moram no morro e participam da escola de samba. As mesmas mães que não são reconhecidas de forma autêntica por sua existência no samba, são as que choram as mortes dos seus filhos na comunidade.

Outra constatação que a partir do estudo foi sendo evidenciada é a formação social do Morro da Piedade. Meu vínculo com esta comunidade é mais estreito por ser nascido e minhas origens serem dessa localidade. Já houve tempo que imaginei que o barraco que a gente morava poderia cair, de tão precário e frágil ao vento. Já pensei em voltar no meio da escadaria para não subir mais, de tão alto que achava que morava. Resistimos. Tenho a sensação que toda a cidade evoluiu, a própria Piedade e os morros da região evoluíram no sentido óbvio, luz, água, saneamento básico, calçamento, etc. Mas a pobreza permaneceu. A visualização do bairro mais pobre do território, com maior índice de vulnerabilidade, também permanece. Enquanto não houver uma vontade essencialmente política de mudar os rumos que a Piedade segue, novas constatações mostram que este lugar permanecerá aprofundado no mar de desigualdade social e muita pobreza. Os medos de barracos caírem com o vento também existem em outros corpos de crianças negras que neles ainda moram.

O samba e as culturas trazidas pelos grupos que ocuparam os morros da Piedade e Fonte Grande, como vimos foi elemento de integração, de mobilização e de **resistência**. As ações do Instituto Raízes contorna todo o trabalho desta pesquisa, evidenciando a cultura, a memória, as histórias, a defesa de um lugar, a continuidade de laços afetivos e sociais que o samba mantém com o território. Os projetos e as atividades do instituto fortalecem as práticas de salvaguarda do samba e ao mesmo tempo questionam a ausência de políticas sociais mais eficazes para as comunidades.

Reconhecer as redes educativas que mobilizam esse território foi necessário, sobretudo, para apresentar a perspectiva que as ações dos projetos e das intervenções coletivas e sociais têm a perspectiva de superar as vulnerabilidades sociais existentes nas comunidades. Tanto as práticas de valorização das memórias sociais que envolvem as crianças, os jovens e os mais velhos, quanto às ações de acompanhamento social por meio dos equipamentos específicos buscam o fortalecimento familiar e comunitário, na medida em que essas ações reconhecem o sujeito e sua história como importantes para o território.

Ao pensar ações que protejam as juventudes e o desenvolvimento sociocomunitário fortaleceremos as demais ações que viabilizam os processos de políticas públicas intersetoriais, e também nas questões econômicas, políticas e culturais, ou seja, nos impactos do capitalismo e das políticas hegemônicas nos territórios pobres e negros.

Ser criança no território do samba é vivenciar com traumas e medos, mas ao mesmo tempo é batucar as latas, é querer ser da escola de samba e sonhar, as crianças não podem ter suas infâncias interrompidas, silenciadas e escondidas embaixo da cama nos momentos de ataques violentos. O uniforme da escola deve ser orgulho para a frequência escolar e não o escudo para dizer que é estudante e não ser alvejado pela violência. A infância no morro sem parquinhos, sem cores, mas com vida e samba, deve ser reconhecida com ações políticas de atenção às crianças do território. A escola ser acolhedora, com propostas lúdicas, a unidade de saúde dar atenção às demandas de saúde, os serviços da assistência garantir proteção social, alimentação e acesso à demais direitos básicos.

A discussão política de abandono afetivo, material e institucional nestas comunidades perpassa para as defesas sociais que acreditamos ser importantes, porque ao defender manutenção da vida e preservação das memórias, histórias e outros elementos que reforcem a cultura, é antes de tudo imperioso defender a vida desses sujeitos que se sentem ameaçados diante de tantas situações de calamidade da ordem social e econômica. Aí devemos admitir que o lugar “sagrado, berço da escola de samba Unidos da Piedade” (Francisco Velasco, 2003) é sim o território de identidade negra, que sofre com as consequências dos racismos espalhados pelas relações de sociedade que estamos instituídos e ao mesmo tempo excluídos.

As construções frequentes das redes de sociabilidade por meio das redes educativas vêm elevando o reconhecimento do território como lugar do samba, lugar da alegria e ao mesmo tempo reconhecido pelas tragédias ocorridas advindas do processo de violência que culminaram em mortes de jovens negros. A mídia produz o olhar que as demais camadas da sociedade e popular vão enxergar esse lugar. Por muito tempo, as divulgações do território ficam restritas a essas duas pautas: o samba em fevereiro e as mortes a qualquer tempo do ano. A forma de burlar essa prática de visibilidade pontual vem através das ações que as redes produzem.

Atualmente, temos projetos de dar cores aos becos das comunidades com o coletivo Cidade Quintal; as oficinas da escola de samba; as ações sociais e coletivas do Raízes, destacando-se no momento o projeto de fotografia “Olhai Por Nós”³⁰ e ação de enfrentamento à fome e mobilização das famílias “Saco Vazio Não Pára em Pé”; a horta comunitária do coletivo Árvore Casa das Artes; o PROJOVEM; os grupos de atendimentos no CRAS. Uma construção coletiva que de certo modo ganha espaço no cotidiano da comunidade. Todas essas ações possibilitam integrar a defesa dos direitos, cultura, arte, educação e protagonismo social dos atores participantes.

As diferentes formas de participação e de atuação, principalmente na teia institucional, vai nos dizer quais limites e possibilidades que se tem para as intervenções com a população local. Dessa forma, o trabalho de emancipação social e de liberdade de opressões, se torna relevante e essencial para um território que historicamente vem apresentando contextos de segregação, de violência e de invisibilidade social, política e econômica. E nas ações como o da escola de samba e da escola pública, que se pode buscar os próprios estudantes e as juventudes como sujeitos ativos na ruptura dessas violações, evidenciando o protagonismo desse público, são de fato os transformadores sociais.

É preciso reconhecer o território como potente, como o território do samba, isso marca conceitualmente o lugar dos Morros da Piedade e Fonte Grande. Chego ao final desta dissertação ciente do longo caminho percorrido até aqui, dos momentos vivenciados

³⁰ Oficina ministrada pelo fotógrafo Fernando Madeira do jornal A Gazeta, ofertado aos moradores dos bairros Piedade, Fonte Grande, Moscoso e Capixaba

durante as observações em campo, de todo o esforço realizado para que a postura de pesquisador permanecesse acima da figura do filho dos morros apaixonado por esse território, envolvido com o carnaval e com o samba, desde a minha infância e que, de certa forma, deve boa parte de sua formação e aprendizado de vida a este lugar, a esse território e o contato com o samba e a escola de samba.

8 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALVES, Nilda. **Cultura e Cotidiano Escolar**. 2003 - Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a04>>. Acesso em 29 jul. 2014.
- ALVES, Nilda. Formação de docentes e currículos para além da resistência. **Revista Brasileira de Educação**. v. 22 n. 71 e227147. 2017.
- ALVES, Nilda. OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Ensinar e aprender/ “aprenderensinar”: o lugar da teoria e da prática em currículo. ALVES, Nilda. Libaneo, José Carlos (Org). **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALVES, Nilda. Sobre redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 115-133.
- ALVES, Nilda. Sobre redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 115-133.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ANDRÉ, Marli. A Formação do Pesquisador da Prática Pedagógica. **Revista da UNEB**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 30-41, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/download/2300/1605>
- AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- Azevedo, A. M. (2018). Samba: um ritmo negro de resistência. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (70), 44-58. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i70p44-58>
- BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano. 2002.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58.
- BISQUERRA, Rafael. *Métodos de investigación educativa*. Barcelona: Ediciones CEAC, 1989.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Ano: **1996**. Editora: lumiar.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFRJ, 1994.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da violência 2020**. Brasília: IPEA. 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 16 de março de 2021.

CICCARONE, Celeste. **“A igualdade “por baixo” e a escadaria “do céu”: Erradicação da pobreza, ambientalismo e pluralidade num caso de conflito socioambiental na cidade de Vitória”**. In: SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.08, v.1, Dezembro. 2010. pp. 04-53.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 39, 2008, p. 517-534.

DUARTE, Leonardo Coelho. **O Samba no Morro da Fonte Grande - Vitória (ES): 1889-1955**. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMv12/14/leonardo_coelho_duarte.htm. Acesso em: Jul. 2013.

ELPÍDIO, M.H. **Do quilombo às favelas: faces do racismo sócio territorial**. 2019.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FILÉ, Valter; RIBETTO, Anelice. Outros Corpos estão em Movimento. In:_____ **Revista Teias**, 2011.

Forde, G.H.A. Forde, R.P. **IMPACTOS DA COVID-19 NA POPULAÇÃO NEGRA CAPIXABA: Breve Análise Comparada à Luz da Categoria Raça/Cor**. UFES/2020. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11478/1/ARTIGO_covid-19_e_populacao_negra_capixaba.pdf

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**: São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GATTI, B. A. A Pesquisa em Mestrados Profissionais. Apresentação no I FOMPE – I Fórum de Mestrados Profissionais em Educação. UNEB, Salvador, março, 2014.

GOHN, Maria da Gloria. **Teoria dos movimentos sociais**. - paradigmas clássicos 4 contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo**: diversidade e currículo / [Nilma Lino Gomes]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, set.-dez./2000, p. 134-158.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128p. (Série Monitoramento e Avaliação)

Instituto Raízes, Plano de Ação 15. Vitória/ES. 2019.

IPHAN, Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro e samba-enredo. Brasília, DF: Iphan, 2014.

IVANIR DOS SANTOS, C. A.; GINO, M. Samba: resistência da cultura negra popular brasileira. *Acervo*, v. 33, n. 1, p. 232-245, 29 nov. 2019.

JESUS, D.M de.; ALVES, E. P. **Serviços educacionais especializados**: desafios à formação inicial e continuada. In: CAIADO, K. R. M.; JESUS, D.M. de.; BAPTISTA, C. R. (orgs.). Professores e educação especial: formação em foco. Porto Alegre: Mediação/CDV/FACITED, v. 2. 2011. p. 17-28.

JESUS, D.M.; VIEIRA, A.B.; EFFGEN, A.P.S. **Pesquisa-ação colaborativo-crítica**: em busca de uma epistemologia. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p.

771-788, jul./set. 2014.

JUNIOR, J. da C; DA SILVA, K.,B. R. e SCHMAEDEKE, L.; 2021. **PARA SAMBAR COM AS CRIANÇAS: O SAMBA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Revista Educação Básica em Foco, v.2, n.2, abril a junho de 2021 . Associação Nacional de Política e Administração da Educação.

LAVOIE, Louisset; MARQUIS; Danielle; LAURIN Paul. **La recherche-action: théorie et pratique**: manuel d'autoformation. Québec: Press de l'Université du Québec, 1996.

LOPES, N; SIMAS, L.A. DICIONÁRIO DA HISTÓRIA SOCIAL DO SAMBA - 1ªED.(2015). Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 336p.

MACIEL, Cleber. Negros no Espírito Santo. In: OLIVEIRA, Osvaldo Martins. 2. ed. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MioloLivroNegros_FINAL_BAIXA.pdf

MARQUES, I. Desnarrativas: oficina. **Revista Geografares**, Edição Especial, p.39-47, janeiro-agosto 2014. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/8050/5701>

MONTEIRO, Lucas. **Carnaval capixaba**: histórias, honras e glórias. Serra: Editora do Autor, 2010.

MOREIRA, H. e CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1983. Disponível em: <<http://www.saberglobal.com.br/deondeabaianavem>>. Acesso em: Novembro/2014.

MULLER, Maria Fernanda. **“SALVE O SAMBA”**: AS ORIGENS, A ACEITAÇÃO E A NEGAÇÃO DESTE GÊNERO MUSICAL NO RIO DE JANEIRO DA PRIMEIRA REPÚBLICA. 2007. Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2007/2_sem_2007/maria_fernanda_muller.pdf>. Acesso em: Dezembro/2014.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: BRANDÃO, André Augusto P. Programa de Educação sobre o negro na sociedade Brasileira (PNBES). Niterói: EdUFF, 2000. (Cadernos PENESB, 5).

NATAL, V.F. MEMÓRIAS E CULTURAS NAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO: DRAMAS E ESQUECIMENTOS - Ed. Nova Terra/RJ. 1ªED. (2017), 335p.

Nogueira, Nilcemar. O Centro Cultural Cartola e o processo de patrimonialização do samba carioca / Nilcemar Nogueira. – 2015. 251 f.

Nogueira, Nilcemar; Santos, Desirree dos Reis. (Re)conhecendo patrimônios: o papel social do Museu do Samba. e-cadernos CES [Online], 30 | 2018, publicado a 15 dezembro 2018, consultado a 28 de abril de 2021. URL: <http://journals.openedition.org/eces/3782>; DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.3782>

O espaço do cidadão - 7 ed. 2 reimpressão - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, 176p. (Coleção Milton Santos; 8)

OLIVEIRA, Julvan Moreira. FARIAS, Kelly de Lima. "Só quem sabe onde é Luanda saberá lhe dar valor": a tradição oral como herança ancestral. **Voluntas Santa Maria: Revista Internacional de Filosofia**, v.10, p. 43-64. set, 2019. - <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39887/html>

OLIVEIRA, Marcelo Rodrigues. Aroldo Rufino de Oliveira - biografia memorável do primeiro mestre-sala do carnaval capixaba Vitória/ES: Faculdade de Música do Espírito Santo Maurício de Oliveira, 2017, v.1. p.224.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. 2011. **Processos organizativos, memória e transmissão cultural** - Análises etnográficas do congo e samba em comunidades afro-brasileiras. Periódicos UFES. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/viewFile/1607/1207>>. Acesso em: Dez. 2014

PARANHOS, Adalberto. A invenção do Brasil como terra do samba: os sambistas e sua afirmação social. In:_____ **Revista História**. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a04.pdf>>. Acesso em: Ago. 2014

PINTO, Carolina Medeiros. **Os Programas Sociais das Escolas de Samba**: um estudo comparativo entre Beija-Flor e Mangueira. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Portfólio de Projetos do Grupo Raízes da Piedade dos anos de 2010, 2011, 2012, 2013, 2014.

RICHARDSON, R. (Org). **Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. Atlas, 3a ed. 1999.

RODRIGUES, Michele de Almeida Rosa; *Bateria Ritmo Forte do G.R.E.S. Unidos da Piedade: um estudo a partir da atual geração de ritmistas às antigas batucadas*. Vitória/ES. UFES. 2020.

SANTOS, Joel Rufino dos. O Movimento Negro e a crise brasileira. **Política e Administração**, v. 2, jul.-set. de 1985, p. 287-307.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões** / Milton Santos; organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.3).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA JÚNIOR, J. C. . BAR DO ROMINHO: CIRCUITO DE SAMBA E TRADIÇÕES. JORNAL A GAZETA - CADERNO PENSAR, VITÓRIA - ES, p. 03 - 03, 19 dez. 2015.

SILVA, Carlos; SANTOS, Pedro. O Samba e as escolas de samba no Rio de Janeiro: a emergência de um movimento cultural local e sua estruturação administrativa na definição de territórios. Rio de Janeiro, 2003. p. 37. Disponível em: maxwell.vrac.puc-rio.br. Acesso em: 21/08/2021.

SILVA, Geovana Tabachi. **Memória de jovem e cultura do samba: lugares de encontros intergeracionais.** 2013. Disponível em: <http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/44_trabalho_000951_1373928595.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2015.

SIQUEIRA, Jane Severiano. **GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DA PIEDADE: Identidade, memória e cultura entre jovens.** Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória/ES. 2013.

Sousa Santos, Boaventura de. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. tradução Mouzar Benedito. -. São Paulo : Boitempo, 2007.

Spink, P. K. "O pesquisador conversador no cotidiano". *Psicologia & Sociedade*; 20, Edição Especial: 70-77. 2008.

THEODORO, Mário. **A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil.** In: _____. (Org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição.* Brasília: Ipea, 2008, p. 15-43

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo: Atlas, 1987.

VALE, I. **Didactica da Matemática e formação inicial de professores num contexto de resolução de problemas e de materiais manipuláveis.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 2000.

VALLADARES, Lícia do P. 1991. Cem anos pensando na pobreza (urbana) no Brasil. In ____: BOSCHI, R. R. (org). **Corporativismo e desigualdade - A construção do espaço público no Brasil.** Rio de Janeiro: Iuperj/Rio Fundo.

SILVA JÚNIOR, J. C. "A atuação do Grupo Raízes da Piedade no território do samba capixaba: os morros da Piedade e Fonte Grande/Vitória, ES". Trabalho de Conclusão do Curso em Pedagogia (UFES), 2015.